

ORGANIZADORES:

FRANCO PORTO
THÉO SANTOS

MISTÉRIOS DOS CERRADOS



Mistérios dos Cerrados

Organizadores

Franco Porto

Théo de Araújo Santos



COPYRIGHT © Academia Barreirense de Letras

Todos os direitos reservados.

As partes desse livro não podem ser reproduzidas por quaisquer meios sem a autorização prévia da Academia Barreirense de Letras. (Lei nº 9.610/1998)

Organizadores: Franco Porto e Théo Santos

Revisão de Texto: Antônia Maria Prado de Araújo, Antônio de Pádua de Souza e Silva, Franco Porto dos Santos e Théo de Araújo Santos.

Imagem da Capa: Pintura em óleo sob madeira, Artista: Théo Santos sob orientação de Igor Belchior.

Ilustrações: Lápis em papel, Artista: Inácio Cordeiro.

Diagramação: Théo Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mistérios dos cerrados / organização Franco Porto dos Santos, Théo Santos. -- Barreiras, BA : Ed. dos Autores, 2024.

Vários autores
ISBN 978-65-01-00535-5

1. Contos brasileiros 2. Mistérios I. Santos, Franco Porto dos. II. Santos, Théo.

24-203909

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

ABL
SELO
EDITORIAL



1ª EDIÇÃO BRASILEIRA: 2024

R. Ruy Barbosa, 67
Centro, Barreiras-Ba
CEP: 47806-136, Brasil



Visite o nosso site: <https://www.academiabarreirensedelettras.com/>

Dedicamos este livro a toda gente da terra e suas tradições transmitidas pela oralidade e nas marcas pessoais de cada autor desta obra.

Apresentação

A leitura destes textos envolventes, ricos em mistérios, memórias afetivas e realidades dos cerrados repatriou-me do universo atual, esse que me aprisiona ao que tem de ser, para a minha pátria primeira, aquela que me acolheu em seu berço e me ofereceu seu chão e seus matizes para o caminhar da minha infância e o seguir da adolescência.

Ademais, aguçou-me os sentidos e o sentir de uma saudade que não se mata, mas se re(vive), aflora...e que cresce de fora pra dentro, regada pelo sal da lágrima e enxergada pelos olhos do pensamento.

Pisei a mesma terra de pés descalços e senti no ar os aromas característicos de lá.

Cheirei a flor de angélica, flor-de-são-joão, de maracujá do mato, e a mistura do sumo de tantos matos.

Atravessei riachos, pesquei piabas e bagre, tomei banho nas lagoas das Veredas, tropecei em arapucas e alçapão, caí na estrada da fonte e não consegui pegar o tatu bola. Corri no gramíá, me arranhei nos garranchos e fiquei cheia de carrapichos que plissaram minha roupa.

Vi caça caçada nos braços do caçador.

Vejo como se fosse agora a raposa correndo na beira da estrada, próximo ao alambique (diziam que ela ia atraída pelo cheiro da cachaça).

Bebi garapa de cana antes de ser fermentada nos cochos para virar água fraca e depois, pinga apurada.

Comi os frutos que já não como... O canapu, a bananinha de macaco, o xixá, o bacupari, a cagaita, o puçá e outros... Os que não foram extintos, agora são escassos e considerados exóticos.

Ouvi o cantar dos passarinhos: o vim-vim, anunciador visitas, o bem-te-vi (atrás do tôco), a coruja no poste da cerca me olhando e me assombrando.

Ah! as maritacas nas mangueiras, aquela algazarra era uma orquestra perfeita.

Ouvi muitas das histórias contadas nesse livro. Para mim, elas nunca perderam o encanto do "era uma vez..." e, nunca terão outros finais.

Chorei de medo das "livuzias"; do véi do saco, como eu corri!

Rezei as mesmas rezas, eu cri, eu creio, eu respeito. Rezei com a garrafa d'água na cabeça, pedindo chuva no sertão.

Eu vi labaredas de fogo lambendo árvores e a fumaça embaçar o céu do cerrado.

Os micos fugindo sapecados, os ninhos dos passarinhos desarvorados, caindo junto com a casa do João de Barro, despedaçada.

Escrevi nas areias daquela terra, risquei meus sonhos de amor nos troncos daquelas árvores; comi rezina do pé de angico...

Tudo o que existe, o que foi ou está em extinção, na terra em que nasci, jamais deixará de existir porque são raízes de mim.

Do mesmo modo, creio que os escritores(as) dessa coletânea de suas lembranças se repatriaram também para as vivências em um passado não muito distante e que ficará para a posteridade, visto que contaram com muita propriedade os causos que ouviram dos seus contemporâneos e dos antepassados.

Aos leitores, com certeza, será o reviver com o olhar de contemplação e de sentimento ampliado num quadro de saudade para ser emoldurado na memória.

Já para os leitores com outras vivências, será uma experiência nova que, além do "prazer em conhecer", lhes serão apresentados em

suas histórias conhecimentos de um cenário lindo que deve ser imortalizado.

Outrossim, para tudo o que foi escrito está reservada a eternidade. Assim será!

Antônia Prado

Sumário

A Livusia que aparece ao meio-dia	12
A seca, os cerrados e seus mistérios	16
A viagem de Ana.....	22
A geraizeira, viúva de marido vivo	28
Alguns mistérios	35
Apenas uma galinha	39
As miragens de Mané Vêi Apoema	43
Há um lugar e um mistério.....	47
História de caçadores	50
Lico Tico, o mico	52
O Lobisomem da Vila Brasil	58
O agouro de Artemis.....	62
O caçador e a caça.....	66
O dono da morte	70
O ilá de Ogum.....	75
O mistério da Princesa do Cerrado	82

O Negro d'água do Rio de Janeiro.....	87
O Negro d'água.....	93
O nome de Téo.....	98
O novo monstro do pedaço	107
O olho do lobo guará	113
O Vale dos Buritis.....	118
Ouçã meu aviso, ele vem pelas águas.....	123
Pedra do Santo	128
Podela	134
Se o cerrado falasse... ..	138
Setembro em Ibipetuba	142
Traíras de Serra Dourada	146
Zumbis do Cerrado.....	153

A Livusia que aparece ao meio-dia

Jair Grinaldo

Esta história se passou há mais ou menos trinta anos, tendo como cenário, a fazenda Várzea Nova, situada no município de Cotejipe, região Oeste do Estado da Bahia.

Naquela época a fazenda era cheia de árvores, pastagens e muitas lagoas, onde aves, como marrecos, galinhas d'água, saracuras, socós e tantas outras, encantavam a todos com seus cantos ao longo do dia, porque, à noite, a sinfonia ficava por conta da variedade de anfíbios, ali existentes.

Mal chegava a noite, ao redor do fogão à lenha, minha avó, Maria Clara punha a janta para os netos, por sinal, muito deliciosa, especialmente as farofas que exalavam um cheiro típico do preparo com manteiga extraída do leite bovino, manteiga de garrafa. Em seguida, passava a contar seus “causos” encantadores. Se ela demorava para contar algum deles, a gente já começava a cobrar. E, prontamente, éramos atendidos.

Certa vez, ela nos colocou sentados ao chão, em círculo, e disse: - “Vou contar pra vocês uma história sobre o que acontece com menino que “xinga”.

Com os adultos da família, aprendemos que certas palavras como “diabo, desgraça” e outras similares, eram terminantemente proibidas de serem pronunciadas. Para eles, essas palavras eram “xingamentos” e poderiam atrair azar e má sorte. Quando isso acontecia, eles diziam que, um dia, veríamos uma dessas assombrações, as quais gritávamos por seus nomes. Minha avó, bem como minha mãe, ao nos ouvir xingar, logo diziam:

- “Assim como vocês chamam uma pessoa e ela responde, do mesmo modo, quando chamam o nome do “diabo” ele também escuta. Um dia ele poderá responder!”

Ouvir esses sermões deixava, meus irmãos e a mim, imensamente amedrontados.

- Pois bem, disse minha avó: a história que vou contar, aconteceu com uma família que morou com a gente, aqui nesta fazenda. Era uma família de quatro pessoas: o pai, que se chamava Francisco, a mãe, Izabel e os dois filhos, Joaquim, o mais velho e Sinhá, a caçula.

Um dia, Francisco saiu para o trabalho nas lavouras. Ficaram em casa, Izabel, o filho mais velho e a caçulinha que já tinha seus nove anos de idade. Tudo transcorria na mais perfeita harmonia.

Naquele dia as crianças ajudaram a buscar água nas lagoas, para encher os potes e preparar o alimento, ajudaram a debulhar o feijão verde para preparar o almoço e outras atividades mais, solicitadas pela mãe.

Assim que terminaram de almoçar, Izabel pediu às crianças que colocassem as louças na cozinha e as lavassem, para não acumular. Foram os dois irmãos, cumprir a atividade.

No prato da garotinha Sinhá, ainda restava um pedaço de frango: a coxa. Ela tinha o hábito de comer e deixar o pedaço de carne para degustar ao final. Já na cozinha, ela se sentou ao chão, no canto da parede. Ao se distrair um instante, uma galinha que se encontrava no interior da casa (porque na fazenda os bichos eram criados soltos), avançou na coxa de frango, fugindo com a mesma no bico. Como se viu com poucas chances de recuperar o petisco, a menina gritou:

- Mãe, o diabo dessa galinha pegou minha coxa de frango!

Ela sabia que, de certa forma, era proibido xingar, mas, naquele momento de ira, foi inevitável!

A garotinha ficou muito triste e seu irmão Joaquim foi consolá-la, quando, de repente, escutou um forte barulho, advindo da janela da cozinha, que era de madeira e fechada com uma simples tramela. Era um ruído rouco, forte e amedrontador!

De repente, plaft! A janela foi quebrada e tomada por uma criatura horripilante! Os braços e rosto eram totalmente peludos! Pelos gigantes e pretos que chegavam a brilhar. Era a tão falada Livusia!

Ao olhar para ela, as crianças tremeram feito galhos verdes em dia de tempestade. Joaquim, o filho mais velho, tomou as rédeas da situação e gritou com todas as forças, no sentido de se livrar da assombração, da aterrorizante e misteriosa Livusia:

- “Não me come não, bichão, que eu rezo!!!” E disparou: “-pai nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome, Ave-Maria, cheia de graça, o senhor é convosco!” Isso mesmo! Misturou as orações!

Quando o menino olhou para a irmã, ela também já estava perdida nas orações e de tanto nervoso, já havia feito xixi na roupa, tanto que escorria pela cozinha.

A Livusia aparentou não se importar com as orações! Saltou janela adentro, na direção das crianças, levantando as mãos e emitindo rugidos espantosos! Ela assombrava em pleno meio-dia!

Quando as crianças já não tinham mais forças para rezar, tremer e gritar, a mãe, que ao ouvir os gritos das crianças, entra aflita, invade a cozinha correndo, e pergunta o que está acontecendo. Ao ver aquele ser com aparência de monstro, foi invadida por um medo terrível e proferiu as seguintes palavras:

“- A casa é velha, o povo é rude, mas estão cobertos com os poderes das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, que mandou lhe dizer: Suma! Fuja! Suba ou desça! Neste lugar, tu não hás de ficar”. Neste momento, benzeu-se, fazendo o sinal da cruz.

Ao vê-la e ouvi-la, a Livusia pulou a janela e sumiu em direção às pastagens.

Os trabalhadores que estavam na roçagem do pasto, ao avistarem a tal criatura, saíram descontrolados, abandonando suas ferramentas, saltando cercas e procurando a direção de suas casas.

Conta-se que, por um grande período de tempo, ninguém aceitou ser trabalhador naquelas pastagens, por puro medo de voltarem a avistar a Livusia que aparece durante o dia. Quanto mais a história era difundida, mais gente tinha pavor de se encontrar com a criatura.

As crianças, por muito tempo, ficaram assustadas. Não conseguiam mais ficar sozinhas em um cômodo da casa. Entrar na cozinha, então, era praticamente impossível, diante de tanto medo.

O mistério da Livusia, começou a ser resolvido quando, na fazenda vizinha, a avó de um jovem de mais ou menos dezesseis anos de idade, chamado Lucas, que passara as férias com ela, começou a preparar sua mala para a viagem de volta à cidade. Ao mexer nas roupas que estavam na mala, a avó começou a perceber que existia uma

grande quantidade de cabelo extraído da crina de cavalos e da cauda de bovinos.

Sem perder tempo, ela chamou o jovem rapaz e pediu explicações. Segundo ele, ao adentrar na fazenda e ver nas árvores tantos ninhos de pássaros feitos com crina de cavalo, teve a maquiavélica ideia de criar aquela assustadora e realística fantasia para aterrorizar as crianças medrosas.

A avó não pensou duas vezes. Obrigou o garoto a pôr novamente a fantasia e a usar as mesmas vestes que serviram para amedrontar as crianças e outros moradores. Assim que ele ficou totalmente trajado, ela o conduziu à fazenda vizinha, deixou-o escondido num local até que explicasse toda a situação às crianças, vítimas da brincadeira, e também seus familiares. Em seguida, pediu que ele viesse, para retirar a parafernália que usava como fantasia. Mesmo tendo ouvido toda a narrativa, as crianças ainda estavam tremendo de medo.

O garoto então, começou a puxar toda a cabeleira que usara para esconder o rosto e os braços. As crianças ficaram aliviadas por saber que a Livusia não passara de uma brincadeira de mau gosto. Ele se desculpou com todos e se mostrou arrependido pelo medo provocado nas crianças e até nos trabalhadores.

Essa história ainda não acabou...

Cerca de dois meses depois de seu retorno à cidade, para sua rotina de estudos, o jovem morreu atropelado por um carro que subiu na calçada por onde ele andava.

Desde então, naquela região, muitos afirmam que as crianças que xingam demais, recebem a visita de uma Livusia, com as mesmas características do jovem quando fantasiado, e sempre ao meio-dia!

Se é verdade, ou se é mentira, não se sabe! O que se sabe, é que daquele dia em diante, aquelas crianças e todas as demais na região, pensavam muito bem antes de “xingar”, por puro medo!

Medo de Livusia!



A seca, os cerrados e seus mistérios

Valdélia Bomfim Ramaccotte

Naquela época as famílias viviam isoladas, distantes da modernidade. Nas fazendas do Oeste Baiano, no município de Formosa do Rio Preto, Bacia do Rio Grande, nas proximidades do Rio Preto, situada no Bioma Cerrado. Sua vegetação nativa apresenta fisionomia de cerradão e campos, cenário, onde aconteceu esta história da família Santos, formada pelo pai, Pedro, a mãe, Ana e três filhos, Eva, Mateus e Júnior, pessoas simples, de boa formação e valores éticos, educam seus filhos, por meio da sabedoria popular e gostam de afirmar: “beleza não põe mesa”. Vivendo em um casebre, distante do Rio Preto, conhecem bem a Seca e os “Mistérios dos Cerrados”.

A ausência de regularidade de chuvas e de políticas públicas voltadas para resolver a situação, se agrava a cada ano, com a falta de água e assim, o fogo e as queimadas tornam-se um problema crônico.

A família Santos reconhece que o Cerrado vive o maior desmatamento de sua história. Para sua tristeza, o que antes era vegetação, hoje, pode se tornar desertificação. Assim, a seca é vista como um dos mistérios dos cerrados a ser desvendado e por sua vez, evitado.

Em seus diálogos, Ana revela a Pedro:

– Pedro, lembra do que nossos pais falavam? Veja o que está acontecendo!

Pedro passou a recordar o que diziam seus pais e, os mais velhos daquele lugar.

– Sim, eles diziam que desmatamento era coisa de televisão, distante de nós...

– É verdade, Pedro, para nossa tristeza, o desmatamento, a seca, agora está presente nas nossas vidas, na nossa realidade.

A senhora Ana pensativa e assustada, comenta:

– Bem! Quem diria, estamos em perigo! Precisamos buscar ajuda, recorrer às nossas tradições, rezar e pedir a São José para que a chuva caia no sertão.

O clima da região resume-se em apenas duas estações, alternando com períodos de chuvas e secas. Com duração maior de seca, entre os meses de março a outubro e menor período de chuva entre novembro e fevereiro.

Ainda assustada, a senhora Ana comenta com seu esposo e filhos:

– Observem mudanças, vejo o céu sem nenhuma nuvem, nem sinal de chuva!

As chuvas cada vez mais escassas e passageiras, depois de meses de estiagem e altas temperaturas. Ela sabia que era preciso fazer algo, recorrer a oração, apegar a São José para que a chuva caísse na terra e molhasse o chão.

Nos últimos anos, a população vem sofrendo com as mudanças climáticas, com muitas queimadas, desmatamento, chuvas espaciais, altas temperaturas e ondas de calor. Com a ampliação do agronegócio, tamanhas foram as perdas da fauna e flora e as mudanças nos Cerrados.

Em noite de lua cheia, deitados nas redes penduradas no alpendre da casa, ao redor do fogo, o casal junta-se aos viajantes e tropeiros que passam por ali, nas rodas de conversas, eles contam suas histórias, tradições e costumes de sua gente.

Ana recorda muito bem, quando ouvia atenta, os pedidos de suas bisavós, avós e pais, quando se dirigiam as suas gerações, dizendo:

“Façam com fé e cantem em oração, para que a chuva caia no chão”.

A Senhora Ana dirigiu-se aos filhos com estas palavras:

– Filhos! Chegou a hora de vocês conhecerem a nossa tradição, que recebemos de nossos antepassados. De molhar o Cruzeiro para “fazer chover no Cerrado”.

Os filhos curiosos para conhecerem a tradição de seus pais e avós, aproximaram-se, sentaram no chão para ouvirem em silêncio cada refrão.

Eva, atenta, indagou:

– Mãe, conta tudo, tintim por tintim...

– Seu avô gostava de contar que em noite de lua cheia o lobisomem, um homem que, segundo a crendice dos homens, se transforma em lobo nas noites de sexta-feira com o clarão da lua, vagueia pelas estradas assustando as pessoas.

E eles passaram a explicar como acontecia a manifestação cultural, e os mistérios naquele local.

O Senhor Pedro prosseguiu...

– Naquele tempo, as mulheres, jovens e crianças, convidavam os vizinhos para juntos, no dia seguinte, ao meio dia, debaixo de sol quente, saírem em direção ao Rio Preto, para encher os vasos com água, andando, cantando e rezando, ao longo do trajeto, em procissão, com pedras na cabeça, vasos de flores na mão e muita água no galão, para levar e deixar a água cair à Cruz, molhando e pedindo chuva com abundância, rogando e cantando com fé, a São José, em sinal de penitência e com os joelhos ao pé da cruz. Assim, receber a graça e vê a chuva correr no chão.

Depois... a Senhora Ana passou a cantar baixinho, o refrão, com voz afinada e suave esta melodia:

*“Oh! meu Divino São José,
Aqui estamos aos vossos pés,
Pedindo chuva com abundância,
Meu Jesus de Nazaré...
Quem tiver sua devoção,
Se apegue a São José,
Ele é um Santo de milagre,
É um Senhor de muita fé”.*

Ana, não conteve a emoção e perguntou:

– Vocês gostaram?

Os filhos responderam:

– Sim, muito mamãe.

Os filhos ficaram satisfeitos e interessados naquela tradição familiar.

Daquele dia em diante a família Santos passou a conhecer as tradições, a preservar a Cultura local e passar os “Mistérios dos Cerrados” às futuras gerações.

Júnior, o filho mais novo, saiu para morar na cidade grande, com o objetivo de estudar. Chegando lá, se tornou pesquisador na Universidade, levou consigo, suas vivências, sua história, sua realidade e seus problemas. Lembrou-se das dificuldades da vida de seu povo e da seca.

Logo, veio a pergunta: O que fazer para levar água e matar a sede de meu povo e mudar a realidade do meu lugar? Essa indagação virou objeto de estudo.

Anos depois...

De volta a sua casa, de longe avistou seus pais e irmãos, todos correram para o abraçar, com o sorriso no rosto e muita emoção.

Em seguida, começaram a conversar. Júnior perguntou aos familiares:

– Sabem o que aprendi na Universidade? Que a Agricultura do Futuro deverá ser Multifuncional, para produzir alimento, fibra, energia, nutrição e saúde. Preservar o Bioma Cerrado. Ah! Aquelas árvores exóticas, de troncos frondosos e retorcidos, a mais rica biodiversidade do mundo!

Os dois irmãos mais velhos, Eva e Mateus, estavam atentos à conversa, porém, sem entender muito, pois não tiveram a mesma oportunidade de estudar, como o pequeno Júnior.

O Júnior, jovem pesquisador, percebeu as dificuldades dos irmãos e passou a explicar:

– A teoria aliada à prática traz benefícios, mas é preciso preservar o Bioma Cerrado, cuidar das plantas e animais, conservar o solo, não desmatar, economizar água, incluir construção de açudes, integração de bacias, construção de poços e cisternas. Implantar a cultura da agricultura familiar sustentável e conhecer a literatura e o livro: “Contos dos Cerrados”.

O jovem cientista reconheceu a importância de valorizar a tradição e a cultura local de sua gente, entendeu que os costumes e tradições são importantes e que não existe cultura superior ou inferior, elas são apenas diferentes, mas que podem andar juntas e minimizar o problema da seca, pois da “união nasce a força”.

Assim, Júnior e seus irmãos diante da estiagem prolongada, a seca, reuniram a comunidade para molhar o Cruzeiro e celebrar com festa a chuva que cai mansa no Bioma Cerrado, logo, tudo fica verdinho e quem sabe? Desvendar os mistérios dos Cerrados”.

A viagem de Ana

Rafael de Figueiredo Lopes

Ana decidiu viajar e não avisou ninguém. Improvisou uma cesta com sanduíches e frutas, colocou uns apetrechos de camping no porta-malas do carro, respirou fundo e foi. Partiu no silêncio do alvorecer. Passou pela neblina se dissipando na serra, sentiu um vento bom e viu o céu se abrir, contrastando com as rochas alaranjadas dos chapadões erguidos em torno do vale que, após as chuvas, se esverdeava.

Tinha algumas pistas sobre onde queria chegar. Um mapa de papel rabiscado com indicações de percursos e desenhos que nem sabia exatamente o que eram. Nem recordava em que época havia traçado aquela rota. Possivelmente, na adolescência, quando ouviu de uma andarilha que seguindo por uma determinada estrada de terra daria num rio de águas cristalinas, contornado por um buritizal. O lugar era conhecido por poucos, portanto, perfeito para quem buscava meditar longe da agitação da cidade.

No trajeto, observava o horizonte se perder em extensas plantações de soja. Tudo isso era uma beleza de cerrado, pensou ao diminuir a marcha, sentindo a nostalgia da natureza desaparecida. Pelo caminho, de povoado em povoado, foi surpreendida por bifurcações que mais adiante se ramificavam, divergindo do mapa que a guiava.

Entendeu que chegar ao destino dependeria das escolhas sobre qual rumo tomar toda vez que as veredas se abrissem. Se guiou pela intuição e não descartou que qualquer erro poderia levá-la ao inesperado. Não teve receio de continuar, pois queria experimentar as incertezas. Ansiava afastar-se de sua realidade burocratizada e sem paixão para aventurar-se no improvável, e submergir às profundezas de si mesma. Era preciso se redescobrir ou se reinventar. Ninguém tem

tempo para nada, corremos em busca de sucesso, mas apenas sobrevivemos sem realmente dar sentido à existência, disse ela a uma amiga alguns dias antes da viagem.

Pensava nisso quando avistou a placa 'Bar da Vanda a 200 metros'. Reduziu a velocidade e decidiu parar naquele local, cercado por jatobás e ipês copados. Do interior do carro, achou a casa peculiar. Com dois pavimentos, era construída com pedra, madeira e barro, tinha um telhado inclinado coberto por uma espécie de gramínea e orquídeas vermelhas. Teve a impressão de avistar uma moça na janela superior. Era impossível não notar a palmeira que ascendia pela chaminé do fogão a lenha.

Ao descer, seus pés afundaram em um tapete de flores cor-de-rosa e amarelas que pendiam das árvores. À sua frente, uma escada de tábuas apodrecidas conduzia à varanda. Quatro mesas exibiam os vestígios de um almoço que parecia ter ocorrido há algum tempo. Garrafas de cerveja, copos e pratos com restos de comida atraíam moscas, formigas e pássaros. Entretanto, um inebriante aroma de canela vinha lá de dentro. Ao adentrar, ela foi remetida a algum lugar do passado. A poeira flutuava no ar, destacada pelos raios de sol que penetravam pelas janelas, recortando o espaço. As prateleiras, o balcão, os utensílios - tudo evocava uma aura muito antiga. "Realmente, é antigo mesmo", afirmou a mulher que surgiu pela porta da cozinha carregando uma bandeja fumegante. E, completou a fala, informando que além de adivinhar pensamentos, preparava o melhor bolo brevidade da região.

Ana riu, num misto de perplexidade e desconfiança. Mas, a mulher logo a advertiu de que não era vidente, explicando que praticamente todos que chegavam ali faziam as mesmas perguntas. Consequentemente, já conhecia as impressões e curiosidades de quem explorava o lugar pela primeira vez.

"Muito prazer, sou a Vanda", disse, estendendo a mão. Ana também se apresentou e aceitou um bolinho oferecido pela excêntrica

anfitriã. O doce possuía uma leve crocância, e sua massa derretia na boca. “É o melhor que já provei”, elogiou Ana, enquanto era servida com o café recém-coado em filtro de pano. “E nem é minha especialidade, você precisa comer o bolo de mandioca”. “Olha a roça que cultivo logo ali”, apontou Vanda para a plantação vista pela janela. Naquele momento, Ana estranhou não ter notado movimentação na estrada e nem a chegada de outras pessoas ao local.

No canto do balcão, Ana reparou um entalhe esculpido num tronco de madeira, cujos galhos sinuosos se fundiam em um corpo feminino. Intrigada pela força transmitida, perguntou o que era. “Minha mãe se entretinha fazendo peças como essa que para ela representava a mulher florescendo em sua essência. Dizia que não podemos separar o corpo, a mente e a natureza que nos cerca quando queremos compreender quem realmente somos”, explicou Vanda, levando a escultura para a visitante ver os detalhes.

As duas conversaram por horas. Falaram sobre banalidades, sonhos para o futuro e também frustrações. O tempo passou lento. Os ponteiros do velho relógio de parede pareciam dissimular os próprios giros. Ana ficou sabendo que Vanda herdara o bar de sua mãe, que o recebera da avó. O local mantinha as mesmas características desde a década de 1940, sequer havia luz elétrica. “Está se deteriorando e a natureza querendo retomar o que lhe foi tirado, mas eu acho bonito assim”, comentou a dona do estabelecimento, resignada com a situação. A tradição daquela linhagem de mulheres taberneiras terminaria com ela, já que a única filha havia falecido recentemente.

Ana percebeu a tristeza que se abateu sobre a anfitriã quando o semblante alegre se transformou em prostração. Um silêncio criou uma lacuna desconfortável na conversa. Achou indelicado dar continuidade ao assunto e preferiu não perguntar detalhes. “Sinto muito pela sua filha, imagino que não haja sofrimento maior”, expressou Ana, apertando levemente as mãos de Vanda, que estavam entrecruzadas sobre o balcão.

“Já está tarde, preciso ir”, irrompeu a viajante ao notar que o sol estava se pondo. Daqui para o rio não há pousadas, e você ainda tem muita estrada até chegar no acampamento. É melhor passar a noite aqui, é mais seguro”, ponderou Vanda. Ana hesitou, mas acabou concordando. Quis ajudar com as coisas no balcão, mas a destreza da anfitriã em organizá-las foi como um espetáculo de ilusionismo. Num átimo de segundo tudo o que estava posto se transformou.

Quando se deu conta, a sopa preparada para o jantar já estava servida na mesa da sala contígua ao bar. Ana era transposta ao espaço íntimo daquela família de mulheres, cuja genealogia se estampava na sequência de fotos que preenchia uma estante. Nas imagens, a presença masculina era ausente, e sem verbalizar sua curiosidade, teve a resposta. “Os homens nunca nos acompanharam por muito tempo. Foi sempre assim, alguns ficaram enquanto lhes convinha, outros não tiveram a determinação para compreender os ciclos de fartura e escassez”, falou Vanda, com a voz serena e iluminada pelas lamparinas que deixavam o ambiente em tom âmbar e incrivelmente aconchegante.

Após o jantar, sentaram-se em um sofá de veludo azul desbotado, com remendos visíveis em algumas partes. Sobre ele, uma capa em crochê com enormes botões de rosa em relevo. Beberam um chá de ervas que Vanda aprendeu a preparar com a avó, grande conhecedora de plantas medicinais. Foi a última parteira do povoado, disse a dona da casa apontando para uma grande tesoura pendurada na parede. As xícaras craqueladas, que momentos antes Vanda havia retirado da cristaleira, pareciam carregar uma história própria. Ana desviou o olhar para o fundo da sala, notou uma pilha de enciclopédias encadernadas de couro com letras douradas, e imaginou quem as teria lido.

Contemplaram o momento como duas amigas que sentem a presença ativa uma da outra, como se já se conhecessem de muito antes. Ana refletia sobre a coragem e generosidade daquela desconhecida

quase familiar, quando a anfitriã, com um sorriso enigmático, revelou que o quarto de sua filha estava preparado para Ana repousar.

Subiram as escadas. Ao percorrerem o corredor, o assoalho rangia a cada passo, como se quisesse compartilhar suas memórias. Vanda abriu a porta dos aposentos preparados para a hóspede, e um perfume suave se espalhou do quarto para fora, como se reminiscências de outros tempos tivessem escolhido aquele momento para exalar sua essência. Ana entrou, e teve a impressão de ouvir o sussurro de alguém lhe desejando boa noite. Contudo, ao se virar, já estava sozinha.

Ao redor, alguns brinquedos se misturavam a pôsteres de cantores, que imaginou serem os ídolos da adolescente falecida. De frente à cama, o oratório com uma vela acesa era adornado por pequenas estátuas de santos. Na parede, uma gravura retratava uma menina brincando próximo a um rio, sob a atenta vigília de um anjo.

Teve o impulso de ler o diário sobre a escrivadinha, encapado artesanalmente com o desenho de um cavalo pintado com giz de cera, mas censurou tal vontade imediatamente. Mesmo tendo consentimento para estar ali, sentia-se uma invasora da privacidade alheia. No entanto, também ansiava por desvendar quem era e no que pensava a jovem que havia ocupado aquele quarto tão inocente, místico e radiante. Ana chorou por uma saudade que não sabia ao certo de onde vinha. Relembrou momentos do passado, e aos poucos, a melancolia foi sendo substituída por uma esperança sincera. Assim, deixou-se contagiar pelo prazer da simplicidade encontrada naquela experiência.

Na cadeira ao lado, havia uma camisola. Ana supôs que tinha sido deixada ali para que pudesse vestir algo mais confortável. O perfume que ela sentira ao entrar impregnava a roupa, e conforme se vestia, uma estranha força passava a envolvê-la. A delicadeza do tecido sobre a pele a acalmava como uma carícia afetuosa e quente. Sentiu uma gratidão enorme e se deitou na cama. As molas rangeram, e ela achou graça. Fechou os olhos e, transportada pela sensação de plenitude, desenhou cenas na imaginação. O sono foi se aproximando

como uma névoa, encobrendo pensamentos, aquietando os ruídos, tornando tudo mais lento até apagar completamente a consciência...

Ouvindo sons de um galope, Ana abriu os olhos. Ergueu-se rapidamente, e percebeu que estava em outro lugar. Uma moça a cavalo descia uma pequena ribanceira que se integrava à margem de um rio de águas cristalinas. Próxima à prainha, onde uma canoa repousava amarrada a um toco, uma senhora esculpia uma carranca. Enquanto isso, dentro d'água, uma menina brincava na correnteza suave. Saltava, mergulhava, erguia os braços, ria, batia as pernas e se fascinava com as gotas salpicando no ar.

Do outro lado da margem, uma mulher que brotava da terra observava a cena. Ana se reconheceu nela, como quem contempla o próprio reflexo no espelho.

A geraizeira, viúva de marido vivo

Ananda Lima

A vida na roça era dura, exigia muito de todas. Na casa só vivia mulheres. Sr. Diocleciano, pai das meninas, um dia saiu dizendo que ia à cidade comprar fumo de corda para fazer cigarro, e não voltou mais. Já fazia 14 anos de sua partida. D. Nenzinha foi criando as filhas em meio a muitas adversidades próprias de quem vive na roça. As meninas eram ajuizadas, ajudavam a mãe na lida da roça e dos afazeres de casa.

Nenzinha e Diocleciano eram geraizeiros, e as filhas também. Nasceram e viveram a vida inteira no Gerais do Cerrado baiano. A água nestas terras brota como fonte de esperança, rasga o solo em pequenos brotos, fazendo caminhos das águas, o nascedouro de rios, que garante a multiplicidade de alimentos produzidos no agrupamento familiar. A vida era regada a muita simplicidade. O pai cuidava do trabalho mais pesado e a mãe com as filhas mais velhas, cuidavam das atividades que exigiam menor esforço físico, além das tarefas de casa.

À noite, era tradição, após tomarem banho e jantar, sentarem na varanda da casa para contar causos para as meninas. Os pais sempre se revezavam nesta experiência. As meninas viviam um misto de emoções e reações. Ora achavam graça, ora grudavam umas nas outras por medo em meio a uma gritaria, fruto de percepções relacionadas à história contada, sempre tinha uma que dizia que via alguma coisa.

D. Nenzinha contava histórias alegres ou que traziam algum ensinamento para as meninas, as famosas fábulas. Mas ela sempre tinha o cuidado de envolver os elementos de sua realidade nas histórias. Então, era comum um tatu bola conversar com um ipê amarelo... As meninas riam e adoravam ouvir tudo aquilo. Já o Sr.

Diocleciano sempre trazia uma história de suspense, detalhes do local da história e das personagens. Isso provocava nas meninas um frisson enorme.

Certa noite, a lua estava esplêndida, luminosa, emoldurada pelo céu e diversas estrelas menores, numa sinfonia a piscar, poucas nuvens eram perceptíveis. A claridade era tanta que pouco efeito a lamparina estava fazendo, diferentemente dos dias anteriores. Diocleciano lembrou de uma história contada por seu pai e resolveu recontá-la para as meninas.

- Ouviam-se os galhos estralarem, como se estivessem queimando numa fogueira, eram os passos rápidos de um ser que deixava dúvida, se era humano ou animal, dado o impacto e intensidade das suas pisadas. A noite estava mais sombria, uma nuvem carregada, encobria a lua quase que por completo, não se conseguia ver nada com nitidez. Conforme o ser se movimentava, aparecia um uivo rasgando a noite.

- Auuuuuuu, auuuuuuuuu, auuuuuuuu...

Diocleciano tinha o dom da imitação, fazia o uivo idêntico do lobisomem. As meninas ao ouvirem, começaram a gritar e a se abraçarem. Até D. Nenzinha sentia os cabelos arrepiar. A menina Madalena dispara:

- Tem alguma coisa ali entre as três-marias da mamãe, vi um vulto.

Diocleciano esperava a gritaria diminuir para prosseguir com sua história, e com riqueza de detalhes, tinha o lobisomem como personagem central. Entretanto, na história dele, o lobisomem ganhava contornos do lobo-guará, animal típico do cerrado. Dizia que o homem se tornava em partes animal por causa do péssimo hábito que ele tinha de caçá-lo. Certa feita, numa dessas caçadas o animal gemia de dor, ainda se debatia e o homem ao pegá-lo, foi mordido na mão, mas o animal estava tão frágil, em seus últimos instantes de vida, que foi uma mordida leve, porém o animal fixou um olhar triste na fisionomia

daquele que se tornara seu algoz. Diz a lenda, que desde então, aquele homem na primeira noite de lua cheia, se transformava parcialmente em lobo, como castigo pelo que fizera.

A vida daquela família seguia seu itinerário, eram felizes até sofrer uma mudança brusca com o desaparecimento do pai. Viver sem notícias, sem saber o que aconteceu, levou a matriarca a uma tristeza profunda. Vez ou outra recebia a visita de uma comadre, uma vizinha que dizia que ele deve ter se enrabichado com alguém da cidade e resolveu deixar para trás a esposa e as filhas. Ao escutar aquilo, Nenzinha sentia uma tristeza dilacerante, quando as pessoas saíam, ela ia em direção a lagoa, entre os arbustos chorar, longe dos olhos das filhas.

Passaram-se os anos com muitas dificuldades, elas não tinham dinheiro para pagar um trabalhador diarista para ajudá-las nas atividades mais duras, tudo era feito por elas, de sol a sol. As filhas mais velhas cuidavam da lida na roça e a lavagem de roupas, as mais novas cuidavam da casa e uma das outras.

Sempre aparecia um carrão levantando poeira no terreiro de D. Nenzinha. Dos carros, desciam homens endinheirados querendo comprar a terra da viúva de homem vivo. Diferentemente das mulheres que achavam que o cabra sumiu por causa de outra mulher, a teoria dos homens era que ele tinha ganhado um dinheiro, escondido da mulher e das filhas e foi viver longe delas. Nos bares das comunidades vizinhas era o que se falava entre um gole de cachaça e outro. De certo, as suposições eram muitas, mas certeza mesmo só se tinha, que aquele homem sumira.

Quanto as propostas de compra, Nenzinha sempre tinha uma resposta segura.

– Nossas terras não estão à venda. É pouca, mas é nossa. Aqui vamos ficar!

E por defender sua prole, a matriarca passou a ser chamada de viúva valente.

As propostas eram sedutoras a quem tivesse um pouco de ambição. Mas aquela mulher não tinha ambição alguma, tudo que ela queria era a resposta do tempo a respeito de Diocleciano. Ela não podia sair dali, vai que ele voltasse...além do mais, ali tinha cravado a história de amor deles e de suas filhas, pensava ela silenciosamente.

Com o passar dos anos, de fato Nenzinha se tornou uma mulher dura, objetiva, sem ardeios no que tinha que dizer. Enfrentava todo tipo de trabalho na lavoura para garantir a dignidade das filhas e não aceitava aproximação de malandro que tentasse tirar proveito de suas filhas. A mulher delicada, de sorriso afável, foi dando lugar a uma mulher que precisava se impor num reduto hostil e predador.

Numa certa manhã, Nazira acordara cedo, ela era a terceira filha de Nenzinha, de um total de oito. Tomou um pouco de café feito pela mãe, em seguida, colocou uma trouxa de roupas na cabeça, pegou uma bacia de alumínio, um balde e lá ia ela lavar as roupas da semana no lago perto de casa. O sol estava dissipando o céu quando a moça seguiu para sua labuta.

Nazira observou que o lago estava cheio de trevo-aquático. A planta com quatro pétalas para ela era símbolo de esperança e sorte, que flutuava em alguns pontos do lago. A moça contemplou um pouco a beleza que aquela cena lhe ofertava, mas logo voltou a atenção para as roupas e iniciou a lavagem. Enquanto lavava, escutou uma voz delicada que dizia:

– Prepare-se! Seu pai está voltando.

Nazira sentiu um arrepio, olhou para o lago e as plantas, imaginou que uma delas tinha falado. Ponderou um pouco mais sobre aquilo que escutara e com o coração batendo forte, respirou fundo, procurou se acalmar. Sussurrou:

– Hoje estou com muita imaginação...

A moça concluiu o trabalho e voltou para casa. Quando chegou em casa, Nenzinha já estava. A filha olhou para a mãe e teve vontade

de lhe contar o que ocorrera mais cedo, mas hesitou. Porém, a moça estava estranha, silenciosa, aérea. Depois de um tempo a mãe notou a estranheza da filha e lhe questionou:

– Alguém lhe perturbou?

– Não, mainha.

– O que houve para você está assim?

Nazira, diante da abordagem da mãe, se emocionou e contou-lhe o ocorrido. A mãe levou à mão ao peito e uma forte emoção lhe tomou conta.

– Mainha, a senhora acredita nisso? – Perguntou a filha.

Nem deu tempo a mulher responder, ambas ouviram uma voz. Elas se entreolharam e foram em direção a varanda, as demais filhas iam chagando pelas laterais da casa. Nazira e Nenzinha pareciam ver um ser de outro mundo. Elas desejaram muito que aquilo acontecesse, mas diante da situação real não sabiam o que fazer. D. Nenzinha não suportou a emoção. Desmaiou.

Nenzinha quando voltou a si, estava diante do amor da sua vida, Diocleciano. Ela olhava para ele como se quisesse se certificar se era ele mesmo, se lhe faltava alguma parte. Não emitia uma única palavra. Ele chamava-a pelo nome na esperança de uma manifestação. As filhas ao redor da cama com expressão de preocupação. Passado algum tempo ela pede as filhas que saiam do quarto.

– Aonde você estava todo esse tempo, homem? Por que você foi embora? Indagou Nenzinha.

A mulher corajosa que enfrentou fazendeiros, charlatões que tentavam se aproximar de suas filhas, não tinha certeza se estava pronta para ouvir as respostas das suas indagações. Um tremor tomou conta de si.

Diocleciano coçou a garganta e iniciou a narrativa.

Ao concluir, Nenzinha levantou-se e o chamou para a sala, pediu que todas as filhas também estivessem lá. Diocleciano estava confuso, pois aquela mulher que estava diante de si, não parecia em

nada a mulher afável com quem se casara no passado. O homem receoso pelo olhar firme da mulher, tentou iniciar uma abordagem explicativa, conciliadora, mas foi interrompido por uma fala contundente de Nenzinha.

- Diocleciano, ouvi sua história. Agora sou eu que falarei. Minhas filhas este é o pai de vocês que volta para casa depois de muitos anos. Fui chamada de viúva de marido vivo, nunca me senti viúva nem de marido vivo, nem morto, porque me alimentei da esperança e das memórias que vivemos até aquele dia que foste comprar fumo de corda. Mas a partir de hoje serei de fato a geraizeira, viúva de marido vivo! Saia da minha casa e não volte aqui nunca mais.

O homem atônito tentou argumentar, mas a mulher pegou a espingarda e lhe disse:

- Suma daqui para que eu não me torne viúva de marido morto!

Diocleciano partiu cabisbaixo. As filhas não sabiam como reagir diante de toda aquela situação que acabara de se apresentar.

- Minhas filhas, confiem em mim, aquele homem não é digno de nós, nem mesmo que vocês saibam o que o levou a fazer o que fez. Diz a mãe.

Nazira confabulou com as irmãs e disse:

- Mainha, a senhora nos mostrou que és uma mulher forte e arretada, mesmo sem nosso pai, trabalhou duro todos esses anos para nos dar o que comer, cuidou da gente mesmo quando a senhora era quem precisava de cuidados, somos muito gratas por isso. Então, se dizes que ele não é digno de nós, acreditamos em você e o deixaremos ir.

As oito filhas e a mãe se abraçaram no centro da sala.

No dia seguinte, a vida seguia seu itinerário naquelas terras como um dia comum. Aquelas nove mulheres estavam mais imbuídas em vencer as adversidades que viesse a surgir.

Nenzinha contemplava as filhas, o plantio e falava consigo mesma: “Diocleciano já foi um bom contador de histórias... não mais. Sobrevivi até aqui, de agora em diante vou viver!”

Alguns mistérios

Marilde Guedes

Há muitas décadas, no bairro Morada dos Mistérios, Rua da Assombração, casa número 13, morava o senhor Domingos Misterioso, que gostava de contar causos, histórias, para a criançada, sempre que anoitecia. Eram histórias de arrepiar, dar medo na hora de dormir, com o candeeiro apagado. Sim, apagava-se o candeeiro para não gastar o querosene, porque não havia luz elétrica, naquele bairro. Tinha criança que fazia xixi na cama, com medo de ir ao banheiro, no escuro.

Seu Domingos, já de certa idade, cabelos e barba grisalhos, mas, de memória invejável, era exímio na arte de contar histórias. Fazia questão de contar com os mínimos detalhes, entonação da voz, gesticulação, gemidos, expressões faciais, tudo para que parecesse a mais pura verdade. E como parecia! Um detalhe, preferia contar em noites sem luar, para ficar mais amedrontador.

Clara Luz, menina de 10 aninhos, coitadinha, ficava apavorada ao ouvir os mais misteriosos casos, que de tantos detalhes, acreditava. Ora, seu Domingos não mente. Apesar de muita gente não acreditar. Ele mesmo dizia: acredite quem quiser!

A ingenuidade infantil parece crer em muitas coisas, até em mistérios. Será bom? Será ruim? Deixa pra lá, depois a gente descobre, sem pressa. Vamos viajar pelo mundo da fantasia, da sabedoria popular, deleitar-nos com tudo que a literatura oferece. Era o que dizia, a senhora Alexandrina, mãe de Clara Luz. Pelo visto, uma senhora estudada, como se dizia na vizinhança.

Muitos mistérios nosso contador tinha no repertório: mula sem cabeça; cobra-cega; pavão misterioso; fantasmas; lobisomem; casa mal-

assombrada; santos que choram lágrimas de sangue; nego d'água, e tantos outros.

Certa noite, após o jantar, como de costume, casa cheia de ouvintes, ávidos por histórias, mesmo que fossem as mais cabeludas e assustadoras, quem aparece? Nem precisa responder, já sabemos quem é o maior contador de mistérios da redondeza.

– Seu Domingos, falou Rogério: qual a novidade de hoje? Estamos todos curiosos, apesar de medrosos.

– Medo do que, meu filho!? Hoje vou contar dos “Mistérios da Meia-noite”. Já ouviram falar? Como não? É até letra de música, cantada na abertura da novela Roque Santeiro, (1985-1986), do século XX. Não se lembram porque vocês ainda não haviam vindo ao mundo. É de autoria de Zé Ramalho, grande compositor e músico, nordestino igual a nós!

– Aí vai uma estrofe, para conhecerem. Depois, pesquisem a letra completa, para desvendarem o mistério. Quero ver quem vai me surpreender, cumprindo essa tarefa.

“Mistérios da meia-noite

Que voam longe

Que você nunca

Não sabe nunca

Se vão, se ficam

Quem vai, quem foi

Impérios de um lobisomem

Que fosse um homem

De uma menina tão desgarrada

Desamparada se apaixonou.”

A música fala de lobisomem, que fosse homem. Será? De uma menina desgarrada, desamparada que se apaixonou. Por que mistérios da meia-noite? Parece insinuar que, à meia-noite, os fantasmas, os

lobisomens, os acontecimentos mágicos, os mistérios são mais suscetíveis de aparecerem. Mas, observem, os mistérios também falam sobre as pessoas, o amor, a crença, os costumes, o medo, os animais, e muito mais.

- Nossa! - falou Getúlio, menino muito curioso.

- Quanta coisa interessante! Estou gostando muito dessas histórias. Já não sinto nenhum tipo de medo, ao contrário, muita curiosidade para conhecer sobre a cultura, a literatura do nosso país, da nossa região, porque isso, segundo dona Alexandrina, é puro conhecimento. Ela costuma falar que o Oeste da Bahia tem muitas coisas para se conhecer, inclusive, mistérios.

- Gostaria que o senhor contasse, em outro dia, sobre o “nego d’água”, um desses mistérios da nossa Região. O que sei é muito pouco. Algumas pessoas o chamam de “Negro d’Água”; outros “Nego d’Água”. Não é o caso, a discussão sobre o nome.

Dizem que habita os rios, a exemplo dos rios Tocantins, São Francisco e Rio Grande. Gosta de assustar os pescadores com suas volumosas gargalhadas. Tem físico de homem, é negro, cabeça careca, porém, mãos e pés de pato. Figura exótica! Além dessas características físicas, gosta de destruir o material dos pescadores: afunda as embarcações, corta as linhas de pescar, quebra os anzóis. Faz uma verdadeira destruição.

Meu avô Januário, fino pescador do Rio Grande, dizia que para acalmar o “Negro d’Água”, os pescadores agradavam-lhe com peixes e cachaça. Não sei se isso é verdade ou é história de pescador. Se assim for, “Negro D’água” é muito esperto. Talvez, seu Domingos tenha mais curiosidade para nos falar sobre esse mistério.

Clara Lu, também criou coragem e se arriscou a falar da “mula sem cabeça”, mesmo não tendo muito domínio da história. Disse que, nas brincadeiras na escola, uma coleguinha falou que a mula sem

cabeça é uma mulher, que fora amaldiçoada por ter namorado um padre. Daí, sua cabeça e cauda se transformam em labaredas, chamas de fogo ardente. Isso acontece, segundo a sabedoria popular, entre quinta e sexta-feira, e permanece até à meia noite, após o galo cantar. E o mais arrepiante, a mula sem cabeça costuma atacar quem cruza seu caminho.

A menina, querendo entender mais sobre o mistério, questiona sobre a situação do padre namorador:

- Gostaria de saber, seu Domingos, se o padre também foi amaldiçoado? Ou por que é padre não é punido? E, ainda, toda mulher que namorar padres, sacerdotes, vira “mula sem cabeça”.

Após a contação de Getúlio e Clara Luz, seu Domingos, muito encantado com o que ouvira, diz em bom tom:

- Meu menino e minha menina, estou muito feliz com as vossas narrativas, porque, quando eu não puder contar mais essas histórias, pois estou ficando muito velho, com a memória lenta e me esquecendo de alguns mistérios, não faltará alguém para me substituir, e dar continuidade a esses momentos mágicos que eles nos proporcionam.

Vocês, no início, diziam ter medo das minhas histórias. Eu chegava a ficar triste, no entanto, nunca desisti. Sempre acreditei no potencial das crianças, na criatividade que todas têm, na capacidade de imaginar e sonhar.

Hoje, vocês falam dos mistérios com tanta desenvoltura e riqueza de informações, que parecem ser mesmo verdadeiros. Que orgulho, para um velho misterioso e sonhador!

Valeu a pena. Sempre vale a pena narrar, encantar, imaginar, inspirar, desvendar mistérios

Apenas uma galinha

Wallas Gabriel Calazans

Em uma manhã de plena segunda-feira, Dona Maria França, uma senhora de 84 anos que sempre viveu na zona rural, no oeste da Bahia (lugar onde criou e viu seus filhos nascerem e crescerem), estava sentada na área de sua casa. Ela tinha acabado de tomar seu chá de jenipapo, como de costume. Naqueles últimos dias, só pensava na morte. Para ela, já havia vivido o bastante.

Ali, sentada com o semblante baixo e olhando para a mata, local onde coletava uma variedade de espécies vegetais para diferentes fins – alimentícios, madeireiros, medicinais, artesanais e deixava o “gado na solta” – de repente, se assusta com algo incomum à sua frente. Naquele momento, uma galinha d’água começa a ciscar no terreiro. Com movimentos lentos, a senhora pega sua muleta e aponta no sentido da galinha, com a intenção de espantar a ave, repetindo a mesma frase, não em bom tom e volume:

– Xô galinha, aqui não é seu lugar... xô... xô...sai daqui, ande logo.

Mas nada do animal sair, continuava ali sem se importar com alguém que tentava espantá-lo, pois aquilo não lhe oferecia nenhum tipo de perigo. Aquela situação começou a incomodar a senhora. Como uma galinha, um ser tão medroso, não estava ligando para as suas palavras de ordem? Uma dúvida então pairou em sua mente: “deixar galinha ali em paz ou se levantar e colocar ordem em seu quintal?”. Eis que então a coragem chegou; ela apoiou seu braço na cadeira, firmou a muleta no chão, se levantou com certa dificuldade, e com passos lentos, e muita obstinação, foi mostrar para galinha quem mandava ali. Ao se aproximar do ser que não voava, ele entendeu o recado e saiu dali, onde não era para estar.

Agora, em pé no meio do terreiro, o qual já havia passado por diversas situações, começava a recordar dos tempos passados, época que cuidava de tudo ali sem reclamar: alimentar os animais; colocar as galinhas no poleiro; tocar o gado para outro local onde a pastagem estivesse em melhores condições; ordenhar as vacas, cujo leite seria utilizado para preparar um dos seus alimentos preferidos, o requeijão; cuidar das plantas, pois plantava uma variedade de hortaliças, que também serviam como recursos medicinais; criar os filhos, que também foram aprendendo no dia-a-dia as atividades do campo; e da casa, construída com muito esforço em um terreno que um dia pertenceu a seus pais. Hoje, não tinha mais força para tais atividades. Ultimamente, só via aquela fase da vida como se fosse um fardo para as outras pessoas. Uma coisa que a confortava era continuar ali, onde nasceu, lugar esse onde queria repousar para sempre, assim como seu pai, mãe, irmãos, tios, primos e amigos, que também permaneceram ali.

Ha tempos, a senhora, não sentia interesse por nada. Já não se encorajava mais a andar pelo Cerrado para ver as flores do jatobá, do pequi, caju, bacupari, umbu, e do tamarindo no período da floração, e se preparar para os dias da coleta dos frutos. Já não tinha mais forças para arrancar a mandioca do solo e fazer sua transformação em farinha. Não conseguia mais ir até onde se localizava a nascente para admirá-la e ver os “caixos” do Buritizeiro. Também não tinha disposição para ir até o Rio Grande que cortava o povoado. Além disso, já não tinha mais ânimo para realizar ou participar dos festejos tradicionais para os santos que ocorriam ali, como a levantada do mastro para São Sebastião, o arraial para São João e o Reisado, onde tocavam, cantavam e dançavam, trazendo um sentimento de unidade e força para toda comunidade. Hoje, aquilo era lembrança; as coisas já não eram mais como antigamente, e a única coisa que fazia ultimamente era resmungar da vida e das mudanças, enquanto esperava pelo seu fim.

Mas, naquela manhã, algo havia mudado. Após o ocorrido, sentiu o vento que corria por aqueles gerais e balançava a copa das

árvores de uma forma diferente. Até mesmo o alarido dos pássaros, que outrora entrava em seus ouvidos como uma “berraria infernal”, agora parecia uma sinfonia bem orquestrada. Nem mesmo se sentiu incomodada com as formigas que começaram a subir no seu pé. Começou a seguir com os olhos sua trilha e admirar sua força ao carregar os pedaços de folhas cortadas. A vontade de espantar a galinha fez com que outros sentimentos despertassem dentro dela, sentimentos esses que nem ela sabia quais eram de fato, uma espécie de ânimo, do recobrar a vontade de viver.

Andando devagar para dentro de casa, chamou seu neto Mathias, que ainda dormia, para descerem pela trilha até o rio. A criança, inicialmente, estranhou o chamado, todavia se levantou prontamente, pediu a benção, calçou o chinelo e desceu de pijama com sua avó. Não entendia o que havia mudado naquele dia, mas aceitou sem muitas perguntas. Durante o trajeto, foram analisando a paisagem. Estavam na época seca. As plantas, em sua maioria, estavam sem folhas, “sem vida”, mas não deixavam de ter seu encanto. Na beira do rio, a configuração já mudava, os ingás ali presentes estavam exuberantes. Ela se escorou ali, admirando-os junto ao seu neto, enquanto ouviam o correr das águas, que apresentavam uma aparente diminuição de sua vazão, mas não em sua majestade.

Durante aqueles momentos de contemplação, Maria França e seu neto foram surpreendidos por um barulho. Algo se embrenhava pela mata ciliar, não sabiam do que se tratava, nem em que sentido aquilo estava indo, se era um bicho que poderia oferecer algum risco. Em um dia de tantas memórias e sentimentos sendo retomados, o medo também apareceu. Logo se lembrou de sua infância, quando o pai a ensinara a respeitar os bichos da mata. Para ele, o respeito a todas as diversas formas de vida era a garantia de uma vida próspera e longa. Agora, poderia repassar aquilo para seu neto.

Esperaram por algum tempo, atentos aquela movimentação, e mais um misto de sentimentos chegou: ansiedade, curiosidade... Para

ela, aquilo era o pulsar da vida batendo novamente em todo seu corpo.

De repente Mathias grita:

- Calma, Vó é apenas uma galinha.

As miragens de Mané Vêi Apoema

Brígida Neta de Freitas

No alto da colina dos bem-te-vis, morava o senhor Mané Vêi Apoema, era o ancião mais antigo da comunidade, possuía uma memória inabalável e uma agilidade de lobo.

Todo final de tarde, na praça das Sempre Vivas, o senhor Apoema reunia com os amigos numa roda de conversas e contação de causos para saber das novidades da redondeza.

Numa dessas andanças do senhor Apoema, a prosa estava tão boa que nem viu o tempo passar. Quando olhou para o relógio, os ponteiros já badalavam quase meia-noite e Mané Vei Apoema, montado em seu cavalo, saiu cantarolando às margens do Riacho do Jardim, morro acima, de volta ao seu recanto.

No caminho, uma parada obrigatória, bem na gameleira misteriosa. Todos que por ali passavam sentiam arrepios e, se era noite sem lua, viam labaredas de fogo esvoaçantes.

Mané Vêi Apoema, tremeu, o chapéu voou e o cavalo relinchou.

– E agora?

Ali mesmo, de olhos arregalados, o senhor Apoema, deslumbrava com a formosura de uma grande gamela, cheinha de pedras preciosas, que parecia mesmo era com uma chuva de vagalumes.

O senhor Mané Vêi ficou tão apavorado que mal conseguia balbuciar algumas sílabas que não diziam nada com nada.

Para surpresa do senhor Apoema, que já tremia até a alma, escuta uma voz que ecoava do tronco da gameleira dizendo:

– Venho das bandas do infinito em busca de aventuras, trago comigo a velocidade do vento, o revoar das passaradas, a candura dos

colibris e o perfume das caliandras, pois por muitos anos que aqui estive, de nada me esqueço e volto para um pedido fazer:

– Ame a vida, pois ela é a joia mais rara que podes imaginar. A vida é preciosa!

– Lapidem seus corações! Amar faz o moinho dos sonhos girar e acontecer.

– Acendam a chama do amor, sejam livres e vivam em harmonia consigo e com a mãe Terra.

– Colham as dádivas que germinam do Cerrado e lembre-se que toda semente que se lança a terra, floresce. E o plantio, se bem cuidado, transforma-se em abundância.

– Brilhem como a lua em noites juninas.

– Acredite você é e, faz parte da essência Divina, portanto, é capaz de gerar e dar sentido a outras vidas.

– E por fim, observem as borboletas, vivam alegres, abertos às transformações que a vida te convida a realizar. E encare o desejo de renovar-se sempre.

E naquele momento, uma brisa suave anunciava a chegada do Bolso Andarilho que escorregando por entre as folhas, ele mesmo, o Bolso Andarilho, amigo da Bailarina do Cerrado soprou nos ouvidos de Mané Vêi Apoema, que acorda meio tonto, molhado como orvalho e com as vistas turvas e em um instante, tudo desapareceu. E no lugar da gamela, apenas cinzas pairando pelo ar.

No dia seguinte, nos primeiros raios de sol, Mané Vêi Apoema, ainda intrigado com tudo que vivera na noite anterior, resolve ir ao Riacho do Jardim para tomar um banho e se aliviar do susto.

Em um dos mergulhos do senhor Apoema, ele encontra no fundo do riacho uma garrafa de vidro transparente e lacrada que dava sinais de que há muito tempo fazia morada por ali. Curioso, o senhor Apoema resolveu sacudi-la e, para surpresa, uns fios brilhantes de cor dourada faziam silhuetas na garrafa formando um imenso coral.

Querendo descobrir o que mais esta garrafa trazia, o senhor Apoema pendura-a em um galho de jatobá onde a luz do sol iluminava as minúsculas partículas ali contidas.

Em poucos instantes tudo parecia acomodar no fundo da garrafa e o senhor Apoema fascinado com toda beleza que descortinava à sua frente. Quanto mais olhava, mais embasbacado ficava. Parecia um menino brincando com o orvalho em manhãs de primavera.

Pouco a pouco o senhor Apoema identificou que dentro da garrafa havia uma diversidade de sementes. Espécies que eram plantadas no tempo do seu avô, como o croá, o araçá, o murici, o milho crioula, as melancias viúvas, o bacupari e o ingá.

Diante de tantos mistérios e segredos, o senhor Apoema decidiu reunir com os amigos lá na praça das Sempre Vivas e apresentar a garrafa dourada.

Antes que chegasse à praça, mais um mistério rondava o povoado, dessa vez a garrafa dourada pegou carona num redemoinho, que por vez foi levada a uma grande cratera que no outono passado, um vivente cometera tamanha crueldade com as árvores do Cerrado.

A garrafa dourada subiu até à altura do maior pé de jamelão do povoado, deu três impulsões para o alto e a perder de vista explodiu espalhando sementes por toda terra devastada.

Passados alguns anos, entre um mistério e outro, a vida no povoado seguia normalmente e o senhor Apoema em mais uma de suas investidas, encontrava-se como de costume reunido com os amigos, na Praça das Sempre Vivas, para entender o que aconteceu naquela tarde de redemoinhos.

Na roda de conversas, cada um queria dizer a sua versão. Uns assustados, pois não queriam falar no assunto. Outros com ar de sabedoria e coragem estufavam o peito, e andando de um lado para outro, se arriscava dar um palpite, mas o senhor Apoema, mais do que depressa anunciou que na próxima lua cheia a prosa ia acontecer na Praça dos Redemoinhos, lá na antiga cratera.

É chegado o grande dia, e com ele, a noite se veste de pura magia. É noite de lua cheia. O senhor Apoema já com cavalo selado, parte ao encontro dos amigos, porém seu cavalo começa a empacar. Sacode daqui, mexe dali e nada do cavalo reagir. O senhor Apoema estava literalmente no meio do gremial sem nenhuma possibilidade de chegar a tempo para a inauguração da praça.

A lua já dava sinais de que a noite já se despedia e logo o novo dia estava raiando. O senhor Apoema estava num desespero só, andava de um lado para outro, até que decidiu ir a pé. Saiu apressadamente para chegar a tempo. Após caminhar quase mil léguas, e já trotando das pernas, avista a misteriosa gameleira, o que fez apressar o passo, alcançando assim as copas da árvore misteriosa e, nesse instante, os arrepios tomaram conta do seu Apoema e como num sussurro repentino eis que um redemoinho sai levando o senhor Apoema. Quando deu por si já estava na Praça dos Redemoinhos. Sacudiu a cabeça, limpou os olhos e percebeu que o relógio acabara de dar a primeira badalada, sinalizando meia noite.

Até hoje, os moradores do povoado do Riacho do Jardim não sabem ao certo o que aconteceu naquela noite, se foi miragem ou mais um dos causos de Mané Vêi Apoema.

O que se sabe é que na entrada do povoado Riacho do Jardim foi instalada uma réplica de uma grande gamela e de uma garrafa dourada, cheia de sementes que passou a ser símbolos daquela comunidade que, por vez transformou-se em um grande parque ecológico e ponto certo para turistas amantes da natureza.

Até hoje todo grupo turístico que chega ao povoado é recepcionado com um vento fresco que os conduzem até à praça dos redemoinhos.

E você já teve alguma miragem?

Há um lugar e um mistério

Adilma Vilela

Tudo aconteceu e não foi de repente. Ela gostava de admirar a paisagem do cerrado baiano que via pela janela lateral do carro, ao lado do motorista. Estava acostumada ao colorido dos ipês, as árvores baixas de troncos retorcidos, a mata cor de chumbo que forrava o chão, durante quase todos os anos de sua juventude, em que se deslocava rumo ao Planalto Central, para encontrar um grande amigo escritor.

Provavelmente, durante o verão, época em que o calor escaldante faz morada naquele lugar, escutavam um barulho inquietante, uma cantoria alegre e intensa durante uma parte do percurso que faziam sempre juntos, a moça e o motorista. Gostavam de ouvir o som, cuja característica mais marcante era a intensidade sonora, mais aguda ao cair da noite, que durante o dia. Às vezes, curiosos, paravam o veículo, na tentativa de desvelar o mistério. O que era? De onde vinha? O que acontecia ali? Enquanto uma resposta razoável não ocorria, aguçaram os ouvidos, tentando ampliar ao máximo a percepção humana acerca daquele estranho fenômeno.

No destino final, já ao lado do dileto amigo, compartilharam o segredo e estabeleceram algumas hipóteses. Pensavam que era somente o canto de pássaros que habitam o lugar. Ou o som de alguma nascente próxima à rodovia, cuja água corre pujante entre o solo repleto de pedregulhos, abrindo riachos que desapareciam pelo mesmo milagre que o fizeram surgir. Poderiam ser estalinhos dos inúmeros galhos retorcidos de árvores roçando um no outro, em estampido seco pela ação voluptuosa do vento. Entretanto, apesar dos esforços dos viajantes, o cântico alegórico permaneceu assim, secreto, ao longo de muitos anos.

Os três observadores do fenômeno - a moça, o motorista e o escritor - continuavam atentos ao menor sinal de um entendimento razoável para o acontecimento corriqueiro, que às vezes aumentava, noutras, diminuía, sem jamais ter desaparecido por completo, apesar das inúmeras intervenções humanas ocorridas, que chegavam, inclusive, a descaracterizar a vegetação local, com o surgimento das primeiras glebas de *pinus elliotis*.

De tempos em tempos atualizavam as novidades: o que via a moça da janela lateral do carro, como pensava o escritor depois das narrativas detalhadas dela, e quais pontos de vista eram acrescentados pela experiência do motorista, nas inúmeras viagens que fizeram para o mesmo destino. Entretanto, numa coisa, os três concordavam: estavam diante de um mistério.

O tempo corria, como é próprio de sua natureza. O progresso foi se instaurando no cerrado baiano e da janela do carro, nas diferentes jornadas entre a cidade oestina e a capital republicana, a moça não avistava mais a revoada de pássaros, em voos indômitos, embebidos de liberdade. Outras coisas também desapareceram: aquela imensidão de chão, repleta de folhas secas, sob as árvores ancestrais: os pés de jatobás, guabirobas e pequis. Não havia mais florzinhas quase invisíveis, nas paradas que costumava fazer ao lado do motorista; nem bichinhos pequeninos, como formigas, cupins e abelhas; nem os répteis: diferentes cobras, lagartos que deslizavam pelo acostamento em sinuosas curvas.

Um dia, ao descer do veículo, durante uma pausa ao acaso, para troca emergencial de um dos pneus do carro, aguardava o motorista, sentada confortavelmente num gigante tronco de árvore caído à beira da estrada. Ao seu lado, tomou assento um morador da região, pedindo licença para acender seu cigarro de palha, enquanto fitava o céu, num esplêndido cair de tarde. Curiosa, perguntou ao homem se conseguia ouvir aquele barulho, responsável por manter acesa a chama da curiosidade, durante vários anos.

Numa risada contida e serena, foi-lhe revelado o segredo. Com a escassez dos brejos, lagos, lagoas e rios, os sapos escondem-se em buracos rasos que os protegem do sol ardente durante todo o dia, como aliás o fazem os sábios companheiros da caatinga, e ficam envoltos em fina camada de chão e pó, num instinto peculiar de sobrevivência. À tardinha, quando os humanos também finalizam suas atividades, saem dos esconderijos, caçam, delimitam o território, e coaxam, em alto e bom som, à procura de companheiras, em fugaz coro de acasalamento.

Pôde finalmente contar ao amigo escritor a descoberta fortuita que fizera, posto que sem a sabedoria do habitante local, encontrado ao acaso, muito provavelmente o mistério permaneceria incólume. Juntos comemoram o final feliz, porque não há nada pior que perder a esperança ou a fé no homem e, por conseguinte na vida, diante das mudanças contínuas na paisagem que a moça observava através da janela do carro. E registraram esse acontecimento, como fazem os imortais - ele precedente à ela - trazendo alegria em forma de escrita, ainda que os assuntos abordados fossem algumas vezes tristes. Conduziram os leitores, para além do que é visto pelo vidro do carro, despertando-os para a constante abertura das janelas da alma.

Esse conto é dedicado a Dilson Ribeiro (in memoriam)

História de caçadores

Eva da Silva Pais

Enquanto os pescadores sonhavam com a chegada da lua cheia para realizarem seus pescados com fartura, os caçadores não viam a hora de adentrarem as matas nas mais escuras noites da primavera.

Reza a lenda que, alguns amigos se reuniram para uma aventura no final de semana. A época era final dos anos 90, num cantinho do oeste baiano. Eles rodaram uns cem quilômetros em direção à cabana mais longínqua do povoado. Era o lugar adequado, silencioso e autêntico. A brisa chegava a sussurrar nos ouvidos daqueles que ali estavam dispostos a apreciar a natureza, a vivenciar momentos inesquecíveis.

O sol caía ao entardecer dando passagem à noite que chegava imponente, mas suave, trazendo consigo seu barulho peculiar, os sons da natureza. Mexidos, uivos, chiados, passos.

Após organizarem todo o material no meio da cabana, garrafas com água, panelas, alimentos não perecíveis, redes para dormir e para a labuta da madrugada, resolveram descansar um pouco. Passado algum tempo, a ansiedade do cachorro Soró aumentou fazendo com que três amigos enveredassem pelas matas em sua companhia. Os outros dois, iluminados pela fogueira, ficaram para cuidar do ambiente.

Enquanto aguardavam os caçadores com suas presas, Joaquim e Timóteo começaram a beber uma pinguinha cotegipense com limão, a cantarolar trovas, a contar piadas e causos de lobisomem. Deram altas gargalhadas naquele breu onde só sentiam picadas das mutucas.

Bem alegres, já passava das vinte e uma horas, quando Timóteo começou a ficar esquisito. Olhos arregalados e vermelhos, voz forte, palavras. O medo tomou conta de Joaquim que perguntou:

– Timóteo! O que você tem, moço?

– Meu nome não é esse. Estava passando por aqui quando me chamaram. Aqui estou. – disse Timóteo.

O tempo parecia não passar diante de tanta aflição. Joaquim suava, arrepiava, tremia, as pernas não paravam. Não tinha para onde correr. Começou a rezar para que os amigos voltassem logo. E Timóteo gritava cada vez mais alto.

À certa distância do acampamento, Zuza e seus companheiros já escutavam os gritos, e correram apressadamente até lá, orientados pelas parcas lanternas. Ficaram estupefatos com a cena, pois Timóteo inquieto se jogava ao chão e ria de forma irônica. Tentaram acalmá-lo segurando suas mãos e cabeça, mas não houve oração que desse jeito.

Beirando à meia-noite, Miguel teve a ideia de chamar o vizinho evangélico que morava a uns dois quilômetros dali. Ele foi em companhia de Joel. Enquanto isso, Joaquim retomava suas forças para ajudar Zuza que, além de cansado, não entendia a razão de tudo aquilo.

Com a chegada do pastor Dominginhos e de seu ajudante, após longas orações de libertação e exorcismo, Timóteo se acalmou e dormiu um sono profundo. Nada mais aconteceu. Ainda apreensivos, deitaram em suas redes e esperaram o sol raiar.

No dia seguinte, Timóteo não se lembrou de nada que tinha acontecido. Então, reflexivos, chegaram à conclusão de que foi estripulia do Curupira para que eles deixassem os animais em paz e voltassem para suas casas. E assim o fizeram. Nunca mais os amigos voltaram lá.



Lico Tico, o mico

Bere Brazil

Lico Tico, o mico, era um novinho da beirada da mata seca. Bonitão, a carinha branca na pelagem castanha, uns tufinhos nas orelhas e pestanas enormes. Vivia no alto dum pé de jatobá que era tipo assim: o rei do lugar. Morava escondidinho, de quebrada, numa volta que o galho deu em si mesmo, fazendo uma aguada em cima e um telhado pra sol e chuva embaixo. Da ventania o tronco grande dava jeito. Quase sempre ventava de lá do aberto do vale, já que do lado de cá a proteção era o morro grande, morada do tucano e do par de araras azuis – que gritavam, esvoaçando o céu da mesma cor que elas.

Lico Tico, o mico, era um cabra corajoso, tinha medo mesmo só de onça e de gente, se bem que onça nem se via mais, mas gente, “vixe”, gente cada vez aparecia mais e cada vez mais perto e cada vez mais barulhentas e mais fedidas. Vinham carregando armadilhas, venenos e fogo. Fogo cada vez mais gigantesco, como aquele que torrou a família de cotias lá do baixo da vereda grande. Lico Tico, o mico, nem gostava de lembrar daquele fogaréu comendo tudo que é pé de pau, fazendo o pau de tucano pocar longe as sementes em chamas, como estrelas candentes caindo do céu, um céu que daquela vez ficou vermelho; mata que era branca ficou preta e o couro dos bichos foi encontrado por todo lugar, esturricado, fumaceando o fantasma da vida deles.

Um dia estava meio amuado, assuntando os aperreios do cerrado, lá pelas bandas da cabeceira do rio do Santo, perto daquele pé de ingá que desceu o rio na água passada, quando uma “gritaria” cheia de festa espalhou bicho pra todo o lado.

Era voz de gente, de gente pequena. A avó dele contava que gente pequena era menino e que menino tinha de dois tipos: o que

judiava de bicho e o que cuidava de bicho, mas que cuidar de bicho pra menino era prisão e tristeza pra vida do bicho cuidado.

Lico Tico, o mico, tinha medo demais de gente, então correu pro topo do pé dum buriti e ficou ali, entocado, olhando. Olhando e coçando. Deu pra perceber que tinham vindo de lá do caminho velho, saíram de dentro de um bicho de lata preta. Era um grande e dois pequenos. Eram os meninos...

Vinham cheios de tralhas e cores e cheiros, fizeram fogo ligeiro, abriram um chapéu colorido bem grande e botaram folhas fofas e gritantes nas águas da corrente mansa do rio do Santo. Gritavam risadas, faziam xixi e apostavam vantagens nas sombras da beira d'água.

O grande correu atrás dum pé de ingá pra fazer um cocô fedorento que empestou o lugar - Gente fede, dizia a vó dele. Agora ele sabia, que velhinha, a mais animada e sabida de todas, estava certa. Ela nunca errava. E tome fumaça de carne assada, igual a bicho na queimada e tome grito... e um som de batuque barulhou o ar... As gentes cantaram, dançaram e pularam na água, até que o menino do cabelo amarelo abriu uma vagem brilhante que libertou um cheiro, mas um cheiro... um cheiro, que Lico Tico, o mico, nunca tinha sentido antes...

Tão bom que ficou tonto. Ficou tonto e ficou bobo. A curiosidade vencendo o medo. Foi se achegando, se achegando, esticando o pescocinho pra cheirar mais perto, mais perto, mais perto. Então, deu bobeira... e os meninos viram ele...

E aí, foi só correria. Jogaram comida, ele pegava, sumia. Jogavam outra coisa, ele não ia, ficava só espiando. Até que jogaram a baga brilhante, espalhando aquele cheiro... ele correu, pegou a folha brilhante e barulhenta e botou no nariz... quase caiu do galho, embriagado... Os meninos riram e jogaram pra ele um pedacinho daquele cheiro, foi a conta. Um gosto novo, uma corrente de energia nova correu por ele, ficou elétrico, doido... pulando e rolando no galho.

Menino esperto sabe fazer arapuca. Ele tanto pulou que no final da tarde, caiu...

Agora era prisioneiro. Um menino cuidador, o outro nem tanto.

Foi aí que a vida de Lico Tico, o mico mudou. Foi morar numa gaiola com pote d'água e poleiro, uma roda que girava sem parar e comidas que caíam num chão de folha que mudava de cor e jeito todo o dia.

No começo, pulou, gritou, mordeu tudo que deu pra morder, mas nada abriu aquela portinha por onde uma mão, quase tamanho dele, tirava e botava água ou comida, mão de menino, ora mansa, ora nem tão mansa. Tinha muito medo de menino.

Um dia se encheu de coragem e quando a mão veio, tocou nela. A mão tocou nele de volta e não doeu. Um dia fez carinho na cabecinha dele. Foi bom. A partir daí ganhou uma certa liberdade, andava pela casa, nos ombros, nos cabelos do menino, nos bolsos, nas sacolas. Vasculhou armários, conheceu geladeira, fogão, televisão, celular. Aprendeu a beber água no filtro e fazer graça pra ganhar biscoitos, frutas e pedaços da sua perdição:

banana passa coberta por chocolate...

Daí teve uma vez que colocaram muitas coisas e também a toca dele na lata preta, grande, que saiu rodando pela estrada cinza... Lico Tico ficava olhando o mato do lado da lata correndo, correndo e ficava tonto. Dormia, acordava, dormia e abria o olho e o mato correndo do lado da lata preta... ficava tonto... dormia, enjoava. Nem água, nem comida nem perdição queria... foi quando entendeu que dessa vez não ia voltar... as gentes estavam mudando de lugar... Lembrou que a vó dele contava que tinha vindo assim dum lugar diferente dali, e tinha que ser por que tudo foi secando no caminho... Mudou o mato, mudou o cheiro, mudou o sol, mudou o gosto da água... Lico Tico tinha mudado de lugar. Ali a flor do cerrado, a Calliandra, era branca, grande e ele cheirava outro rio e cheirava uma areia grossa branca também amontoada na beira da água grande e marrom.

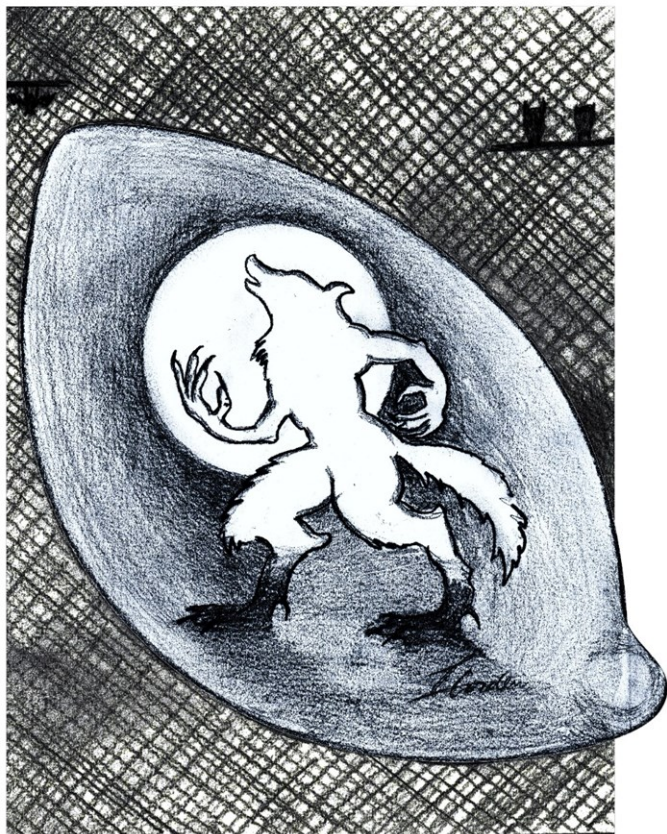
Será que era o Velho Chico que a avó contava que era um rio grande, grande, grande? Um, que todos os outros corriam pra ele...um que tinha levado ela a conhecer mistérios de um tal de nego d'água que deixou que ela visse, num sonho, a história que a vó contava tanto e tanto, que todo mundo na volta sabia, até o sabiá.

Lico sentiu e ouviu outros cheiros e os cheiros se perdiam na estrada... Então quando parou de vez, percebeu que nunca mais tinha sentido aquele cheiro... Cheiro de mico... Cheiro do povo dele.

Será que tinha chegado perto da tribo primeira do povo dele? Estava, será, no lugar em que a lenda do Poço da Boca Calada foi contada pela primeira vez?

Ele lembrava cada pedacinho da história que sua vó contava, nas noites de lua grande, lá naquele pé de jatobá agora tão distante...

Mas essa é uma outra parte da história, que um dia, a gente se encontra e eu conto pra você.



O Lobisomem da Vila Brasil

Robson Batista

Na lua crescente podíamos brincar de roda, nas ruas de chão batido e feitas com pedras calcadas na areia do bairro Vila Brasil. Dias de lua cheia, nem pensar em ficar na rua até mais tarde. Pois era os dias em que o lobisomem, a mula sem cabeça, e a mulher que virava porca costumavam aparecer.

Minha mãe sempre contava essas histórias. Minha tia não só contava o que diziam, mas testemunhava o que afirmou ver. Ela que moravam na rua do arame viu o dito cujo uma vez. Segundo ela e os relatos dos vizinhos assombrados, ele era um morador, que não se dizia o nome; moreno, alto e forte. Segundo o povo ele foi excomungado pela própria mãe. Na lua cheia, seus pelos cresciam, unhas, olhos avermelhados e uivos como de lobo, sempre depois da meia noite. Segundo relatos ele saía rodeados de cães latindo, assombrando as vielas do bairro; esse era o sinal de alarme do aparecimento da aberração. Nas tabúas, pela lagoa das casinhas, e nas redondezas da olaria próximo ao campo brinco da xuxa.

Os contos são contos; contados de várias maneiras e com versões diferentes. Mas de acordo com minha vó Maria, minha tia Domingas e minha Mãe Dena; ele aparecia, e era real. E nesta versão contada por elas vamos relatar o lobisomem da vila Brasil em Barreiras, e o dia que perseguiu meu tio, que jurava ter coragem de enfrentá-lo.

Meu Tio era uma figura emblemática na Vila Brasil. Homem trabalhador e honesto, mas quando bebia umas canas, ficava mais bravo que um leão.

Os boatos do lobisomem só cresciam, e o meu tio cada vez mais se irritava com a fama do danado. Dizia pra todo mundo sempre depois da terceira dose: 'o dia que eu o encontrar, vou fazê-lo beber um litro

de pinga, ganhar dele na sinuca, e depois lasco ele na minha peixeira'. E a cada lua cheia, o juízo do meu tio ficava mais avexado, e ele o mostro procurava, mas nada de encontrá-lo.

Tia Domingas mulher de oração, sempre dizia para ele esquecer essa empreitada, pois o monstro era uma aberração e podia feri-lo.

Dizia ela: -Se apegas com Deus meu irmão! Deus te livre deste bicho! Filho das trevas dos infernos.

E ele sempre respondia bêbado:

- Mana eu não tenho medo! Não temo o capeta ou quem for! Vou botá-lo pra correr! E mostrá-lo quem é o baiano arretado!

Dia a dia as histórias assustavam o imaginário das crianças, e o meu também. Eu, adolescente recém-chegado nas barreiras dos barros, nas ruas andava dividindo espaço com bodes, porcos e galinhas. Gostava muito de descer pra mexer lagoas, pescar e pelotar. Mas quando essas histórias eram contadas, sempre tinha muito medo.

Pois bem, como era de se esperar, dia de lua cheia e o lobisomem apareceu. De forma assustadora e surpreendente ele começou rodear as casa da rua do arame. Todos já estavam dormindo, lampião aceso como de costume, em meados de 1986 na casa de barro, com furo nas paredes. A tia levanta-se para ir ao banheiro de lona do lado de fora da casa de sapê, a rua do arame estava silenciada. Desta vez o coisa ruim não atiçou os cães na rua. De alguma maneira ele se disfarçou deles. A cena até hoje vive incendiando minha imaginação, ouvindo-a contar esse episódio. Ela o viu, lá estava ele, bebendo água como um boi, com a cabeça baixa no tambor de 100 litros no quintal. Alto, peludo, desta vez havia chifres em sua cabeça. Segundo ela e toda vizinhança, ele era um lobisomem com aparência de touro. Sim, este conto nos permite vislumbrar esta imagem da minha tia. Um lobisomem de chifre e aspectos mitológicos. Casco nos pés, chifre na cabeça e aspecto de lobo. Esta aberração fez e faz minha tia até hoje arrepiar, só de lembrar. Outros moradores ouviram quando ele saiu, depois de minha tia gritar, e clamar o nome Jesus por várias vezes. Pegadas de um boi, agilidade

de um lobo, ele foi na direção da lagoa da olaria. Os cães fizeram um alvoroço. Minha tia estava trêmula. Ninguém conseguia acreditar no que ela e as vizinhas diziam. Mas também não podíamos duvidar totalmente. No dia seguinte a notícia chegou na casa de minha vó Maria, na casa de Dona Biló, Maria do Leite, Joana, Eliza, todos da rua São José e rua do ' pau rodô, ouviram a notícia. Até no bar do Tan, e no mercado do Piauí. Todos estavam assombrados. Vó Maria repreendeu o bicho, lobo- touro.

Meu tio ouvindo o caso, se levantou, pegou a peixeira e se equipou como lampião indo pro cangaço. Disse ele:

- Miserável! Foi assombrar minha irmã sem avisar! Mas ainda nesta noite! Vou com você pleitear!

Palavras tem poder, e faz a coisa aparecer. Assim foi naquele dia, meu tio tomou três doses, e depois pediu mais três reforçada. A certeza do encontro com o lobisomem foi a motivação pro 'elixir da coragem'. A noite chega, e o meu tio saiu do bar próximo ao coreto, e vai em direção à rua do arame. Porém antes de chegar, ele sentiu um bafo frio nas costas, e um mugido de boi ao ouvido. Ele anestesiado pela danada da cana, logo brada valente e destemido e diz:

- Quem diabos deixou o gado solto na rua a essa hora! Eh Boi! Eh Boi!

Nesse instante um uivo estremecedor, e os cachorros da rua alarmados. Pronto! O aviso foi dado! Era o Lobisomem! Meu tio de um leão, virou um gatinho! Olhou pra traz e viu o que tanto desejava. Mas o medo e o pavor mudaram seu ânimo imediatamente. Um momento aterrorizante, meu tio estava paralisado ante o mostro! O lobisomem da Vila Brasil. Parte homem! Parte lobo! Parte touro! - Eu te desconjuro! Filho do cramunhão! Disse ele trêmulo.

Nunca carreira ebriante pelas ruas a sua frente, ele disparou! Bêbado e aterrorizado com a feiura do bicho. Em direção a casa da tia ele correu, e o bicho o seguia, e os cachorros na rua latiam. De forma vertiginosa ele porta adentro entrou na casa da Tia! A porta arrancada

nos peito! A cabeça levou uns caco de telha, pois a casa era baixa. Naquele instante porta no chão e meu tio também! Antes do desmaio exclamou: - Fecha a porta mana!!!! E desmaiou de vez!

Minha tia aos gritos! Procurava um meio de isolar a porta baixinha de trame-las, para impedir o visitante mau desejado. Mas como fechá-la? Fechar a porta era impossível! A porta estava em pedaços no chão. Os sons dos uivos e os cachorros latindo sinalizavam que o assombroso lobisomem se distanciou. Minha tia e todos da casa assombrados. Meu tio! No sono profundo do álcool.

O lobisomem apareceu para minha tia e o meu tio. Segundo relatos de Mãe Lucina e Donana ele apareceu pra muita gente, e até se disfarçou as vezes de moço bonito para dançar com as moças nas festas.

A mula sem cabeça nunca vi, a mulher que virava porca também não. O lobisomem barreirense da Vila Brasil não o vi. Mas a seriedade e sinceridade da Tia até hoje ao contar me faz acreditar que esse conto pode ser possível, mas mesmo se for só um mito, ele é bom de contar. Aqui deixo a nossa versão familiar do nosso conto regional. Na próxima lua cheia, rezemos, oremos; vamos acender os candeeiros e lamparinas. Colocar as carrancas na porta para espantar as assombrações. E fiquemos atentos aos latidos dos cães; o mugido do boi, e o uivo do homem lobo misterioso. Até o próximo conto.

O agouro de Artemis

Américo Neto

Nas vastas planícies do cerrado baiano, entre árvores baixas e arbustos retorcidos, lá onde a vegetação resistente do buriti e do pequizeiro ofertam seus frutos, vive uma jovem destemida, dançando ao ritmo de atabaques. Pele ébano que parece banhada pelo azul do luar no tom mais escuro da noite. Em um contraste complementar, carrega consigo um brilho luminoso no olhar. No escuro daquela íris, ela encena, no palco da vida, um espetáculo celestial. Cada cintilar de seus olhos é uma nova evocação à contemplação do existir. Seus cabelos crespos desafiam as ordens postas enquanto se encontra em harmonia à sua persistência. Cada fio emana rebelião silenciosa e desafia a gravidade, erguendo-se em um bailar audacioso. E, ao toque, há uma textura que transcende o meramente tátil; cada mecha é uma poesia, um verso metricamente pensado, mas espontâneo, como se emergisse das raízes mais profundas. Herança.

Essa Jovem, por si só, em sua imprevisibilidade, desafia qualquer tentativa de ser domada. Ela ginga sob o sol. Possui uma beleza que concilia com sua destreza de caçadora. Ela existe como quem mostra elegância ao caminhar e a perícia ao examinar a terra. Beleza e inteligência unem-se em simbiose, fundindo-se naquilo que, agrada não só aos olhos, como também aspira o coração.

Artêmis, ou Teminha como ela é conhecida, ganhara esse nome ao nascer. A parteira, ao vê-la rebentar, já proclamava seu destino como aquela que traria proteção ao “Berço das Águas”; sua comunidade. Cresceu às margens do Rio Grande, nos recantos secretos do cerrado. Banhada à profecia. Desde pequena, Teminha mostrava-se conectada com a fauna e flora daquele lugar. Possuía uma ligação natural que

lançava, sobre ela, um ar de mistério. Todos ali respeitavam a jovem. Ela tinha se tornado, como enunciava os auspícios dos seus mais velhos, uma lami, uma espécie de guardiã, sacralizada na figura materna; a protetora do cerrado. Em um dos cultos da emancipação de Teminha, foi concedido a ela o segredo da criação.

Certa vez, enquanto dormia, foi envolvida por um sonho revelador. Nele, uma divindade majestosa, vestida em mantos cróceos e púrpura, apresentou-se a ela como Otin, a deusa de seu orí. A notícia que trazia sobre o povir deixou Teminha preocupada. Otin, por precaução, decidiu oferecer a ela uma certa proteção. Deu-lhe, uma seiva excelsa que rompeu com suas células-tronco e correu, cintilante, por entre as veias esverdeadas, concedendo a benção ancestral de ligação cósmica. À noite, na forma de coruja, perambula e anuncia o nascer ou o faltar dos seres aos arredores.

Há um tempo, a chegada avassaladora do agronegócio transformava o idílico “Berço das Águas” em um campo de extermínio, uma batalha travada pela preservação do que ainda restava e persistia em sobreviver no cerrado baiano. A mais idosa das senhoras, reúne os mais jovens e sempre os alertam dizendo que a expansão descontrolada que vinha acontecendo da pecuária e as monoculturas de soja e milho vinham alterando a paisagem da comunidade, fragmentando o cerrado e criando uma enorme e profunda ferida na alma da terra.

– Os nossos rios – acrescenta a senhora–, fluíam límpidos e áureos, hoje brava estridente por socorro. A natureza clama por nós.

Mesmo imbuída da força ancestral, a preocupação de Artêmis era eminente, transparecia em sua aura de mistério e assustava a todos, perdurando por algumas semanas. Até que um dia, a tranquilidade da comunidade foi interrompida por um fogaréu bem perto dali. Era época de queimada, todos estavam acostumados a, nesse período, conter incêndios naturais. Algumas plantas, diziam os anciões, precisam do incêndio para consentir sementes e permitir que haja frutos e cresçam. O cerrado precisa da luz e de nutrientes que regem as

esperanças. Os deuses, ofertam o divino fogo para reduzir a cobertura no solo e favorecer a produção de espécies estoloníferas. O incêndio, então, havia se tornado parte natural e importante do ciclo da vida no cerrado, mas aquele fogo todo era diferente. A ação humana e as mudanças que, desenfreadamente, o agronegócio vinha fazendo com a terra, começou a aumentar e tornar-se mais frequente ameaçando o ecossistema e aquela comunidade.

Teminha, já presumia que aquilo tudo aconteceria, como alertada por Otin. Ciente de sua responsabilidade, convocou a comunidade e numa assembleia-ubuntu relatou a gravidade da situação. Todos confiavam na Iami. Antes de expor a situação à comunidade, já havia tido um concílio entre a guardiã e as divindades. Havia sido decidido que, amparados pelo místico, era necessário invocar por uma harmonia ancestral. Se tratava, portanto, de uma questão delicada. Um sacrifício deveria ser feito. O equilíbrio no cerrado dependia de um acordo que seria estabelecido entre os homens e a natureza. Na batalha travada, era preciso reconhecer que a ameaça era forte e se estabelecia como quase inevitável e avassaladora. Teminha, junto aos seus, acordaram um plano... Uma revolução fazia-se necessária. Ergueram-se vorazes e em fúria numa batalha que não se limitava à preservação, mas se concretizava como necessária à sobrevivência de vidas, de memórias, das águas e da tradição.

Parte da comunidade já estava em chamas. A tranquilidade de todos foi interrompida por um rasgo ensurdecador de seda que vinha dos céus. Crianças corriam e gritavam à procura de seus pais que tentavam conter o fogo. Enquanto o fogaréu e a fumaça pairavam no ar noturno, a água jorrava pelos baldes esperançosos, árvores carbonizadas e corações ardendo em medo iam crescendo. O negrume da noite já havia se transformado num clarão monstruoso em tons amarelo e alaranjado. Que teria provocado tudo aquilo? Onde estaria a guardiã? Uma sensação de algo além do tangível envolvia a comunidade já exausta das vãs tentativas. Todos sentiam-se quase que

ignóbeis. Olhares, corpos e almas cansadas. A própria natureza já havia se rendido à resignação.

Foi então que uma coruja imponente emergiu do fogo. De entre os destroços, um pássaro? Aquela coruja surge intacta e num gesto quase improvável paira sobre as chamas, ergue as suas asas e transforma-se em Teminha. Era possível perceber, no mais escuro do seu olhar, a melhor e mais exata definição de ódio. A figura aparece com a mão estendida ao céu, e um clarão cinza irradiou. “Abra-se o céu” - Essas palavras podem ser ouvidas como o gorgear de um pássaro pelos quatro cantos, até que imediatamente a comunidade banha-se de esperança. Uma chuva extremamente forte caiu por pouquíssimo tempo. Aos poucos, tudo ressurgia com vitalidade. A comunidade ia se transformando no mais lindo dos verdes jamais vistos. Todos olhavam incrédulos.

A Iami não foi mais vista. Diz-se que, sempre que uma chuva forte e rápida acontecia é porque alguém de bom coração havia morrido. À medida que o alvorecer rompia, a comunidade, renascida, exibia sua beleza de Éden antes à beira da desolação, sentia-se agora em paz. O incêndio havia sido contido não apenas pelas mãos humanas, mas também pela intervenção celestial. No coração da floresta renascida, entre as vastas planícies do cerrado, todos persistiam ainda contra o aumento desenfreado do agronegócio.

Às vezes, à noite, um gorjeio estridente era ouvido. Diz-se que era o agouro de Artêmis a pressagiar o nascimento dos seus, lembrando a todos que, mesmo nos piores momentos, há uma guardiã que protege a comunidade. E assim, todos permaneceram unidos, felizes e fortalecidos, não apenas pela superação daquela tragédia, mas também porque ainda havia esperança à preservação da comunidade. Os olhos iluminados tal qual o cerrado resplandecia com uma luz renovada. O “Berço das Águas”, em celebração, conta a história de Teminha de geração em geração, um símbolo ancestral da cultura daquele povo. O fogo sagrado arde na essência de Artêmis.

O caçador e a caça

Antônia Prado

Leôncio, desde muito jovem, tinha como lazer a caça de animais silvestres, no mato do cerrado da região oeste da Bahia, onde a fauna e a flora eram riquíssimas, antes de tantos desmandos causados pelas mãos humanas. Os animais circulavam felizes entre a vegetação farta, em busca dos alimentos que lhes eram apetecíveis. Desprovidos que são de raciocínio, jamais imaginavam que eles também estariam sujeitos a se tornarem alimento para o homem; mesmo para aqueles que caçavam não para saciar a fome, mas por hobby.

Leôncio era um desses que caçava “por esporte”. Ele aprendeu as manhas com “seu” Matoso, o maior caçador já visto naquele pedaço de chão, aquele que nunca perdeu uma caçada e, por isso, era considerado um herói para os aprendizes da arte de caçar. Inclusive, Matoso era o codinome de Rufino Matos, o grande caçador.

Matoso viu em Leôncio grande vocação e talento, quando saíam em grupo de três ou quatro homens para as caçadas, isso sempre nas noites em que a lua cheia ia minguando e a noite ia ficando mais ou menos turva, de modo que as pacas, os tatus e outros animais circulavam mais tranquilamente na vegetação nativa dos gerais, facilitando assim, a ação premeditada dos caçadores. Essas e outras dicas, Matoso passava para Leôncio.

Contudo, aconteceu um fato inusitado: um certo dia, “seu Rufino” resolveu ir sozinho para ficar à espera de um veado que já tinha deixado suas pegadas no trieiro. “Esse tá manso”, pensava o homem todo esperançoso. Contudo, de acordo com os conhecimentos adquiridos dos seus antepassados, o animal não podia sentir o cheiro do caçador, e que tirar a roupa suada e deixar um pouco distante seria

a melhor maneira de não espantar a presa. Assim ele fez: tirou a roupa, subiu no pé de cedro e ficou na tocaia. Com pouco tempo de espera e lá veio o veado atraído pelo cheiro das flores do pequiseiro. Aí foi “tiro e queda!”

O homem desceu rapidamente e pegou sua caça e “perna pra que te quero...” Chegou em casa feliz da vida, gritando com o animal jogado no ombro, sem perceber que estava completamente nu. Ao abrir a porta, a mulher e as três filhas vieram ao seu encontro. As moças, com os olhos estatelados entraram em estado de choque ao ver o pai naquela situação. A mulher gritou.

– O que é isso, homem do céu?

Ele respondeu prontamente:

– Oxe! É viado mulher!

Ao perceber sua situação, o homem morto de vergonha se recompôs e se recolheu em seu mundo interior e nunca mais caçou.

Porém, o jovem Leôncio resolveu honrar os ensinamentos que recebera do seu amigo e mestre de caçada e continuou praticando a caça, optando pela espera. Sozinho ele se sentia mais corajoso, um herói de verdade quando realizava seus intentos.

Nas noites em que ia esperar, arrumava sua tralha: a rede, a cartucheira, a capanga onde levava rapadura, farinha, requeijão, água, lanterna e outras bugigangas.

Antes de sair, tinha todo um ritual: rezava: “Pai Nosso Piquinim, Deus me leva em bom camim...” Fazia o sinal da cruz, e dizia:

– Já vou!

Sua mãe, muito contrariada, reclamava:

– Vai... vai caçar o que não guardou! Um dia você pode achar o que não procura. Que Deus te livre e te guarde de todo o mal. Amém!

Ele ria e dizia:

– Mãe, a senhora não sabe a emoção que o “caba” sente quando tá deitado na rede, vê o bicho chegando e dá um tiro certeiro. Moço do céu, é bom demais!

E a mãe adverte:

- Nunca se esqueça da história da guariba amamentando, viu? E não é mentira não.

- Ô mãe! Ô mãe... não me desanima não.

- Pois foi. João de Mazinha me contou que saiu pra caçar e viu a guaribinha amamentando seu filhote. Quando a bichinha viu ele com a espingarda em punho, tirou o peito da boca do filhote, espremeu o leite na mãozinha e estendeu para ele, como se tivesse pedindo piedade.

Leôncio suspira fundo, mas não desiste e vai à caça, esperançoso de matar ainda que fosse um jacu, um tatu verdadeiro ou, de preferência, um veado.

As histórias de caçador e pescador sempre deixam alguma dúvida, mas essa que vou contar, Leôncio jurou por São Humberto, o protetor dos caçadores, e pela alma de seu pai, que é a mais pura verdade. Ele contou o caso com riqueza de detalhes:

- Era época de pequiseiro florido, eu já conhecia o trieiro... aí, eu subi no pé de Pereiro que conhecia que nem a palma de minha mão, olhei a direção do vento, deitei na rede e fiquei quetim que nem toicim no saco. Senti o cheiro da flor do bonequeiro e pensei comigo: hoje o veado não me escapa...pensa num bicho veaco, matreiro! Até que passou um jacu graúdo, mas eu não atirei para não espantar o bicho, o veado, entendeu? Passei a noite todinha e nada! pitei dois cigarro pra não cuchilar. Vi a barra do dia clarear e nada do veado aparecer. Desci todo contrariado e peguei o camim de volta. Aí, Nego, o trem deu bom, eu nem podia acreditar no que tava vendo. Apurei bem as vista e lá tava o danado, bebendo água numa aguada, já na beira da estrada. Posicionei a arma, abri um zoi e fechei o outro, mirei a cabeça do danado e páaa. O bichão era graúdo, caiu com um tiro só. Aí eu parti pra cima pra pegar minha caça. Quando cheguei pertim, bem pertim mesmo, nem sinal; o disgramado desapareceu, sumiu que nem lume, ali na frente de meu zoio, esses aqui que a terra há de comer. Você pode

acreditar, é home que tá lhe dizem. Me arrepiei todo, meu cabelo ficou em pé, véi, e até hoje eu me arrepio.

Após a narrativa, o caçador abanou a cabeça, sacudiu as mãos e foi saindo cabisbaixo. Virou-se para trás e disse:

– Não sei que mistério foi esse, não! Enquanto vida eu tiver, vou me lembrar desse caso.

O dono da morte

Eromar

Os médicos, hoje em dia, quem decidem a hora de morrer e, muitas das vezes, também a hora de nascer. Ele, porém, tomou a morte para si e decidiu como morrer. De minha parte, se é pra entrar no hospital e de lá não sair vivo, que não me levem. Sou capaz de me internar no mato, dias e dias, em busca de uma causa perdida, até por amor, eu vou. Mas, se tem coisa na vida que me dá medo pânico, essa coisa é médico.

Uma história dizia que ele tinha descido do Piauí, onde era escravizado. O sujeito, às vezes um menino ainda, era seduzido a trabalhar para um fazendeiro ou comerciante. Com o pequeno salário pagava a comida fornecida pelo próprio fazendeiro, comprando dele ainda uma coisinha e outra que precisasse, que seja uma camisa. Daí por diante, o que recebia era só pra pagar a dívida, que não acabava nunca e, se não continuasse trabalhando, era surra que aguentava e se fugisse era morto.

Mas ele conseguiu sair de lá fugido, sempre andando pelo meio do mato, nunca seguindo caminho ou estrada, cheias de perseguidores pra matá-lo. E assim veio bater nos gerais de Formosa do Rio Preto.

Essa história era a que corria pela boca dos ralos moradores que existiam naquele tempo, mas talvez nem fosse a história dele, podendo ser de tantos outros meninos, como era a situação que realmente se dava e era sabida de todos. A história corria, mas ninguém sabia quem tinha sido o primeiro que da boca dele tinha ouvido. O que parece ser a verdade é que, de primeiro, ele andou passando por muitos brejos, sendo assim visto no Roncador e no Brejo do Ziago, no Brejão e da Biguela, no Brejo dos Cavalos e do Tatu Grande e Tatu Pequeno, no Brejo do Criminoso, da Aldeia, do Gato, da Tiririca e do Adragui. Até

no Brejo da Ponta da Serra também pisou, como foi o caso de muitos outros além desses, sem contar o Brejo Curto e o Comprido, o da Pedra e o dos Negros. Por aí tudo ele foi visto, sempre passando rápido e não se detendo pra mais de um cafezinho, uma pouca das vezes. Até que um dia ele não foi visto em mais lugar nenhum, embrenhando-se em socavão muito esconso, que ninguém mais soube notícia. E lá, depois de anos, só ele e o mundo incriado, ele morreu. Antes de morrer, o ser mais próximo de gente que ele viu, fui eu.

Eu arriei duas mulas das melhores. Me preveni de dois alforjes de munição de boca pra uns dias. Oleei a espingarda e nos outros dois alforjes dispus chumbo e pólvora pra muitos tiros, sabendo que, quando a munição de boca acabasse, eu ia ter de matar pra comer o que corresse ou voasse na minha frente. Ou mesmo rastejasse. Formosa naquele tempo era um arraial beirando mil moradores. Quando eu deixei a rua, montado em uma das mulas e puxando a outra, sem dizer a ninguém pra onde eu ia, deixei também nas cabeças um mundo de indagações, cogitações e fuxicos. Alguns, montados também, me seguiram à distância quando eu marquei para os rumos de Goiás. Mas, quando o sol pendeu para o fim do dia, desistiram e arrepiaram caminho. E era tão fácil ligar as pontas e concluir o destino e a razão de minha viagem! Era que a moça que eu amava tinha partido com os pais e irmãos para São José do Duro, no Goiás.

Um mês já se passara e cada dia que vinha, maior se tornava minha revolta e meu amor. A pulsão de amor pela moça tornou-se insuportável. E vieram mais dias e mais meses e eu não me curava. Então eu fui atrás da cura. Do contrário, eu me matava no fundo do Rio Preto. Eu viajei para declarar o meu amor e arrancá-la dos pais, se fosse preciso.

Dias viajando, dormindo ao relento, tendo por companheiras e por salvação minhas mulas. Boa quantidade de sal que eu levava tornou mais agradável comer as perdizes, os jaós, os marrecos, os patos, os jacus, os pombos verdadeiros que eu colhia a tiros de chumbo.

Avizinhando-se das Serra das Divisões, mais de um caminho divergiam-se e o que peguei, depois de um dia inteiro de jornada, me levou a lugar nenhum. Dei-me por extraviado e, quanto mais eu buscava saída, em mais lugares estranhos eu me encontrava. E já a noite se aproximava. Saí numa minúscula malhada. Ali resolvi passar a noite, buscando me acalmar e esperar a luz do dia seguinte para me orientar.

Foi sob a luz do dia seguinte, ao acordar, que distingui a figura dele, parado, a me olhar, como se não quisesse fazer barulho que me tirasse do sono. Nada tinha de ameaçadora aquela figura esguia e esquelética, vestida de alguns farrapos de pano. Esboçou no magro rosto um sorriso débil, mas que teve o poder de instantaneamente me cativar. Não estava muito longe a choupana em que morava. Conduziu-me até lá. Ofereci uns grãos de café torrados que eu mastigava quando amanhecia nas jornadas.

Passei ali até o meio-dia entre pouquíssimas palavras do homem, que parecia tê-las esquecido, e alguns gestos de delicadeza. Ofereceu-me mais de um tipo de raízes que cultivava em volta da choupana e que compartilhou comigo, sempre com um sorriso de uma incrível felicidade. Mas uma nota de pena e preocupação ensombrou meu coração quando percebi que ele tinha dificuldade de deglutir. Contou-me que havia anos sofria de entalção, mal que trazia desde o tempo do Piauí. Mas acalmou-me dizendo que aquilo não era nada, era apenas a mensageira da sua morte, com quem a cada dia conversava e aprendia.

Foi ele que me reconduziu ao caminho de São Jose do Duro, onde eu ia encontrar a minha amada. Ensinou-me como atravessar o Riacho da Areia, de areia finíssima e movediça. Quando a areia não está acamada antes da travessia, é perigosíssimo atravessá-lo, já tendo muitos animais e pessoas encontrado a morte no seu leito, enterrados na areia. Também assinalou marcas no caminho para que eu não me extraviasse na minha volta.

Por ser pra mim muito penoso lembrar todos os fatos, não vou contar o que aconteceu comigo em São José. Basta dizer que logo na minha chegada soube que minha amada estava casada. Nem falarei da perturbação nervosa que me deixou prostrado durante os dois dias que fiquei naquele lugar, os quais a maior parte do tempo passei acariciando o papo de minha cartucheira. Antes que cometesse um desatino, arreei minhas mulas, ainda meio cansadas, e retornei para a travessia das esplêndidas campinas e dos chapadões dos cerrados. Já passado o descambo da Serra das Divisões pelo lado da Bahia, tomei as marcas deixadas pelo solitário eremita que me acolhera na ida e fui bater em sua choupana.

Nada atendeu aos rumores de minha chegada. Fazia um profundo silêncio, e tão profundo que se podia ouvir o ciciar das partículas de folhas levadas pelas formigas. Senti o frescor da cabana ao entrar, e no chão pousei os olhos numa forma de esqueleto humano. Realçava a brancura dos ossos, todos rigorosamente limpos por um trabalho de formigas. Nenhuma fera grande viera lhe devorar. A disposição dos ossos guardava nítida a forma do corpo no chão. O crânio seco mirava o céu. Os braços e pernas alongados, ajustavam-se perfeitamente à terra e denunciavam uma morte tranquila, sem estrebuchos.

Abri uma pequena cova na frente da cabana e dentro depositei, um a um, os ossos, arrumando-os como convinha ao meu coração comovido.

Alimentei as mulas com as raízes e folhas cultivadas ao redor da choupana e ali passamos o resto do dia e a noite, durante a qual considerei longamente ali ficar para sempre, tomando por minha vez o lugar do piauiense. Mas essa ideia esvaiu-se com o sono.

Ao romper da aurora, arreei as mulas e enfrentamos por muitos dias a descida até Formosa. Na chegada, vi-me cercado de quase todo o povo do lugar. Eu lhes disse que o ouro de Jacundá, no Goiás, era

uma ilusão. Já tinha acabado tudo e dava mostra de grande idiotice quem se abalava de Formosa para buscá-lo.

O ilá de Ogum¹

Antonio Nonato Santos Oliveira

Os atabaques ressoavam, a gira girava e as cantigas se faziam ouvir distantes. Eu, minha filha Aurora, adolescente ligada à cultura coreana *k pop* e minha avó Isabel, católica e uma das integrantes mais devotas da Legião de Maria, assistíamos às festividades em homenagem a Iemanjá em Barreiras, uma das cidades do cerrado baiano. Em determinado momento, Aurora encantada com todo o esplendor da festa, voltou-se para mim e num ímpeto de curiosidade questionou:

– Pai, como o candomblé veio parar por estas bandas?

Ao perceber o interesse de minha filha, a vovó fitou longamente nos meus olhos, como quem me interrogasse: seria este o momento da revelação? Estaria Aurora preparada?

Confesso que fiquei intrigado com o questionamento e não querendo dar uma resposta óbvia e rasteira, como bom curioso que sou, iniciei pesquisas em arquivos e livros para desvendar este mistério. Já o segredo que a vó Isaura tinha a revelar para minha filha ficou para mais tarde.

Ao examinar os arquivos históricos da região me deparei com uma carta de alforria que me dava inúmeras pistas do que eu buscava. Tratava-se de carta de liberdade do escravizado Manoel, de nação Jeje, registrada em Livro de Nota de Tabela de Barra, Bahia, cidade próxima, a trezentos quilômetros de Barreiras e uma das mais antigas da região.

Constava na carta de alforria que o escravizado Manoel, de nação Jeje, era oficial de barbeiro, e que foi alforriado em 1836 por um

¹ Ilá é o grito que um Orixá emite quando manifestado.

motivo inusitado. Ele fora furtado do local onde morava, beco da Agonia, em Salvador e levado para o sertão da província da Bahia. Algum tempo depois, Manoel conseguiu se livrar e, surpreendentemente, retornou à posse de sua senhora, Maria de Souza Monteiro. A senhora em reconhecimento à atitude de Manoel, além do pagamento de 200 mil reis que este lhe fez, não hesitou. Concedeu-lhe a carta de alforria.

Ao pesquisar sobre as origens Jeje de Manoel Coelho Sampaio, nome que o escravizado adotou após liberto, descobri que o povo Jeje vivia na parte setentrional do atual Togo, República do Benin e o sudoeste da Nigéria, região do continente africano cognominada pelo colonizador de Costa da Mina, pela quantidade de minas de ouro lá existentes. Ao ser escravizado, Manoel tinha outro nome e falava a língua “gbe”. Trazia, além das marcas étnicas no seu corpo, sua cultura, seu modo de tratamento familiar próprio, sob a égide da religião vodum, termo utilizado para designar as divindades invisíveis do mundo espiritual. Provinha de um local em que o ritual religioso era realizado “a partir da consagração de devotos às divindades mediante processo de iniciação, com a instalação de altares fixos e espaços sagrados estáveis”, sendo indício de que tenha influenciado significativamente a institucionalização do Candomblé na Bahia².

Identifiquei na carta de alforria que no Brasil, Manoel exercia a profissão de barbeiro, como tantos da etnia jeje. Os oficiais de barbeiro, como Manoel, não apenas cortavam cabelo, mas utilizavam suas habilidades com a lâmina para exercer funções de cirurgião, médicos, aplicar sudoríficos, tirar dentes, lançar ventosas e sanguessugas, preparar remédios e curativos, sangrar, e, por vezes, eram utilizados nos rituais do candomblé. Era, portanto, especializado e muito cobiçado por sua especialidade.

² Conf. PARÊS, Luiz Nicolau. *A formação do candomblé: história e ritual da nação Jeje na Bahia*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006. p. 14, 18.

Não por acaso o jeje Manoel exercia o ofício de barbeiro. O culto à divindade Gu, denominação fon do vodun senhor da guerra, correspondente ao Orixá Ogum dos iorubás, habilitava seus seguidores à metalurgia, à cirurgia e às escarificações. Daí tanto os jejes exercerem as funções de barbeiros. Eram herdeiros de saberes milenares, e portadores de habilidades sociais e políticas acima da média. O antropólogo Luiz Nicolau Parés identificou várias pessoas da nação Jeje com ofício de barbeiro, compondo a mesa de Irmandade do Bom Jesus das Necessidades e Redenção, por volta de 1808³.

Ao tentar descobrir sobre como o escravizado Manoel veio estar na província da Bahia, me deparei com o livro do historiador João José Reis, revelando que com a guerra santa declarada em 1804 por Usuman dan Fodio e outros conflitos em reinos do oeste africano, diversos grupos derrotados, mas acostumados ao combate, foram enviados como escravos para o Brasil. A maioria para província baiana, no período que abrange o século XVIII e início do século XIX⁴. Com tais movimentos, diversos indivíduos de regiões que cultuavam os orixás vieram para Bahia, certamente, Manoel foi um deles.

Com a morte de Bonifácio Coelho Sampaio, Manoel ficou como propriedade da esposa Maria de Souza Monteiro, identificada na carta de alforria como “crioula”. No Brasil escravista, o escravizado era considerado um bem caro e cobiçado. Ter escravos era sinônimo de prestígio, sucesso, ascensão social. Paradoxalmente, tal conduta alcançava alguns poucos escravos que conseguiam ter escravos e algar libertos que , quando podiam, adquiriam escravizados.

Fiquei curioso para entender o motivo que levou o escravizado Manoel retornar à sua senhora. Fui pesquisar sobre alforria, descobri

³ PARÉS, Luiz Nicolau. “Milicianos, barbeiros e traficantes numa irmandade católica de africanos minas e jejes” (Bahia, 1770–1830)”. Revista Tempo, 2014 v20, p. 8, disponível em

<https://www.scielo.br/j/tem/a/BXkcQS7JswBSDQPfZBj8vyH/?lang=pt&format=pdf>, acessado em 26/01/2024.

⁴ REIS, João José. Rebelião escrava no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 68, 76 e 77, 121 e 421.

que era o modo de mudança de estatuto jurídico de escravo para liberto, e que antes da Lei do Ventre Livre, cabia exclusivamente ao senhor e sua relação com o escravizado. Os escravistas a utilizavam como válvula de escape das tensões do sistema, desta forma, a alforria contribuía para perpetuação deste. O bom escravo se forjava na expectativa da alforria. No Brasil, a alforria servia, também, como meio de criar demanda de escravos, fomentando desta forma o lucrativo comércio atlântico de seres humanos. Além disso, a alforria constituía uma política de produção de libertos dependentes dos seus ex-senhores, por meio da lei que previa a revogação da alforria por ingratidão, se bem que há poucos casos registrados de revogação, mas esta rondava como um fantasma o alforriado⁵.

Para os escravizados a alforria era a possibilidade de liberdade, já que retirava de seus ombros o estatuto jurídico de escravo, livrando-os de muitas limitações que a situação de escravo o impunha. A maioria das alforrias envolvia pagamento em dinheiro. Dinheiro que era conseguido com o excedente do valor que o escravizado era obrigado a dar ao escravista para aqueles que trabalhavam no ganho. Ou com o valor que conseguia com seus próprios meios, para os que não trabalhavam no ganho.

Percebi que Manoel analisou as opções que lhe restavam e não hesitou em tomar a atitude de retornar ao senhor. Sabia das dificuldades de um homem de cor, mesmo livre naquela, sociedade. A reescravização era uma sombra para aqueles que não conseguiam comprovar sua situação de livre ou liberto. O desconforto de viver fugido, podendo a qualquer momento ser preso e retornar a um cativeiro mais duro, ou ser vendido para um destino distante do seu

⁵ OLIVEIRA, Antonio Nonato Santos. *Participação de terceiros na alforria. Escravidão e liberdade em Barra Bahia, 1827 a 1888*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2017.

círculo de relacionamento. Ponderou estas situações, e retornou à sua senhora.

Assim como muitos escravizados, Manoel, nascido na África e vivendo no Brasil, tonou-se mensageiro entre dois mundos, multicultural. Aprendeu lá e aqui. Como todo transcultural, foi impactado com o estranhamento inicial, mas pôde observar, comparar, ver as diferenças e se adaptar, contudo não perdeu a essência de sua cultura.

O cognominado moleque na carta de liberdade, Manoel, após ser alforriado, Manoel Coelho Sampaio, voltou para o sertão, para onde fora furtado. Saiu do ambiente conturbado da capital da província e foi viver em Barra do Rio Grande, vila localizada no sertão, às margens do rio São Francisco, cerca de 650 quilômetros de Salvador. Lá encontrou a distância necessária para uma nova vida, mais tranquila.

Com estes dados em mãos, pude finalmente responder às inquietações de Aurora. Ela entendeu que a experiência do escravizado oficial de barbeiro Manoel, nos dá pistas das dinâmicas africanas nos sertões e cerrados baianos, de como a religiosidade africana veio encontrar lugar por essas paragens. Não raro, africanos iam e vinham do cerrado para a capital da Província trazendo consigo toda sua carga cultural, numa dessas vindas muitos se estabeleceram nos cerrados baianos, e com isso, fixavam no lugar sua visão de mundo, sua cultura, sua religião.

Ao saber dos resultados da pesquisa e como minha filha Aurora ficou impactada, avó Isaura decidiu que ela estava preparada para a revelação.

Chamou a Aurora em particular e, com um gesto solene, passou-lhe um abebé (espelho) de Oxum e um oxé (machado) de Xangô, explicou o significado e revelou que aqueles instrumentos estavam em nossa família ao logo das gerações. Naquele momento minha filha não resistiu, prostrou-se em lágrimas.

A vó Isaura, fervorosa integrante da católica Legião de Maria, revelou-se uma guardiã da tradição dos orixás.

Ao entregar os instrumentos sagrados asseverou: estes são objetos encarnados dos seus antepassados, são símbolo do que você é. Faça o que você fizer, esconda onde você esconder, estas marcas de identidade vão estar contigo, assim como as escarnificações indeléveis trazidas nas faces de muitos dos nossos ancestrais africanos.

[Transcrição da Carta de Alforria do escravizado Manoel]

Registro da carta de liberdade do escravo Manoel que lhe passou sua senhora Maria de Souza Monteiro, como abaixo se declara:

Digo eu, Maria de Souza Monteiro, crioula, viúva de Bonifácio Coelho Sampaio, moradora nesta cidade no beco da Agonia, que entre os bens do mesmo casal deixado pelo falecimento do dito meu marido, foi um moleque de Nação Jeje, e de nome Manoel, oficial de barbeiro, o qual sendo furtado e levado a vender-se no sertão desta Província se nos apresentou depois, nesta cidade, quando pode fugir daqueles lugares pelo que, autorizado pelo mesmo Juiz de Paz, com precedência das necessárias provas, requeria minha posse em que fiquei mansa e pacificamente sem oposição de alguma, e por que o dito escravo Manoel Coelho Sampaio além da sua fidelidade pela qual merecia ser forro, digo ser liberto, me tem dado a quantia de duzentos mil reis em moeda papel, eu forro e hei por liberto para gozar de sua liberdade como se do ventre livre nascesse, isto muito de minha livre vontade, que para assim se cumprir e guardar, fiz passar o presente título por Jose Gomes Pimentão em razão de não saber ler nem escrever, a quem roguei que por mim assignou com as testemunhas presentes. Bahia vinte de fevereiro de mil oitocentos e trinta e seis. Eu que este escrevi, e

*a rogo de Maria de Souza Monteiro assinou José Gomes Pimentão=Como testemunha José Mendes da Costa Coelho=Como testemunha embaixador e Brigadeiro Manoel Alves Lima=Ao tabelião Cunha Bahia primeiro de março de mil oitocentos e trinta e seis. Simões=Reconheço a letra e sinais supra serem dos próprios. Bahia, primeiro de março de mil oitocentos e trinta e seis. Manoel Pinto da Cunha. Estava o sinal público. Em testemunha da verdade. Manoel Pinto da Cunha= Laçada as folhas vinte e quatro verso. Bahia o primeiro de março de mil oitocentos e trinta e seis (...) Vila da Barra aos quatro de maio de mil oitocentos e trinta e seis (...)*⁶.

⁶ Tabelionato de Notas de Barra, Bahia, Livro de Notas do Primeiro Tabelião nº 14, fl. 03.

O mistério da Princesa do Cerrado

Daniella Taveira dos Prazeres

Era uma vez uma linda menina de pele marrom, cabelos ondulados que resplandeciam como os cachos de buriti, cuja cor, era a mistura de luz dourada e o laranja do pôr do sol, no horizonte dos Gerais. Então seus pais a batizaram de Ipê. Ela passeava fabulosamente por todas as terras do reino Cerrado, mas seu lugar favorito ficava à margem de um rio puro e cristalino. Em alguns trechos, as águas formavam lindas ondas de espuma branca ao tocar as pedras.

Brincava, corria, nadava e mergulhava em um sonho profundo todas as vezes que tocava ou estava diante daquelas águas. Era sereia, navegante, desbravadora e tudo mais que desejasse ser. Sobre cada pedra se sentia segura, uma paz absoluta nesse lugar mágico pincelado pelos orixás.

Toda vez que a princesa fechava os olhos, onde quer que fosse, se via boiando sobre aquelas águas, contemplando o céu azul-celeste. Podia voar com as asas que somente tais gotículas proporcionavam ao carregá-la numa espécie mágica de água-ar.

Com o passar dos anos, seu tempo-vida foi mudando aos poucos, não tinha mais horas para contemplar o rio, e em raras ocasiões, sentia alegria, conquanto, muito mais tristeza e nostalgia. Estava cansada.

As responsabilidades e obrigações a levaram para um lugar chamado Terra Sólida, sem água, sem azul, sem árvores – a Capital de Concreto, ora muito quente, ora muito fria. Sem existir completamente, apenas ali cumprindo uma horda de tarefas inertes. Aquele som que

ela ouvia quando mergulhava, o tom do silêncio do seu pensamento desbravando as ondas, ou o acorde ao bater uma pedra na outra embaixo d'água, e rir ao sentir a vida-água do rio, da rocha, do céu, do vale verde do Cerrado e como tudo isso refletia a sua alma. Era outrora, o passado guardado nas gavetas da memória.

Ipê, tinha que cumprir suas tarefas, mas sentia-se tão vazia e cheia de si mesma. Porque sempre saiu leve da água deixando nela toneladas de turbulências diárias. Passou um bom tempo, então, em um fim de tarde de amargura, foi ao seu lugar preferido e percebeu que não mais nadava, sorria ou brincava, apenas contemplava-o em tom de despedida. Nem ela, nem o rio eram mais os mesmos. Contudo, talvez não houvesse culpa nisso, refletia a jovem. Aliás, somos natureza e seres humanos cíclicos, assim buscava impacientemente justificativas para amenizar suas inquietações.

No local tinham mais casas do que buriti, mais cimento, do que pedras. A profundidade era tocada. O vale verde reduzido ao longo de extensas dimensões das margens. Naquele instante, seu pedaço do céu na terra tornou-se seu refúgio-tristeza, concluiu a garota. Ambos: princesa e natureza choraram em um silêncio sem lágrimas.

Quando a situação era bem difícil, na família, estudos ou trabalho, ela regressava àquele lugar tão estimado. Agonizavam ela e o rio: ele sem zelo, ela sem amor e vazia de vida. Tal desassossego a afastou cada vez mais das águas de cura e felicidade que outrora preenchia a sede da alma.

Após alguns anos, seu pai, o rei, lhe disse que ela definitivamente estava pronta para ser a sucessora rainha. A menina constituiu-se mulher, entretanto não mais sorria, pois ainda se sentia criança na imensidão íntima de ser. Apesar das dúvidas acerca de tantas expectativas e incertezas da vida, traçaram o seu destino, cada passo da sua jornada. Consentiu.

Voltou ao Rio de Ondas, olhou-o pela última vez, ela estava com um vestido amarelo com pedrarias e bordado de ouro exuberante para

a coroação. Banhar não mais! Agora aqui jaz mansões, há mais construções vazias de lar, muros, tudo blindado, só quem poderia se deleitar eram aqueles habitantes que tinham a chave de algum cadeado. Nem mesmo a jovem princesa tinha o seu próprio espaço, tornou-se reflexo de brilho na água, mas quem poderia imaginar que com o passar dos anos as margens fossem se tornar tão estreitas e disputadas.

Em imenso desespero, Ipê ajoelhou-se diante do rio e dos resquícios de um buritizal. Ela implorou por uma solução, pediu com toda a força da sua alma que o Rio de Ondas jamais morresse e que em troca seria parte do vale verde do Cerrado, consentiria a própria vida para lembrar aos habitantes do reino a importância da preservação daquelas águas e matas.

Fortes ventos sobre as árvores e redemoinhos sob as águas formaram uma espécie de orquestra da natureza, pássaros e folhas de diversas espécies e cores começaram a dançar e flutuar ao redor da princesa que lentamente se constituiu árvore, majestosa e viva. Ela foi encantada, todavia de um jeito bom, como também sonhara ser: parte do lugar mágico que escolheu estar. Seus pais, rei e rainha, damas de companhia e guardas que a acompanhavam ficaram perplexos, depois de instantes se sentiram plenamente maravilhados com o poder do amor da futura monarca pela mãe natureza, com a força da magia de ambas e tamanha sintonia.

Porém, em reinos mágicos, um pedido grandioso como esse também tem suas implicações, ela iria viver conectada com as águas, aves e árvores, mas estaria desconectada do mundo, a menina jovem e mulher, completamente esquecida. Dessa forma, a árvore tornar-se-ia secular, a mais sábia, mas também insignificante para muitas almas humanas. Iria testemunhar tragédias, como queimadas, desmatamento, poluição e nada poderia dizer, sua única arma nesta batalha contra a irracionalidade do ser “racional” seria florescer. Apesar de tudo isso, ela consentiu.

Hoje, no século XXI, felizmente o rio continua a existir, entretanto, a princesa ainda se amargura pelo descaso dos moradores pela natureza na terra pouco úmida, quente, pérfida. Em setembro, Ipê floresce, alguns admiram, fotografam, ficam deslumbrados. Contudo, a maioria dos súditos não a cultivam, isso porque estão focados na plantação de prédios altos.

A princesa Ipê vive em silêncio durante meses, sem brotar flor, como toda vida e ser vivente cumpre seu ciclo, suas tarefas e obrigações como árvore nobre. Mergulhada no profundo ser das antigas incertezas daquilo que poderia ter sido e a realização do futuro que escolheu. Incerto é viver, ela pensa, mesmo para aqueles com títulos, sobrenomes e destino traçado, ainda assim tudo é rio.

Ipê, resplandece com a vontade de para sempre pertencer. O sentimento de esperança que foi lentamente regado pelo Rio de Ondas nas inúmeras oportunidades em que a princesa pôde contemplá-lo. A menina-mulher encantada como árvore, espalha suas sementes com a ajuda das aves, para que essas sejam tocadas pela água do rio-vida de ondas. Talvez seus descendentes mais longínquos não o reverenciem, nem conheçam tamanha exuberância em forma de pedras, líquido e verde na qual ela deseja continuar a viver e apreciar por toda eternidade.

O reino Cerrado prospera cada vez mais, porém, lentamente, rio e princesa são esquecidos ou reduzidos de sua importância. No entanto, Ipê floresce no desespero de lembrar aos habitantes que a verdadeira vida mora na sagrada natureza. Floresce como forma de protesto. Floresce em solo gélido e quente. Floresce em vários lugares.

Após séculos, Ipê tornou-se parte crucial do reino e alcançando outros lugares para além das proximidades do seu rio favorito, como se sempre estivesse ali. Além de florescer amarela, também deu origem a outras cores após observar a diversidade e miscigenação dos moradores das regiões que alcançou. Agora, também é ipê-rosa, ipê-roxo, ipê-verde, ipê-branco.

Naturalmente, muitos humanos passam pelas Terras Sólidas ou Capitais de Concreto e se perguntam como uma árvore de flores tão exuberantes e contornos assimétricos, Ipê, esbanja vida entre o cimento, tão distante da água, como então foi parar ali reinando reluzente e absoluta?

Ipê, é a lenda da princesa menina, uma história real da mulher-árvore. Como outras narrativas é mais um mistério que aos poucos se tornou esquecido. Não obstante, seu nome e cores reluzem pelo Cerrado. Por isso, eu vim aqui para lembrar a você, caro/a leitor/a dos encantos da savana brasileira, eternizar a luta de Ipê e seu sacrifício por meio das palavras. Acredite: a Literatura tem esse incrível poder. Reconte essa história para que os Mistérios do Cerrado não sejam esquecidos e para que Ipê continue a ter o seu eterno feliz para sempre todos os dias, enquanto ela e o rio-vida continuarem a viver.



O Negro d'água do Rio de Janeiro⁷

Valney Dias Rigonato

O mistério se revela nas lendas e no imaginário das pessoas que habitam nas regiões: Centro-Oeste, Sudeste, Norte e parte do Nordeste, especialmente, na bacia do rio São Francisco. Em alguns lugares dessas regiões, ainda há pescadores que, ao saírem para pescar, levam cachaça e jogam para dentro do rio, para que suas embarcações não sejam viradas. Então, se encontrar uma cachaça dentro do rio não beba. Ela pode ser oferenda para o Negro d'água! Acredita-se que ele veio do rio São Francisco. Ele é um moleque que gosta de dar gargalhadas, é preto, careca e possuem as mãos e pés semelhante aos patos d'água. Temido por atrapalhar a pesca, se os pescadores se negarem a compartilhar parte dos peixes.

Nos idos do ano de 1985, Janilde uma menina sapeca que vivia entre o povoado de São Vicente e Chico Preto às margens do rio de Janeiro no município de Barreiras na Bahia. Especificamente, abaixo das escarpas⁸ e das falhas geológicas demarcadas na paisagem do cerrado baiano pelas cachoeiras do Rio de Janeiro e do Redondo. A aparição do Negro d'água ocorreu em uma época que não tinha estradas, não tinha energia e muito menos lavadora de roupa.

Todos tinham consciência que a pesca e a vida dentro do rio eram controladas pelo Negro d'água. Segundo a lenda misteriosa, os moradores daquela região dos gerais baianos tinham o costume de pedir permissão ao Negro d'água para pescar, para atravessar o rio com suas balsas de talos de buritis. Ah, se não conversassem com o

⁷ Esse conto é baseado em relatos orais reais. Descrito no ano de 2023 pela personagem principal durante entrevista no projeto “Resiliências Climáticas”, desenvolvido pela Universidade Federal do Oeste da Bahia e outras instituições.

⁸Escarpa é uma saliência de relevo com declividade acentuada (mais de 30 graus), popularmente chamada de Serra, mas cujo topo é composto pelas chapadas “Gerais”.

Negro d'água em voz alta e/ou em pensamento poderia esperar a linha e os anzóis ficarem, a balsa virar e/ou você ser puxado para dentro do rio enquanto atravessa as pinguelas. Todavia, sempre houve aqueles céticos e ateus que “não acreditam em nada”! Esses sofriam mais...

A pequena Janilde tinha o rio um lugar mágico e de brincadeiras. Enquanto sua mãe e outras mulheres geraizeiras lavavam as roupas. Já o seu pai pescava no rio, lagoas e afluentes, bem como caçava e armava arapucas às suas margens. Enquanto, a vida cotidiana desenrolava naquela manhã de verão, ela e as outras crianças brincavam de nadar e correr nas águas limpas e cristalinas do rio de Janeiro. Entre uma brincadeira e outra escondiam entre os caules dos pés de buritis. Tais brincadeiras, aconteciam também quando os seus pais iam caçar ou pescar. Mas, aí tinha de ter cuidado com os barulhos para não atrapalhar! Se não, ficariam sem o alimento do dia!

Janilde afirma: “era tudo divertido, simples e muito agradável!” Aquelas paisagens e lugares eram recheadas de lendas, de mitos e os mais velhos, o pai e a mãe, sempre falavam:

– Meninas! Cuidado com o Negro d'água. Vocês cresceram, ele gosta de meninas moças. Dizem que se ele se apaixonar por vocês, ele pode sequestrar as meninas moças de forma silenciosa e levar com ele para o mundo encantado das águas!

Janilde tinha medo daquelas conversas e do mundo oculto que estava depois das folhas dos buritis. Mas ela, acostumada com a vida no meio da natureza, com a astúcia de brincar com as amigas, nem lembrava e tinha tempo para sentir medo.

Tudo isso, mudou em uma tarde que ela foi olhar um jiqui⁹ com o seu pai. Enquanto ele pescava, ela escutou um barulho naquelas águas cristalinas do rio de Janeiro. O som parecia um batido de uma rocha com a outra. Diante disto, ela olhou atentamente e avistou um

⁹ Armadilha de pesca, geralmente feita com bambu ou cipó.

rapazinho negro, com orelhas puxadas semelhante as barbatanas dos peixes e muito ágil dentro da água.

Essa foi a primeira visualização. Tudo indica que ele não a avistou. Mas, ali já tinha acontecido o encanto. Ela quase não conseguiu dormir naquela noite! A imagem daquele rapazinho, menino de três pernas não saiu da cabeça dela. Afinal, diz as lendas que os negros d'água são pequenos, mas, que possuem um órgão genital avantajado.

Dias se passaram. Ela até esqueceu um pouco daquela visão. Então, ela já era moça. Já tinha entrado na puberdade. Aqui, cabe lembrar que as moças daquela época devido a alimentação mais saudável, as águas com menor quantidade de poluentes químicos e agrotóxicos, menstruavam na adolescência.

Depois que já tinha passado o seu ciclo, em uma semana da passagem da lua nova para a lua cheia. Ela voltou ao rio para se banhar no final da tarde! Um hábito cotidiano daquelas famílias que habitavam e habitam às margens do rio de Janeiro. Todavia, aquele dia mudaria a vida da Janilde.

Diante do fato misterioso, ela relata:

- Quando eu entrei e comecei a tomar banho com as minhas irmãs. Logo, percebi que havia vultos e barulhos estranhos! Olhei sobre a águas e as pequenas ondas de água. Avistei novamente aquela criatura mística.

- Mas, não parou aí, primeiro ele parou e ficou nos espiando às margens do rio. Acredito que ele, sempre estava ali, desde muito tempo. Ele, possivelmente, habitava naquela curva do rio;

- Depois, ele mergulhou. Foi coisa de segundo. Neste momento, o velho meu pai já tinha chegado da caçada. Neste instante, vi uma mão passando e tentou pegar nas minhas belas pernas. O sol já se punha entre as frestas dos pés de buritis. Fiquei, extremamente assustada.

- Moral da estória: a única coisa boa foi que as minhas irmãs e meu pai estavam lá e puderam participar do acontecido. Até então, passei alguns anos falando que tinha visto um Negro d'água. As

peessoas e a minha própria família zombavam de mim! Eles não acreditavam.

– Então, o Negro d’água existe! Eu tive dois encontros com ele. Um visual e o outro ele tentou me sequestrar. Também ouvi as gargalhadas dele várias vezes às margens deste rio perto do quintal da minha casa. Confesso que até hoje, não vou às margens do rio! Mesmo as pessoas não acreditando, mesmo eu sabendo que depois que as águas diminuíram devido ao uso indiscriminado pelas grandes fazendas, da chegada da energia elétrica e da destruição das margens do rio, não houve mais aparição e não há condições dele sobreviver ali!

– Atualmente, quando eu falo do Negro d’água as pessoas ficam sorrindo e até me criticam! Aquelas imagens e a tentativa de me levar foi muito real. Acho que aqui foi só eu que vivenciei essa experiência misteriosa! Como eu vi e, ele quase me levou com ele. Passei acreditar e temer. Dessa forma, acredito que ele sendo uma criatura mística poderá (re)aparecer para me sequestrar! Mas, também poderá reaparecer para proteger a biodiversidade e as águas do nosso rio!

Por fim, se você não viu o Negro d’água do rio de Janeiro ou de outros rios dos Cerrados, devido a destruição provocada pela “monocultura das mentes”¹⁰ e, mormente, pela chamada modernização da agricultura: você terá de ir às margens do rio São Francisco entre a cidade de Juazeiro e Petrolina para apreciar a escultura do Negro d’água de Ledo Ivo Gomes de Oliviera. E, dependendo da época do ano, ela estará no seco e, ou banhada pelas águas salgadas que avançam do mar para dentro do sertão! Será que o sertão vai virar mar? Me pergunto sempre que vejo a escultura banhada pelas águas.

¹⁰ Esse conceito foi criado por Vandana Shiva (2012) para explicar a força das mentes que destrói as mais ricas florestas do planeta por serem declaradas improdutivas e substituídas pelas plantações de eucalipto, pinheiro, soja, algodão e milho, que empobrecem o solo e as comunidades rurais do entorno em favor de indústrias específicas. Para a autora, toda a redução da biodiversidade é uma monocultura. A insensibilidade e a incapacidade de enxergar a diversidade são a monocultura da mente, um instrumento essencial do poder para controlar as vidas, sobretudo nas regiões de fronteiras agrícolas.

O nosso Negro d'água é de água doce e cristalina! Ele é um mistério, exceto para dona Janilde que há viu e jamais voltou a banhar e pescar nas águas do rio de Janeiro e de outros rios dos Cerrados baianos.

O Negro d'água

Evanilda Miranda

Dona Laudelina é uma senhora viúva, de pele preta, muito bonita e educada. Não teve filhos, morava sozinha, de modo muito simples em uma casinha nas margens do Rio Grande, na comunidade de Vila Brasil, onde fez muitas amizades. Era ela quem sempre batia o sino, chamando os fiéis para a missa na igreja de São José.

Por outra parte, Dona Laudelina se dizia conhecedora dos mistérios do Cerrado. Ela nos contava, com desenvoltura e clareza de ideias. Ficava brava quando alguém ousava duvidar de suas histórias.

Em suas narrativas, fazia questão de enfatizar que conhecia pessoalmente o Negro d'Água e o descrevia como uma mistura de homem e anfíbio; nem bonito e nem feio; morador do rio. Dizia que ele tinha orelhas pontudas, sobranceiras peludas, olhos arregalados, corpo coberto de escamas, pés e mãos em forma de barbatana, nariz um pouco achatado, cabeça pelada e brilhante e olhos arregalados.

Ela contava que o Negro d'Água alimenta-se de ervas e peixes, mas costumava aparecer na piracema para “*assuntar*” e espantar os pescadores. Pedia fumo e cachaça. Não gostava de ser contrariado. Porém, quando o Negro d'Água notava as possibilidades de pesca predatória e poluição dos rios, ele agia em favor da natureza, apagava o fogo, quebrava os anzóis, rasgava as redes de pesca, batia nas pedras, balançava as árvores, dava seu grito assustador. Assim, os peixes sumiam e os pescadores, desesperados, corriam amedrontados.

É importante explicar que existiam muitas especulações em torno da existência do Negro d'Água. Uns diziam que ele era um monstro, um homem, outros diziam que ele era um peixe enorme ou um gigante encantado. Todos tinham pavor de um dia encontrar-se

com ele, porque sua presença era um convite para levar sem possibilidade de volta, as pessoas para o fundo do rio. Era tudo muito misterioso!

Certa vez, um grupo de dez homens resolveram acampar na beira do Rio Grande para prendê-lo. Foram três dias de espera. Todos com redes de pesca, espingardas, baladeiras, facas e facões. Acenderam o fogo e esperaram, mas nada do ser misterioso aparecer.

No final do terceiro dia, ele apareceu em um tronco de árvore que tinha no meio do rio. Apenas o homem mais moço conseguiu vê-lo, com suas mãos enormes, fazendo gestos e chamando-o para o fundo do rio. O moço mostrava o que estava acontecendo, mas os amigos não avistaram o perigo. Quando viram o amigo caminhar para o fundo do rio, correram para salvá-lo. Neste momento, o fogo apagou. Só houve o tempo de salvarem o amigo. Deixaram na beira do rio todos os seus pertences e fugiram desesperadamente.

Quando chegaram em casa, assustados e envergonhados, não tinham coragem de contar o que realmente aconteceu. O amigo que estava se afogando porque foi atender ao chamado do Negro d'Água, explicou que, quando viu as mãos gigantes com gestos convidativos e os olhos espelhados iguais a diamantes negros, não teve dúvidas de que deveria segui-lo até o fundo do rio.

Os dez amigos, intrigados com o grande mistério, procuravam entender o motivo pelo qual, dentre eles, apenas um havia conseguido visualizar o Negro d'Água e seus chamados. Eles se questionavam se haviam ficado cegos, naquele momento, ou se foram hipnotizados, já que não perceberam a presença dele.

Os vizinhos e familiares do grupo queriam saber o resultado da caçada. Acreditava-se que, ao prender aquele ser que vivia assombrando a todos, o povo teria um pouco de paz. Por várias vezes os homens contaram o ocorrido, mas ninguém acreditava. Diziam que era lorota de pescador.

Uma tristeza profunda tomou conta dos pescadores. Eles ficaram acamados, com febre, dores de cabeça, desânimo e confusão mental. Tomaram muitos chás, chamaram benzedeiros. Entretanto, nem os médicos conseguiram diagnosticar o que realmente estava acontecendo. Foi então que resolveram chamar dona Laudelina para que pudesse fazer uma oração para ajudar na cura dos pescadores.

No dia e na hora marcada, o grupo de oração iniciou a celebração. Rezaram o terço da Misericórdia e, no final, todos queriam saber dos acontecimentos. Ciente de tudo, Laudelina convocou uma reunião com os dez pescadores.

Dias antes da reunião, em uma tarde de sol, ela foi lavar roupas no rio. Estava pensando nos pescadores e como ajudá-los a recuperar a saúde física, mental e espiritual. Quando terminou de lavar a roupa, colocou a bacia na cabeça, subiu o barranco e olhou para trás. Dona Laudelina avistou o ser misterioso, ele acenava com as mãos, ria, dava gargalhadas; mas não a chamava. Parecia que queria transmitir uma mensagem de paz.

Dona Laudelina, estava sozinha e com receio que alguém a chamasse de louca, guardou o segredo e, tremendo de medo, voltou para casa. Como era uma mulher de fé, fez suas orações e pediu a Deus que iluminasse sua vida, suas decisões e seus pensamentos.

A noite caiu e a lua cheia iluminava o jardim... Dona Laudelina foi à igreja fazer seu trabalho e participar da missa das vinte horas. O celebrante foi Dom Ricardo que, em sua homilia, falou de fé, cultura e educação ambiental. Explicou que Deus fez a natureza linda, cheia de encantamentos e que exige a preservação permanente de todos. Enquanto isso, a senhora não esquecia seu encontro com o Negro d'Água. Sentia uma mistura de medo e curiosidade, mas não visualizava naquele ser, um inimigo ou um espírito maldoso.

Enquanto isso, os pescadores estavam ansiosos, queriam saber a data do encontro que teriam com Dona Laudelina. Então, o encontro foi marcado para o dia treze de agosto, uma sexta-feira, às seis horas,

na margem direita do Rio Grande, no porto da Vila Brasil. Foram informados que deveriam levar velas, terços, fumo, cachaça e que todos da comunidade poderiam participar.

O povo achou estranho o local da reunião. Um dizia: “eu não vou, Deus me livre de Negro d’Água. Se ele resolver me levar, quem cuidará de meus filhos?” Outro fala: “eu vou e vou armado, qualquer coisa, mando bala”. Outras comentavam: “nossas armas serão a fé em Deus e a oração”.

No dia e hora marcada teve início a reunião. Acenderam as velas, sentaram-se formando um grande círculo e, antes de tudo, fizeram as orações, pedindo saúde para os pescadores e proteção divina para o rio. Em seguida, a senhora Laudelina pediu para cada pescador falar de suas experiências, olhando fixamente para o rio.

Todos relatavam o temor que tinham daquele ser estranho, de sua violência em virar as embarcações, rasgar as redes e espantar os peixes. Um pescador relatou que não tinha medo, não respeitava o período da piracema, pescava e vendia os peixes porque queria ter dinheiro e acumular riqueza e que não estava preocupado com a natureza, seu objetivo era o dinheiro no banco.

De repente, ouviu-se uma grande gargalhada e, no meio do rio, apareceu aquele homem preto, enorme, que caminhava em passos lentos, em direção ao grupo. O pescador que não tinha medo, desmaiou. A devota senhora rezava e despejava gotas de cachaça na água do rio, enquanto as outras mulheres jogavam farelos de fumo. As velas continuavam acesas e todos olhavam estarrecidos para aquela cena.

Chegando bem perto do grupo, o Negro d’Água parou, olhou profundamente nos olhos de cada um, acenou de forma amigável, riu, apagou as velas e desapareceu repentinamente.

Então, dona Laudelina explicou que este é apenas um dos muitos encantos que habitam as florestas e os rios, e que só atacam quando são contrariados ou quando visualizam algo prejudicial à natureza.

Ela esclareceu que o Negro d'Água se acha o dono do rio, que ele assustava os pescadores porque foram dois pescadores que, por pura maldade, o jogaram, ainda muito jovem, no fundo do rio, dentro de uma rede forte amarrada em uma grande pedra.

Contou que, quando ele conseguiu sair do fundo do rio, havia sido transformado em um ser horrível, com o corpo coberto de escamas, e que a sua missão, como ser encantado, é assustar os pescadores e cuidar dos rios. Assim, quem preserva o meio ambiente, não precisa temer.

Os pescadores entenderam que os seus medos eram frutos da falta de conhecimento. Os seres encantados existem, que o universo está repleto de seres inexplicáveis, muitos são criados pela ilusão das mentes. Dessa forma, concluíram que é preciso distinguir os fatos reais das lendas, fortalecer o corpo e o espírito para enfrentar as adversidades da vida.

Dona Laudelina finalizou dizendo: “você viram que o Negro d'Água existe. Mas não deve ser motivo de doenças e perturbações. Ele veio até perto do grupo para mostrar que nada tem contra aqueles que vivem dignamente e sabem o valor de cuidar da natureza”.

E assim, os pescadores tiveram a saúde restaurada. Contudo, em noites de pescaria, por vezes, é possível avistar o Negro d'Água, assustando os pescadores e fazendo-se presente nas rodas de conversas e na memória dos povos do Cerrado.

O nome de Téo

Kauê Porto

Na penumbra da madrugada, Téo se encontrava imerso na vastidão do céu, onde apenas algumas estrelas brilhavam em um oceano noturno ainda inexplorado. A luz suave e tremeluzente das tochas ao redor da aldeia lançava sombras dançantes sobre as habitações tradicionais.

"Parece que as estrelas estão diminuindo", comentou Téo baixinho para si mesmo, enquanto observava o céu. Desde a infância, ele nutria uma paixão profunda pelos astros, compreendendo as constelações como guias noturnos. Os pajés da aldeia, reunidos ao redor de uma fogueira, reconheciam sua habilidade e o honravam com o título de "sabido explorador espacial", uma designação que ele carregava com orgulho. No entanto, essa paixão celestial era acompanhada por uma sombra de desamparo, pois Téo, imerso em pensamentos, continuava a pensar sobre essa falta de estrelas.

Ele se sentia parte do céu, como as nuvens que pairavam sobre a cabeça da tribo, fornecendo sombra e chuva, nesse ciclo interminável de transformação. Téo, no entanto, enfrentava o peso do preconceito devido ao seu primeiro nome "Teodoro Kaito".

- Teodoro, você pode ajudar a trazer mais lenha para a fogueira?
- chamou um dos anciãos.

- Claro, vou buscar agora mesmo - respondeu Téo, interrompendo seus devaneios sobre as estrelas.

Muitos acreditavam que não era um nome típico para um indígena, onde não era de se estranhar, o chamarem de Teo-do-ro como forma de deboche, ou apenas de Kaito. Ele não entendia todo esse alarde em torno de algo que fora atribuído a ele desde o nascimento.

À medida que a luz das tochas iluminava as faces da tribo, alguns membros compartilhavam entre si a ideia de mudar seus nomes quando atingissem a fase adulta, buscando algo mais original e singular.

- Eu estava pensando em escolher um nome que refletisse melhor quem eu sou - comentou uma jovem da tribo.

Essa prática comum de receber nomes similares aos dos pais incomodava Téó, pois para ele, o nome era a única ligação restante com suas raízes familiares perdidas.

- Acho que devemos ter a liberdade de escolher nossos próprios nomes - concordou Téó, participando da conversa ao redor da fogueira.

A tradição de adotar nomes semelhantes aos dos pais, que para outros representava continuidade e conexão, para Téó era um constante lembrete sobre sua condição de órfão.

A luz das tochas lançava sombras intrigantes enquanto Téó, ao ver todas as famílias reunidas, sentindo a necessidade de pertencimento, decidia iniciar sua busca na oca onde crescera. O fogo crepitante revelava antigas fotografias e cartas em uma caixa empoeirada que pertencia à sua mãe adotiva.

- O que você está fazendo, Téó? - Perguntou Aiyana, sua mãe adotiva, ao vê-lo remexendo nas coisas na casa deles.

- Estou procurando respostas sobre quem eu sou e de onde venho - respondeu ele, compartilhando suas preocupações com Aiyana.

Entre esses fragmentos do passado, Téó descobriu uma fotografia amassada que parecia se tratar de um homem branco.

- Um homem branco? - exclamou Aiyana, fingindo surpresa.

Para Téó, Aiyana era a única família que lhe restara, além dos anciãos e companheiros, mas ele notara que ela muitas vezes ela lhe escondia coisas importantes.

Movido pela descoberta da fotografia do homem branco, Téo decidiu explorar a caixa empoeirada em busca de mais pistas sobre suas origens. Entre as antigas fotografias, Téo encontrou cartas vindas desse mesmo homem branco. Essas correspondências lançavam luz sobre a possibilidade de aquele homem ser realmente seu pai biológico, e as palavras escritas revelavam uma história que estava além do seu conhecimento.

Impulsionado pelo desejo de descobrir a verdade e encontrar o homem branco que poderia ser seu pai, Téo se prepara para uma jornada em direção à cidade. Abandonando a segurança da aldeia e o calor das tochas, ele parte em busca de respostas, ansioso para desvendar os mistérios que envolvem suas origens e, quem sabe, encontrar o elo perdido que o ligaria ao homem retratado na fotografia.

Pelo caminho da floresta do cerrado, Téo avistara uma visão enigmática e assustadora, um ser negro, humanoide, porém com diferentes características animais, enormes pés de pato, do animal mesmo, garras nas suas mãos, e jurara ver guelras e escamas por volta de sua pele, ao olhar com mais cuidado notara o esplendor de sua pele, absorvendo toda a luz do ambiente, ao mesmo tempo que refletia o azul do céu e dos mares, como era um menino muito estudioso e que adorava ouvir os contos e as lendas, percebera que se tratava do Nego d'Água. Atentando aos detalhes, atribuía um tom ainda mais realista, com o tempo analisando a poderosa criatura, percebeu que ele nunca o faria mal, sentindo uma estranha sensação de familiaridade.

Téo ao chegar mais perto, pois lhe parecia adequado, sem dizer uma só palavra, o personagem dos mitos também se aproximou. O jovem índio, gaguejou algumas palavras, pois estava nervoso. O Nego d'Água chegou ainda mais perto, o abraçou, cobrindo-o por uma aura azul e aconchegante. Téo se sentia sonolento, e o brilho convidativo e a calma do cantar de aves e cigarras, o convidava a descansar. Ao fechar os olhos, em seus sonhos havia memórias como flashbacks. Via

sua tia, uma mulher muito bonita e um homem branco, parecido com aquele visto apenas nas fotografias velhas.

Ao despertar pela manhã, o garoto, repleto de questionamentos sobre as visões da noite anterior, empreendeu uma busca pelo ser místico que o havia encantado. Contudo, mesmo sob a luz clara, que contrastava de maneira marcante, não conseguiu avistar o Nego d'Água. Apesar dessa separação abrupta, isso despertou uma energia ainda mais intensa em Téó, impulsionando-o a reencontrar a razão por trás dessa visita mágica, ou seja, suas próprias origens.

No final da floresta, o jovem também avistou um casal de lobos guarás e seu filhote, uma visão majestosa que parecia prenunciar bons frutos em sua jornada. Os lobos guarás, com suas pelugens avermelhadas, atravessaram o caminho de Téó como se fossem guardiões de sua busca. Contemplando essas criaturas elegantes e selvagens, Téó sentiu uma conexão simbólica, como se a própria natureza o estivesse guiando em sua busca por respostas. Essa experiência fortaleceu sua determinação, renovando sua esperança à medida que continuava a desbravar os segredos da floresta em direção à cidade.

Chegando à cidade, notou olhares de preconceito o encarando, um sentimento muito mais forte do que recebia da aldeia pelo seu nome. As ruas movimentadas e os rostos desconhecidos exacerbaram a sensação de ser um estranho em um mundo diferente. Téó, imerso na atmosfera urbana, sentia-se deslocado e vulnerável diante do julgamento silencioso que pesava sobre ele. Contudo, esse desafio não o impediria de continuar sua busca pelo homem mencionado nas cartas que descobrira em sua oca na aldeia. Determinado, Téó prosseguiu na cidade, consciente de que sua jornada estava apenas começando.

No meio das cartas e fotografias antigas, Téó descobriu um envelope amarelado contendo um endereço cuidadosamente escrito. Esse pedaço de papel, revelando um endereço na cidade, adicionou

uma nova dimensão à sua busca. Era como se aquele endereço fosse a chave para um outro universo.

Kaito observava as luzes da cidade piscando à distância, enquanto segurava com firmeza a fotografia amassada do homem branco que poderia ser seu pai. A jornada até ali tinha sido repleta de desafios, e agora, imerso na atmosfera urbana, enfrentava olhares de preconceito mais intensos do que jamais sentira na aldeia.

O endereço encontrado entre as coisas da sua mãe adotiva tornou-se um farol, guiando-o pelas ruas movimentadas da cidade desconhecida. Cada passo era uma descoberta, cada rosto uma incógnita, e o coração de Téo pulsava com a expectativa do desconhecido. Ao procurar pelo homem da fotografia, o rapaz se deparou com inúmeros obstáculos. Recebeu nãos e comentários maldosos sobre sua aparência, sofrendo leves empurrões que abalaram sua determinação. Em meio a essa tormenta, a fotografia de seu "pai" voou para longe, como se o destino brincasse com suas emoções.

A busca por respostas tornou-se uma dança entre o passado e o presente, uma jornada que o levou por vielas e avenidas, revelando a diversidade e as adversidades da cidade. Porém, Téo não estava sozinho; ele sentia o espírito dos lobos guarás, guardiões do cerrado, incentivando-o a persistir.

A cidade, com sua agitação e indiferença, desafiava Téo de maneiras que a aldeia jamais fizera. O peso do preconceito era palpável, mas ele estava determinado a não permitir que isso o desviasse do caminho em busca de sua identidade.

Encontrar o homem branco tornou-se um desafio maior do que Téo poderia imaginar. Cada pista levava a becos sem saída, e as cartas encontradas não ofereciam muita clareza. Mas ele não desistiu. O endereço parecia ser a chave, e Téo decidiu explorar essa pista com mais afinho.

Seguindo as indicações do endereço, Téo encontrou-se em uma parte mais tranquila da cidade. Ruas arborizadas e casas antigas davam

um ar nostálgico ao ambiente. Ao chegar ao local exato, ele sentiu uma mistura de nervosismo e esperança.

Bateu à porta e foi recebido por um homem idoso, de cabelos brancos e olhar gentil. Ao mostrar a fotografia e explicar sua busca, Téo viu os olhos do homem se encherem de emoção.

– Você é Teodoro Kaito? – perguntou o homem, e Téo assentiu.

O homem abraçou Téo com ternura, revelando que era um velho amigo de seus pais biológicos. A conversa fluiu, e o homem compartilhou histórias que o jovem jamais imaginara. Descobriu que seu pai biológico era um astrônomo renomado, apaixonado pelas estrelas, assim como ele, e que sua mãe biológica, uma indígena protetora do cerrado que também dedicava suas noites a observar as estrelas.

O homem continuou sua narrativa, revelando que a trajetória dos pais de Téo foi marcada por desafios e preconceitos. O pai, o astrônomo apaixonado pelo cosmos, Thiago Porter e a mãe Jacira Kaito, uma índia afinsa na proteção do cerrado, enfrentaram a intolerância de uma sociedade que, muitas vezes, não compreendia, nem aceitava essa diversidade.

O casal, unido pelo amor às estrelas e à natureza, vivia à margem de dois mundos distintos. A mãe de Téo, em especial, experimentava diariamente o peso do preconceito, sendo alvo de olhares discriminatórios e palavras ofensivas ao visitar a cidade. O fechamento da comunidade em relação às diferenças tornava a vida difícil, e a falta de compreensão acarretava perseguição. Certo dia, ao notar esse perigo iminente, o jovem casal decidiu deixar Téo sob os cuidados da irmã da indígena, Aiyana. Como se fosse uma premonição, ao saírem da aldeia, perto de chegarem na cidade, foram emboscados e mortos por grupos extremistas. A notícia dessa fatalidade se espalhou por toda a cidade, deixando todos na aldeia arrasados.

O próprio Téo percebeu que não sofria apenas discriminação por conta de seu nome não convencional, mas também devido aos seus

traços, que revelavam uma herança mista. Seus cabelos mais lisos e a tonalidade de pele, que refletiam a miscigenação de suas raízes, tornaram-se alvo de julgamentos e olhares desaprovadores na aldeia. Ao descobrir que seus pais foram assassinados, o jovem indígena ficou em choque, pois essa revelação trouxe à tona a crueldade do preconceito que afetou diretamente a sua vida. A compreensão da tragédia que envolveu seus pais gerou uma mistura avassaladora de tristeza, raiva e desamparo, transformando sua busca por identidade em um caminho marcado pela superação e pelo enfrentamento das adversidades.

Essa descoberta adicionou uma camada complexa ao entendimento de Téó sobre sua identidade. Ele não era apenas Teodoro Kaito, um nome que destoava das tradições locais, mas também um reflexo visível de uma miscigenação que, infelizmente, não era plenamente aceita por alguns membros da comunidade.

Ao ouvir essa parte da história, Téó sentiu um misto de emoções. A dor da perda misturava-se à revolta contra a injustiça que havia vitimado seus pais. A jornada em busca de suas origens, que inicialmente era um desejo de conexão, transformou-se em um chamado para confrontar e superar o preconceito que marcara a história de sua família.

O homem, que compartilhava as lágrimas de Téó, ofereceu apoio e orientação. Juntos, decidiram honrar a memória dos pais de Téó, transformando a tragédia em uma mensagem de resiliência e superação. A jornada de autodescoberta ganhou um novo propósito, e o jovem sentiu-se guiado não apenas pelas estrelas, mas também pela memória dos pais que também enfrentaram o céu noturno.

Assim, munido de uma nova compreensão de sua história, Téó Kaito voltou à aldeia para compartilhar não apenas suas origens, mas também a lição de perseverança diante das adversidades. O preconceito, que um dia pesara sobre seus ombros, transformou-se em

combustível para uma missão mais ampla: promover a compreensão, a aceitação e a celebração da diversidade.

Ao perceber que o preconceito não se limitava apenas ao seu nome, mas também aos traços que herdara, Téó decidiu abordar essa questão de frente. Conversou com os anciãos e lideranças da aldeia, compartilhando suas experiências e expressando a necessidade de promover uma mudança no entendimento coletivo sobre a diversidade.

Essa conversa não foi fácil, e enfrentou resistência de alguns membros mais conservadores da comunidade. No entanto, o desejo de Téó de construir uma aldeia mais inclusiva e justa era tão forte quanto a luz das estrelas que o guiava. Ele se tornou um defensor ativo da aceitação das diferenças e da valorização de todas as origens.

Com o tempo, sua abordagem começou a surtir efeito. As sementes da compreensão foram plantadas na aldeia, e embora o progresso fosse gradual, Téó permaneceu firme em sua missão de criar um ambiente onde todos pudessem se sentir verdadeiramente pertencentes, independentemente de seus nomes ou características físicas.

Assim, a jornada de Téó expandiu-se, indo além da busca por suas raízes pessoais. Tornou-se uma missão mais ampla de transformação cultural e quebra de paradigmas. Ao final, Téó percebeu que seu papel como explorador espacial não estava apenas nas estrelas, mas também na desconstrução das barreiras terrestres que limitavam a aceitação e compreensão.

A aldeia, inspirada pela história de Téó, começou a questionar suas próprias tradições. A mudança estava começando, e ele sabia que o caminho à frente seria desafiador, mas estava determinado a construir um futuro em que o preconceito não tivesse espaço.

Hoje em dia, o antigo jovem índio aceitara seu nome, mesmo que diferente. Téó Kaito Porter, o astuto explorador espacial, munido de uma curiosidade infinita, conseguiu, através de muito estudo, formar-

se em Astronomia, buscando manter a chama que seus pais deixaram ainda viva dentro dele. Além disso, ele se destacou academicamente, tornando-se um respeitado astrônomo e autor, contribuindo significativamente para a pesquisa espacial e em outros campos.

Sendo muito lembrado na região, inspirou vários livros infanto-juvenis, como "O Menino que Buscou Seu Nome" ou "A Origem do Cerrado". Esses romances tentam demonstrar que a miscigenação, muitas vezes vista como algo vergonhoso para os retrógrados, é, na verdade, uma fonte de riqueza e diversidade, também explora com uma riqueza de detalhes a fauna e a flora do cerrado, demonstrando a importância de sua preservação. A autobiografia de Téo Kaito destaca como a aceitação das diferentes origens e identidades contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, rompendo com preconceitos e estereótipos ultrapassados.



O novo monstro do pedaço

Lancaster Diniz

Lá para as bandas do sertão nordestino, próximo as chapadas das Mangabeiras, onde fica a nascente do rio Parnaíba. Em suas margens derramam suas águas cristalinas, tanto para a bacia do São Francisco como para o rio Tocantins. A chegada do desenvolvimento fez com que as criaturas que vagueiam errantes na noite se tornassem enfraquecidas.

Afinal, é sabido que as forças dos mitos estão na crença popular secular, passada por gerações e, foi nesse contexto que numa noite de sexta-feira 13 de agosto com uma lua cheia que tomava todo o horizonte, na mata próxima ao arroio Corrente, que uma reunião inusitada ocorreu.

Ao redor de uma grande fogueira, cortesia da mãe do ouro, convidados especiais foram chegando; da região da lagoa de Paranaguá no estado do Piauí, veio a galope montando uma mula sem cabeça o barba ruiva. Cabra cabriola estava sentado num tronco reclamando da viagem longa de Pernambuco até aqueles rincões. Papafigo, como sempre, naquela fome! Neste instante, perguntou:

– Aonde encontro um bom contingente de crianças desobedientes para que pudesse raptar e me deliciar com seus fígados.

Cabeça de Cuia, o anfitrião emergiu das águas do Parnaíba para a grande convenção. Murmurou: – Quantas criaturas das ‘trevas’ juntas.

Eram quase 50 convidados de todas as partes do Brasil. Eles tinham um só propósito: planejar uma grande revanche para que pudessem defender suas existências nesses tempos difíceis onde a grande massa das pessoas pouco se lembrava dos bichos papões da

escuridão. Cabeça de Cuia foi logo pegando seu martelo feito de osso e batendo num tambor pedindo silêncio:

– Mas que algazarra!

Iara queria cantar sua nova ópera ao mesmo tempo que o lobisomem e o pé de garrafa faziam um dueto de uivos. A mãe do ouro então fez o céu explodir em chamas o que amedrontou a bicharada toda e o silêncio foi sepulcral.

– Meus queridos primos monstruosos, eu os chamei aqui para um assunto dos mais importantes nos dias de hoje.

– Nossa sobrevivência nesses malfadados dias onde o homem se corrompeu a tal ponto que perdeu o caminho da civilização...

– A tecnologia ...

– O fim da criatividade e o desgoverno total, fim de todas as instâncias que fizeram com que a nossa casta que sempre gostou do anonimato tivesse que se reunir aqui agora para pensarmos em ações de sobrevivência. Disse Cabeça de Cuia e foi ovacionado.

Não muito longe dali, em um casebre de pau a pique, há muito tempo esquecido pelo poder público (não era ano eleitoral), vivia Pedrinho Ventania um moleque para lá de arteiro, montador de mula brava e desempacador de burro. Dizia que não comia mel... mascava abelha; se morasse em cidade grande com certeza alguém já haveria lhe colocado goela abaixo uma ritalina. Deus me livre!

O caboclo balançava tranquilo na sua rede mexendo em um aparelho que o primo Zé Balaço tinha trazido da capital. Quando viu aquele clarão e, curioso como era, aproveitou o brilho da lua para averiguar o que acontecia logo ali na beira da nascente, acendeu a lanterninha do seu super polivalente presente e foi sorrateiro.

Ao chegar na nascente do rio Parnaíba se deparou com aquele grupo. Foi logo identificando, uma depois da outra, aquelas celebridades que seu avô tantas vezes o tinha contado história. Estava assustado e incrédulo, ao passo que teve a grande ideia de pegar sua versátil caixinha mágica. Ela também filmava.

Não era magia, era pura tecnologia. Mas descuidado que foi, sentiu o traseiro ardendo em chamas pela mula sem cabeça que batia cascos logo atrás dele.

Foi colocado, então, no meio da arena com todos aquelas criaturas. Algum queria seu fígado, outra sua carne. O quimbundo estava com sua grande boca dorsal quase tirando um pedaço do dedo do caipira. Só comadre Fulozinha pedia calma a todos. Resolveram então dar uma oportunidade ao estrangeiro de se pronunciar.

Pedrinho, já percebendo que sua existência dependia de uma boa prosa e, já com sua malandragem, apertou um botão vermelho no seu equipamento, agora convencido de que aquele bólido portátil que cabia no seu bolso era uma espécie de gênio engarrafado. De lá, como por milagre, as palavras saltavam de um texto sobre liberdade, escrito por um ativista dos direitos humanos, americano assassinado em Memphis, do qual Pedrinho nunca tinha ouvido falar. Desta forma, todos foram se acalmando e ouvindo nosso caipira. E no final, como em um milagre, a horda toda se acalmou. Alguns choravam, outros uivavam.

Pedrinho agora percebia que aqueles seres talvez não fossem tão pérfidos, eles estavam é sendo surrados pelo mundo. A inocência de todos ali tinha se esvaído até o final daquela noite. As assombrações queriam entender aquela caixa mágica ou caixa de pandora, que recitava discursos, que iluminava a noite e transmitia imagens.

Papafigo se converteu em vegano depois de ver um vídeo de um artista famoso no tik tok. Iara ficou desanimada depois que escutou Montserrat Caballé cantar ópera e parou de encantar os pescadores. Barba Ruiva resolveu fazer um novo visual, imitando um platinado de um jogador de futebol.

Logo foi criado um grupo de defesa do meio ambiente do curupira, que englobou todos defensores da mata, não só do Brasil, mas do mundo. Cada um que usava aquele pequeno dispositivo, depois de alguns minutos, sofria uma mutação. Eram novas ideias e

personalidades. Os mais medonhos continuaram terríveis, mas agora amedrontavam no Instagram ou nos jornais diários de notícias. Em um ninho de arara no alto de um pau, remanescente de um buriti, a Caipora foi colocar a caixinha mágica do nosso herói sertanejo lá nas alturas. Um repouso dos deuses, onde a luz do luar fazia brilhar uma grande maçã dourada estampada em sua frente, possivelmente símbolo do pecado original.

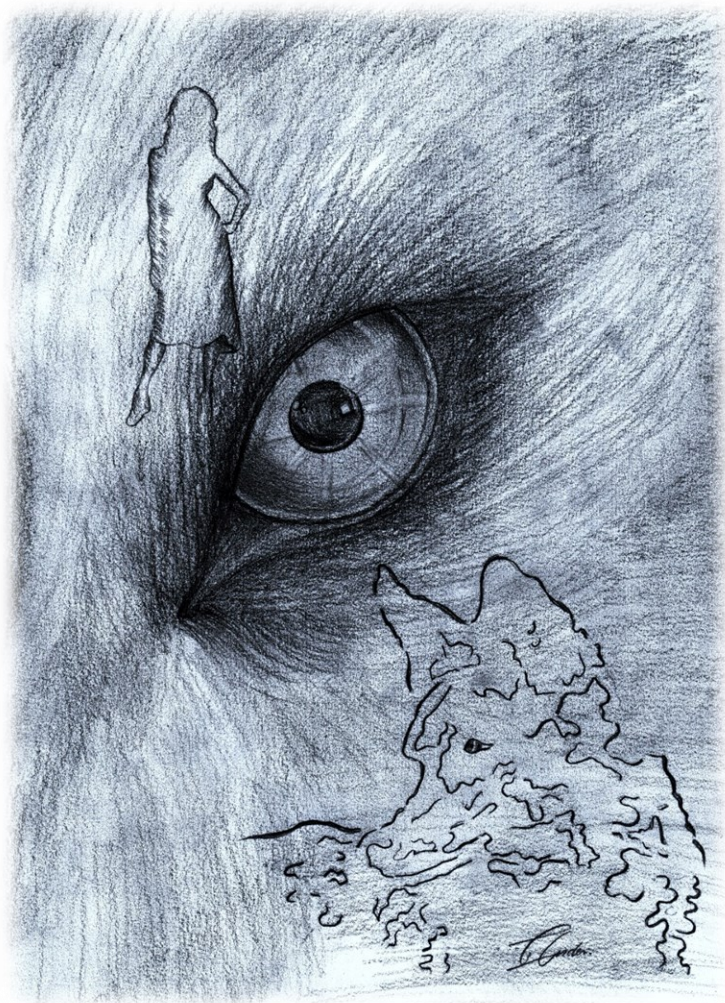
Depois de dois anos, Pedrinho estava morando na capital. Acordava cedo, entrava no metrô lotado, trabalhava na construção o dia inteiro, e já não ia lá ao sertão fazia muito tempo. As memórias do casebre desapareceram. Agora ele via numa tela em sua mão um mundo aparentemente maravilhoso, que o enchia de desejo. Ele queria todo aquele globo preenchendo sua vida e trabalhava incansavelmente para atingir sua recompensa. Uma noite, por acaso, passando pelo parque, parou. Da cidade percebeu uma sombra entre os eucaliptos, uma cabeça grande, um andar cambaleante... Inicialmente ficou amedrontado. Então, algo familiar lhe trouxe a lembrança de alguém. Ao se aproximar, lá estava o Cabeça de Cuia, pobre e maltrapilho, perdido em alucinações, não tinha mais seu Rio Parnaíba. Não tinha sua terra, nem seus amigos, tinha sido esquecido. Engolido e triturado pela nova civilização.

Ao ver Pedrinho, parou, sorriu. Desceu-lhe uma lágrima. Na mão... só aquele "aparelhinho milagroso".

Não sei exatamente quando o curso da história mudou e nem sei se no futuro o folclore regional vai resistir às investidas da globalização, tendo em vista que o mundo hoje cabe na palma da nossa mão.

A grande miscigenação de culturas já é uma realidade que traz tanto benefícios quanto malefícios. O difícil é quantificar. A maioria desses personagens do folclore nordestino é desconhecida por sua própria população, mas sabemos muito sobre as lendas urbanas americanas, mexicanas e de outros continentes. Na minha infância tive a oportunidade de ouvir várias lendas e ler sobre outras tantas, todas

espalhadas por esse Brasil. Aprendi porque fui um bom leitor. Hábito que nosso povo não pratica. Isso é preocupante, pois talvez estejamos perto do fim de uma era... uma grande virada. Mas sou mais como um Cabeça de Cuia: rígido, reto, pessimista sobre a civilização, resistente ao novo. Seremos engolidos por esse tsunami, esquecidos com todas as nossas experiências? Conquistas e sabedoria em vazio total se perpetuarão? Temos que ouvir e nos ater ao que é real nesse novo mundo que quase projeta o que devemos ser. Temos que nos proteger da manipulação das informações de uma mídia dúbia. Da amnésia cultural. Sejam bem-vindos ao terceiro milênio.



O olho do lobo guará

Inácio Cordeiro

Vem lá dos anos setenta esta história. Afrânio e Pedro eram compadres desde mil e novecentos e sessenta. Afrânio era compadre de Pedro e de Joana por ter batizado um dos filhos do casal. A amizade entre eles era de causar inveja a qualquer cidadão. Por pouco, quer dizer, nas mentes de Pedro e Afrânio, por muito, quase perderam a amizade por causa de uma simpatia que não deu certo e que jamais dará.

O que ainda hoje brutalmente acontece com os rinocerontes africanos, acontecia também com a nossa linda e única espécie de lobo que habitava o nosso cerrado – o lobo guará.

O rinoceronte é abatido com a intenção de apenas retirar seus cornos para a fabricação de joias e poções de cura para impotência sexual masculina. Um absurdo que alimenta uma crença que não funciona.

No caso do nosso lobo guará, um animal muito lindo que tem a postura de um cão pastor. Tempos atrás, era muito caçado por causa de uma lenda que o envolvia. A brutalidade do homem, por conta dos seus caprichos e crenças, sacrificava esses animais, que eram encontrados em nossa região de cerrado, sendo o lobo guará o maior canídeo da América do Sul. Os caçadores abatiam o animal e retiravam apenas os olhos para fazer simpatias com esses órgãos, os quais, diziam que atraíam belas damas.

Seu Pedro, um pai de família humilde, que, de vez em quando, andava a caçar pelas campinas de nossa região, ainda pelas décadas de sessenta a setenta, quando nosso cerrado era muito rico em fauna e flora e seus rios eram de águas límpidas com diversos cardumes de peixes e outras espécies aquáticas. Ele saía à procura de animais para

suprir a alimentação de sua prole de doze filhos e sua esposa, naquele período, em que a maioria das famílias humildes era grande e não havia tanta preocupação com a questão educativa e ou também social, pois a preocupação era apenas alimentar. Seu Pedro se valia dos recursos extrativistas e da plantação nos fundos do extenso quintal da sua velha casa herdada de seu pai, que também fora do pai deste; naquela imensidão dos gerais, onde se colhia o feijão verde, o milho, a mandioca, a abóbora, além da criação de galinhas que ali pastavam.

Pedro, num dia de caça pela mata fechada, percebe um guará que estava a comer a fruta da lobeira. O homem, com sua experiência de caçador, se posicionou de acordo com o vento para que o lobo não percebesse sua presença, aproveitou a distração do animal para abatê-lo, dando-lhe um tiro certo numa região distante do crânio do animal, evitando ferir o globo ocular da caça. Feito isso, pegou sua caça e, ao invés de ir para sua casa, foi para um outro povoado distante para a casa do seu compadre Afrânio, levando consigo algo que em seu pensamento era um achado e tanto, pois diziam que o olho do lobo guará seria um grande amuleto para atrair mulheres, e com certeza ele iria se dar bem.

A lenda do lobo guará era de uma crendice popular muito forte. E Pedro escolheu a casa do seu compadre, porque ele poderia guardar segredo, uma vez que sua esposa Joana jamais poderia saber que ele encontrara a solução para conseguir outras mulheres, muitas mulheres, com os dois olhos do lobo. Mas Afrânio, que de acordo com o padrão de beleza era um sujeito feio, nanico e cambota, que nunca namorara e nunca tivera uma mulher, sabendo que seu compadre Pedro estava com algo precioso que poderia resolver seu caso, a falta de mulher, logo cresceu o olho. Ele queria pagar pelo par de olhos do animal, pois estava ali o amuleto que iria tirá-lo de tamanha falta de sorte. Mas Pedro se negou a vendê-lo, mesmo que lhe pagasse uma fortuna. Só queria usar o espaço na casa de seu compadre para fazer a retirada dos

olhos e descartar o resto do pobre animal. Seu intento não deu certo, arrumou foi confusão.

Afrânio não concordou e partiu para a chantagem:

– Se você não me vender, e olha que eu pago bem, vou avisar para comadre Joana que você está com más intenções, você está querendo arrumar mulher por fora do casamento.

E virou aquele debate: vende, não vende; conta, não conta; uma confusão daquelas de sair farpas.

Para evitar problemas maiores, Pedro se rendeu propondo uma negociação:

– Compadre, eu não vou perder sua amizade, muito menos minha veinha, mãe dos meus filhos. Agora, pelo amor de Deus, sua comadre Joana não pode saber do nosso acordo, muito menos o padre Armindo, que fez nosso casamento. Jamais posso decepcionar minha mulher e o padre. Boca calada! Ave Maria!

Se benzeu e bateu na madeira...

– Nem posso pensar que minha parceira de muitos anos venha descobrir um negócio desse. Chego a lembrar o dia do meu casório após a celebração do padre na igreja lá no povoado. Foi um arrastapé danado, num ranchão de palha improvisado. Eita que aquele Pretinho tocador de sanfona pé-de-bode, sabia tocar e animar o povo! Tocou até “Saudade de Matão”!

Ficando de lado as boas lembranças do matrimônio e do arrastapé até o sol raiar, Pedro tomou fôlego, suspirou profundamente e retomou o assunto em questão:

– Deixemos de história, compadre e vamos ao que interessa. Como o olho do bicho é bom mesmo, hipnotiza qualquer mulher, eu não preciso de dois, basta um. Eu fico com um e você com o outro, vamos dividir a mulherada. Bom pra mim, bom pra você. Chegamos a um acordo e selamos um pacto.

Mas Pedro chama a atenção de Afrânio para um detalhe:

– Compadre, temos que seguir uma regra que vem lá do povo mais antigo: o bolso correto para condução do amuleto é o esquerdo, o solteiro que o conduzir no bolso direito não terá sucesso, ficará sozinho para o resto da vida. Já quem é casado ou amigo perderá a parceira.

Atentos às recomendações, ambos andaram cada um com o olho do bicho no bolso esquerdo, junto à carteira de documentos. Passaram-se anos e anos, e nenhum dos dois hesitou em suas pretensões: Antônio, por ser um sujeito feio, mal amanhado e desajeitado, como diziam no linguajar popular, e Pedro, que teve a sorte de sua mulher não ficar sabendo do tal amuleto, senão ele também ficaria só, porque não conquistou ninguém, e sua mulher não o abandonou.

Tremenda maldade fizeram os Pedros, os Afrânios e outros mais a esses animais enquanto essa lenda não fora quebrada.

Com o passar do tempo, com a crescente migração de povos de outras regiões e até mesmo de outros países, surge o desmatamento, aumentando cada vez mais as clareiras em nossas matas, dizimando o lobo guará e outros animais do cerrado.

Mataram pela lenda, pela maldade, pela inconsciência, pela ganância... Acabaram com seu habitat.

Agora, querem eternizá-lo numa cédula de duzentos reais.

Oh! Meus Santos dos Gerais!

Já pensou, quanta hipocrisia!

O Vale dos Buritis

Miriam Hermes

Um sonho constante e recorrente desde que tinha deixado seu torrão natal perturbou por décadas o trabalhador rural João Oliveira, mais conhecido como Jatobá. O apelido de infância remete aos primeiros anos de vida, quando gostava de catar os jatobás caídos da árvore próxima do riacho, perto da casa da família.

Essa era sua merenda predileta. Isso há mais de 40 anos, quando morava com os pais junto dos avós maternos, lá para as bandas do Cerrado de Goiás, hoje estado do Tocantins. Gostava quando a avó misturava a farinha do jatobá com pedacinhos de rapadura e eles se deliciavam com a iguaria que ela aprendeu a fazer com sua avó.

João deixou aquela terra com todos os familiares que habitavam o Vale dos Buritis de uma forma abrupta. Não prestou muito a atenção porque ainda tinha oito anos e quando os pais disseram que eles iriam para a cidade, ele, na sua criancice de menino, ficou muito feliz por conhecer esse novo lugar, do qual só tinha ouvido falar.

Hoje, ele sabe que os mais velhos tinham escondido das crianças as dificuldades que estavam enfrentando por causa de ameaças de desconhecidos, que andavam em grupos e armados. Ordenavam que todos saíssem dali o mais depressa, porque o 'dono das terras' viria para tomar conta do que seria dele. Assustaram a família, que não tinha documento das terras, mas já vivia por ali há mais de cinco gerações.

Tinham parentes espalhados pelas beiras de rios que existiam naquelas proximidades. Ninguém sabia ao certo desde quando moravam e cultivavam as terras do vale, mas tinham conhecimento que seus antepassados foram negros fugidos da escravidão, misturados com famílias remanescentes de uma tribo indígena, que tinha fugido das bandas da Bahia.

Diante das histórias que souberam de fatos acontecidos nas redondezas, com mortes, derrubada e queima de casas e outras benfeitorias, os adultos acharam melhor aceitar o dinheiro que o ‘dono’ tinha ofertado para eles saírem sem aborrecimentos. Para as crianças, sem detalhes, disseram que talvez um dia voltassem.

Só que não conseguiram mais retornar, pois souberam dos pistoleiros que rondavam dia e noite todas as terras do Vale dos Buritis, bem como da derrubada do Cerrado sem dó nem piedade, arrancando a vegetação e transformando tudo em grandes lavouras. Não tinham mais para onde voltar, porque pouco restava do cerrado de onde eles tiravam grande parte do sustento.

No vale nasciam dois riachos que corriam quase de forma paralela entre si e entre as escarpas que circundavam aquele pedaço de chão. Por fim, se encontravam a muitos quilômetros dali, formando o rio perene Buriti, cujas águas cristalinas refletiam o céu azul do Cerrado. Por ali, em um paraíso onde nunca faltou a água e sempre tinham o que colher, eles tinham fincado sua história.

Agora, com um curso de técnico agrícola e contratado de uma fazenda de agropecuária, João pensava em como estaria seu vale encantado. Ainda haveria as fileiras de buritis beirando as veredas, com seus frutos amarelos que atraíam muitos pássaros animados? Eram uma forte base alimentar, pois além dos doces com rapadura que guardavam por uns meses, eles também secavam as ‘raspas’ do buriti, que eram consumidas muitos meses depois.

Ele se indagava seguidamente: – Será que ainda sobrou algum pé de jatobá? O que estão comendo as araras azuis e barulhentas? Os bandos de emas e seus filhotes desajeitados? Os tamanduás? Os lobos guará?

E os pés de pequi que davam as melhores paneladas, cozidos apenas com água e sal, misturados no arroz, feijão e nas carnes. Também podiam ser “róidos” com farinha e raspas de rapadura, ou

cozidos até tirar seu óleo, poderoso remédio para curar as tosses brabas, misturado com mel.

Sentia muitas saudades! Nunca mais sua família foi a mesma. Na cidade eles conheceram a fome que dói. As crianças sofreram com o desprezo dos outros meninos que ‘mangavam’ deles e, porque tinham vindo dos brejos, eram chamados de brejeiros.

Acabou a felicidade que tinham com as coisas mais simples da natureza. Os avós logo morreram de tristeza, pois não se acostumaram com o ritmo da cidade. Seus pais se separaram e o pai ficou meio louco. Saiu de casa e nunca mais voltou.

Os meninos estudaram e cresceram com o trabalho árduo da mãe, que lavava roupas e trabalhava nas casas dos mais ricos todos os dias da semana para sustentar seus ‘bacurizinhos’, como os chamava com carinho nos poucos momentos que tinha para se dedicar a eles.

Jatobá só foi entender tudo que aconteceu depois que já estava rapaz. Por ter sonhos frequentes na adolescência com o pai e o lugar em que nasceu e passou parte da infância, vivia perturbando a mãe sobre a razão deles não terem voltado. Quando completou 18 anos, ela revelou o contexto em que se deu a mudança.

Sim, tinham sido vítimas de grupos de grileiros. Eles tiravam “de um jeito ou de outro” as famílias dos posseiros, que moravam perto dos mananciais, porque as terras estavam se valorizando, conforme a mãe de João revelou como testemunha viva desta história.

Ele ficou abalado, mas se orgulhava por ter um trabalho decente. Repetia isso sempre lembrando da mãe, que morreu quando ele tinha 40 anos. Isso depois que estava casado e era pai de uma menina, o que proporcionou à mãe a alegria de ser avó de uma garotinha, já que ela mesmo só teve ‘menino-homem’.

Embora estivesse satisfeito no casamento e no trabalho, onde esperava uma promoção de cargo e aumento de salário em breve, sentia uma espécie de remorso por não ter sido capaz de defender a família dos grileiros, de quem tinha repulsa enquanto seres humanos, porque

eram culpados por tudo de ruim. A fome, a morte prematura dos avós e a ‘perda’ do pai.

Seguia sonhando com ‘seu’ Vale dos Buritis. ‘Seu’ porque o vale, na configuração que ele tinha vivido na infância, existia apenas nas lembranças. Sonhava que andava com a mulher e a filha pelas trilhas até os locais de banho. Outras vezes, estava com os pais, os avós e irmãos. Eram sonhos bons, com frutas em abundância, muita água limpa, vida pulsando naquele vale guardado na memória.

Chegou o dia em que o patrão chamou Jatobá e fez a proposta de mudar com a família para uma nova propriedade adquirida pelo grupo agropecuário, onde comandaria um projeto de dar vida útil a uma fazenda que estava abandonada.

A ideia era que ele fosse primeiro com um grupo de trabalhadores para arrumar as benfeitorias malconservadas, transformá-las em moradias para depois levar a família e receber grupos de pesquisadores que traçariam o projeto de restauração.

João soube que seu patrão tinha comprado a área de um grupo falido, com planos de reflorestar as Áreas de Proteção Permanente (APP) em volta das veredas, riachos e escarpas da serra. Sabia que ele era um ‘brejeiro’ técnico agrícola que amava o Cerrado e daria seu melhor nesta empreitada.

Satisfeito, pediu um tempo para conversar com a mulher. No dia seguinte, confirmou a proposta. Não tinha certeza, mas, pelas explicações, poderia ser muito próximo do seu vale da infância. Dentre as recomendações, o patrão pediu que ele deixasse quieto no seu canto um homem idoso que já estava morando lá há uns 10 anos e era de poucas palavras.

No dia marcado saíram cedo para chegar antes do anoitecer. Era longe e parte da estrada não estava boa. Dormiriam em barracas nos primeiros dias. Era uma aventura. João Oliveira estava ansioso e só pensava no seu chão que lhe fora roubado.

Depois de tantos anos vivendo longe, quando foram se aproximando do seu 'novo' endereço, ele foi reconhecendo as serras. Lembrava bem das suas curvas. O patrão dirigia e a conversa estava animada na caminhonete. Entre outros assuntos disse que o 'velho' que morava em uma das casas abandonadas na fazenda, falava coisas desconexas, mas era tranquilo e ficaria bem com as novas companhias.

Qual não foi a surpresa de João quando finalmente o patrão desligou o carro em meio às construções em péssimo estado e, de dentro de uma delas saiu um homenzinho raquítico, caminhando devagar. O coração de Jatobá saltou absurdamente ao perceber que o 'velho' era seu pai.

Ainda confuso e sem reconhecer o filho, o velho pai olhava para um João adulto com um misto de curiosidade e desconfiança. Com palavras que saíam como quem busca lembranças entre as brumas da memória, por fim disse: "você parece o seu avô, meu pai". Falou que estava confuso e que passara muitos anos andando pelas estradas até encontrar o vale, que já estava abandonado quando chegou.

Ambos se abraçaram, enquanto o filho contava que agora estava casado, que tinha uma filha e que a mãe falecera há alguns anos. "Meu pai, agora você é avô. Nós vamos cuidar de você e comemorar este dia todos os anos. Vamos reflorestar este vale. Hoje recomeçamos nossa vida juntos e logo seremos quatro dentro da nossa casa. Vou lutar para trazer meus irmãos e as famílias".

O encontro provocou lágrimas também nos demais presentes. Aqui, no lugar em que os dois nasceram, estavam abraçados, pai e filho reunidos outra vez pelos mistérios dos Gerais.

Ouçã meu aviso, ele vem pelas águas

Alyssa Yasmin

Há muitos anos, quando as águas ainda cobriam o rio o bastante para a passagem das embarcações, o sol emergia por entre as serras anunciando uma nova estação. O galo cantara com o primeiro despontar da manhã, e, como já era de costume em uma fazenda, sentia-se o cheiro suave do café recém- passado.

Maria Aparecida, que preparava o desjejum, acordara cedo naquele dia e logo deu pela ausência do calor de seu marido na cama. Com a prosperidade e a chegada do período da colheita, a negligência dele para com seu casamento tornou-se evidente.

Há alguns anos, já vinha esfriando o relacionamento, desde que ele se tornara adepto das novas ideias, efervescentes nas grandes metrópoles, onde estudara, as quais gradualmente corrompiam as mentes sertanejas dos grandes investidores. O coração singelo de Cida doía ante a ausência emocional de seu marido, portanto, recolhia-se em silêncio, ocupando o tempo com suas orações.

Passou a manhã costurando uma linda bandeira carmesim, suas mãos delicadas passavam a agulha por dentro e por fora do tecido, seus dedos longos dançavam com o vibrar de sua voz entoando antigas canções. Sua mente esparecia e esquecia de seus problemas ordinários, estava ansiosa para rever sua família com a chegada da festa do Divino. Às vezes, observava as arvoretas de troncos tortuosos juntamente ao longo manto de gramíneas que compunha uma linda tapeçaria na pequena janela de madeira.

Seu marido chegou em casa, estava agitado, mas uma agitação resplandecente como se carregasse uma esperança no novo amanhecer. Cida saía do quarto e foi ver o que havia na sala.

— Não terminou o almoço? Tenho negócios a resolver — disse segurando o chapéu na mão e olhando para sua mulher.

— O que aconteceu, por que tamanho nervosismo? — da porta do quarto, ela olhava confusa para Antônio.

— Um homem de negócios pretende fazer um acordo comigo, Cida. É um daqueles da cidade grande. O José e eu vamos pelo rio, talvez viajemos a noite toda. E preciso arrumar minhas coisas, tenho que estar na margem antes do sol esfriar.

— E eu estava costurando a bandeira, meu bem, não sabia que chegaria cedo. — Estava nervosa, não tinha se planejado para tal investimento. — Preparei somente um doce de buriti.— Olha de relance para a panela.

— Sempre, sempre tenho que fazer tudo sozinho. — Sua felicidade se perdeu pelos ares... — Você e essas suas futilidades. Deixe, eu pego minhas coisas mais tarde, irei almoçar na vizinha. — Colocou o chapéu na cabeça e ia saindo pela porta.

— Espere, quer que eu viaje com você? Tenho que arrumar minhas coisas, e...

— Não, sua presença irá me desconcentrar dos acordos, somente prepare minhas malas.

Cida, entristecida, foi para o quarto. Seus olhos úmidos se direcionaram para a inacabada bandeira e o tecido esperando para se tornar um lindo vestido. Não haveria tempo para terminá-lo. Balançou a cabeça em negação e se direcionou ao guarda-roupa. Pensava nas mentiras contadas pelos seus pais, enquanto pegava as malas, e nos inúmeros benefícios daquele casamento arranjado, enquanto pegava as roupas. Não tiveram filhos, sentia-se sozinha, mas, por causa da sua conversão, seus dias não eram mais escuros.

O dia passou lentamente. Esquentava sua barriga no fogão para preparar a marmita e no ferro para passar as roupas. Sempre olhando de relance as agulhas e as linhas. Estudava rapidamente os pequenos traços recentemente feitos e o que poderia ser melhorado. As aves

anunciavam o início da beleza crepuscular e o encerrar do dia. Antônio estava novamente na porta.

— Vim buscar as malas.

— Estão em cima da cama. Cida ainda passava roupas na sala, seu olhar era vazio diante de seu trabalho e sua voz era amarga.

— Volto daqui a uma semana – disse Antônio, e a olhou antes de sair.

— Cuidado com ele, — parado na porta e olhando para trás, viu Cida com os olhos arregalados se lembrando que haveria de dar um aviso.

— Soube de um monstro que habita nas profundezas do rio e é um mal ao povo ribeirinho...

— Ah, mulher, você vive me enchendo com essas suas besteiras. Ele para, olha enfurecido para ela e toma uma decisão, solta as malas e caminha rapidamente para o quarto.

Cida ficou paralisada, seus dedos apertavam com força o cabo do ferro. Antônio rasga a bandeira e ela grita, sua voz cortava mais a sua alma do que a garganta. Sua felicidade, naquele momento, tornara-se clandestina.

— Para você aprender a não viver sonhando por aí com essas fantasias medíocres.

Ele pega suas malas do chão e sai rapidamente.

Cida começou a ter sua visão enturvecida, seus lábios tremiam e sua respiração estava entrecortada. Afastou-se rapidamente, derrubando o ferro em suas pernas. Contorcia-se de dor e de agonia. Antônio ouviu seu desespero, mas não se atreveu a olhar para trás. Sua dor estendeu-se por toda a noite até que alguém veio em seu socorro pela manhã.

Passaram-se semanas, e Maria não tivera nenhuma notícia de seu marido. Curou-se da queimadura em sua perna, e já começara a acreditar que ele tinha vendido a fazenda e as lavouras por uma fortuna

para fugir com a vizinha. Estava esperando-os chegar para despachá-la, quando ouviu alguém bater à porta.

— Quem é? — perguntou aquela voz fina de dentro do quarto, olhando com admiração para a recém-concluída bandeira.

Era José.

Havia uma enorme cicatriz em seu rosto e suas feições transpareciam horror.

— O senhor está bem? — Preocupada, Cida deu-lhe espaço para entrar, mas ele somente ficou paralisado na porta.

— O que o traz aqui?

— José a olha e fica em silêncio por um momento.

— Ele está morto, Antônio está morto.

A realidade lhe foi certa. Cida quase caiu na porta, mas José a segurou antes que isso acontecesse. Tomando-a no colo, carregou-a para o quarto e a colocou deitada na cama.

— Quer água?

— Não. Estava atordoada e em prantos, aquilo não podia entrar na sua cabeça.

— Eu quero somente... Como, como ele pode estar morto?

José olhava no fundo dos seus olhos. Ele foi o único sobrevivente.

— Era como uma besta enfezada. Ouvimos seu ruído a metros de distância, mas Antônio, que nos comandava, era cético sobre nossos alertas. Nas trevas da noite, ouvíamos os ruídos vindos da mata e a única coisa que poderia ser vista era o brilho de seu único olho no centro da cabeça.

— Ó Senhor! Teria sido essa a condenação do meu marido?

— Todos morreram afogados, Cida, mas seu marido, antes que o barco virasse, me ajudou a escapar e pediu que eu viesse cuidar de você. Os ribeirinhos e pescadores da região cuidaram de mim por um tempo e ofereceram fumo para afastar a criatura.

Os dois se olharam, estudaram os olhos um do outro por um momento. Cida estava viúva e logo nos próximos dias seria a festa do

Divino. José beijou delicadamente sua mão e limpou as lágrimas de seu rosto.

— E eu pretendo cumprir essa promessa que fiz ao meu amigo.
Cida deu um sorriso sutil para ele.

Pedra do Santo

Théo Santos

O caminho das belezas às margens do Rio São Desidério era a morada de Onã¹¹, que desde pequeno se embrenhava nas matas do Vale e sumia por horas na pequena caverna que se escondia nos limites do povoado. Gostava de assistir sua prima Maria traçar a rapadura a partir do xarope de cana, usando o caldeirão fervente da vó, Dona Nicinha, enquanto tomava um pouco da garapa de cana antes de colocar o sumo no cocho para fermentar a cachaça. Foram assim os dias de infância em meados dos anos de 1930, antes dos dois se separarem para os estudos na cidade vizinha e depois, mais distante ainda.

O tempo passara, mas o aconchego das noites de lua cheia e céu de estrelas não apagara a lembrança do cheiro de cajuí. Onã estava de volta, após anos de formação que o tornaram engenheiro, especialista em estradas. Estava trabalhando em uma grande rodovia que prometia ligar Barreiras a Salvador, mas sempre que podia escapulia para a roça do alambique para sentir o cheiro de cana e alimentar a esperança de encontrar sua prima.

Maria, prima de Onã, faz tempo se formara em agronomia, mas gostava mesmo era de trabalhar aperfeiçoando os produtos do engenho da família.

Dona Nicinha via o brilho nos olhares de Onã e Maria, que aumentava a cada ida e vinda ao Vale e, então decidiu lhes chamar para uma conversa.

- Eu tô veno tudo Onã - Falou Dona Nicinha. Já disse que essa coisa de primo amigado não fica bem aos olhos de Deus. Termina sempre em coisa ruim.

¹¹ Exú L'Onan é um dos nomes dado a Exú, entidade das religiões de matriz africana. O nome do personagem Onã homenageia esta entidade.

Os dois ouviam o carão com os corações despedaçados, pois os laços fraternos eram enormes, porém muito pequenos diante do afeto que ambos nutriam. Contudo, era inútil tentar convencer a matriarca a aceitar os sentimentos e aquela conversa acabou incendiando ainda mais o amor que crescia desde a infância.

Sem que ninguém soubesse, Onã e Maria se encontravam toda noite atrás de uma grande gameleira que ficava bem à frente de um paredão rochoso de mais de 20 metros. Naquele dia, depois de serem repreendidos por Dona Nicinha, Onã teve a certeza do que lhe faltava. Juntou uma dúzia de caliandras e, como de costume, encontrou Maria na gruta atrás da gameleira.

– Maria! - Disse Onã, ofegante e, antes que concluísse a frase, foi interrompido por um beijo cheio de paixão.

Após o beijo, Maria, ainda suspirando falou:

– É claro, meu amor! Eu aceito viver com você hoje, sempre e em qualquer lugar.

Estava decidido que haveria um casório. E os dias que passaram foram de preparativos, mesmo com os ares de estranheza dos habitantes do Vale da Beleza. Por todos os lados, ouviam-se os comentários:

– Moço, onde já se viu primo com prima? Cresceram juntos. – Dizia um.

– Primos não são irmãos. – Dizia outro.

– Quem manda no coração? – Essa era a frase mais entoada nas respostas dadas aos futriqueiros.

Maria, que não era boba, tratou de pedir a Ogum para que os seus caminhos e os de Onã não fossem atrapalhados por nada. Dali em diante, foram feitos os preparativos.

O tempo passou e chegou o grande momento, o dia do casamento. Maria de vestido vermelho e Onã com seu terno preto. Todos no Vale, em festa. Muito samba de roda e fartura para celebrar o encontro do amor e do trabalho. Onã, que abriria os caminhos para o

progresso por meio da estrada, e Maria, que trouxera a fartura em suas novas formas de lidar com a terra.

Ao longe, Dona Nicinha assistia a tudo ainda muito apreensiva. Sentia um aperto no peito, pois apesar de gostar muito dos netos, achava que aquele casamento não deveria acontecer.

A festa prosseguia com a batida dos tambores, pandeiros, flautas e triângulo, e a noite caminhava para o fim. Os noivos estavam ansiosos para sair em viagem para a lua de mel. Mas o tempo reservava muitas surpresas para aquela noite, pois no céu nuvens se formavam. Raios, trovões pareciam anunciar uma tempestade.

Já era hora. Onã e Maria se despediram, deixando o Vale antes que o pé d'água desabasse do firmamento. E seguiram na charrete, mulas puxando, e as latas batendo ao fundo, anunciando a felicidade dos noivos.

O som dos galopes aos poucos foi se diluindo e eles, sumindo nos limites do Vale. Aos pouco,s a garoa que nem umedecia o chão foi se transformando em um aguaceiro. E todos ficaram paralisados ao ouvir um grande estrondo: – Vrum! O barulho foi seguido de um clarão que atingira em cheio uma rocha nos limites do vale. Dona Nicinha desmaiou, mas não sem antes anunciar o motivo com um grito estridente:

– Meus netos!

A tempestade não deu trégua deixando todos apreensivos e ilhados no vale, sem ter como tomar conhecimento do que acontecera com Onã e Maria.

No dia seguinte, o sol nascera esplendoroso, tal como se nada tivesse acontecido na noite anterior. Apesar dos aperreios, Dona Nicinha acordou se sentindo melhor, mas ainda preocupada com o destino dos seus netos. Pediu ao seu vizinho e compadre Seu Gentil que fosse até a cidade colher notícias dos meninos, e ele atendeu de pronto ao seu pedido.

Gentil pegou sua égua e foi galopando pelas estradas de chão do Vale, mas qual não foi sua surpresa ao chegar nos limites do Vale e ver que uma pedra do tamanho de um barracão havia rolado do alto do penhasco e ido parar no meio do rio. Em volta das marcas do chão deixadas pela pedra, havia um punhado de gente impressionada, não com o tamanho da pedra e nem com o rastro de destruição que ela havia deixado, mas algo ainda mais surpreendente. Olhando dali, debaixo de onde ela se desprendera, era como se pudesse notar uma imagem. Parecia ter ficado a imagem de um...

– Santo Deus! Aquilo ali em cima é um santo? – perguntou Gentil aos curiosos.

– É o que parece. – Respondeu alguém na multidão.

A imagem deixou Gentil tão impactado que até esquecera o motivo da sua empreitada e ele acabou voltando para o Vale sem nenhuma notícia de Onã e Maria. Logo, todos estavam sabendo o que tinha sido o estrondo da noite anterior, e a aflição pelo destino de Onã e Maria só aumentava no povoado, ao passo que todos queriam ver o Santo, que havia sido insculpido pelo raio na pedra, a Pedra do Santo.

Para Dona Nicinha, aquilo tudo era obra do Divino, mostrando que o casamento de primos era coisa do pecado. Sentia o coração apertado. O que teria acontecido aos seus meninos? Ela se lembrou dos seus tempos de roça, quando ainda fazia as obrigações na mata. Foi até o rio e pôs-se a cantar um ponto¹² que lembrou para Exú:

Exú desfaz o mal

Abre os caminhos

Sei que não ando sozinha

Sei que me dás o que é bom

Abre os caminhos dos omodé¹³

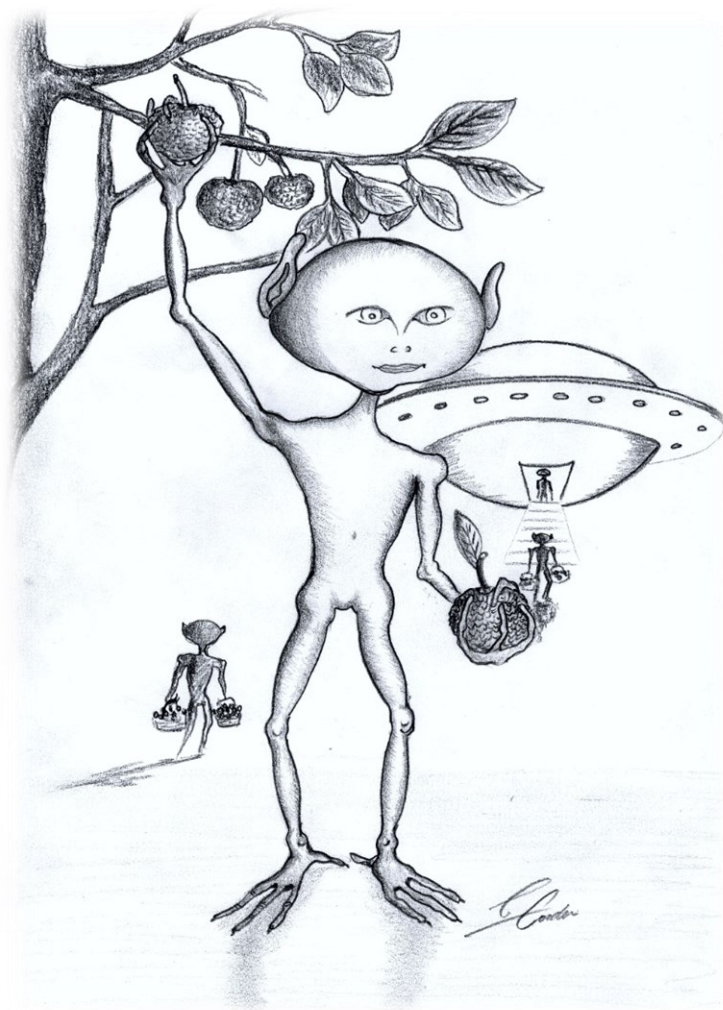
¹² Ponto é o nome dado aos cânticos destinados aos orixás nas religiões de matriz africana.

¹³ Omodé é a designação dada para criança no idioma iorubá.

Quando terminou a cantiga, Dona Nicinha sorriu de pálpebras cerradas. Teve um lampejo. Onã e Maria dançando na beira do rio, felizes. Abriu os olhos e viu as águas límpidas e azuis do rio seguindo o seu curso natural. Então disse:

- Laroîê Exú! Salve o mensageiro!

Alguns dias se passaram e uma carta de Onã e Maria acalmou os corações dos habitantes do Vale. Eles estavam felizes no Rio de Ondas e queriam mesmo era voltar para agradecer o Santo novo da Pedra.



Podela

Ariadne Godinho

Essa história é verídica, pelo menos me falaram que é. Ela se passa em meio ao Cerrado Goiano. Era uma noite quente em pleno mês de julho. Filó armou sua rede entre um pé de pequi e um de cagaita, bem baixo, quase arrastava o bumbum no chão.

Filó era encantada com as flores do pequizeiro, apesar de ainda não ser tempo de florada, o que não a impedia de contemplar a árvore. Gostava daquelas flores de pequi grandes, de pétalas brancas e bem chamativas. Ela as utilizava na decoração de seus longos cabelos ondulados e negros.

Como não havia flores de pequi para contemplar, começou a contar as poucas estrelas que apareciam no céu. De repente, um clarão, um objeto voador não identificado, como gostam de dizer os ufólogos, pousou em meio ao quintal.

Filó correu e se escondeu. Não era novidade na região que os tais OVNIS abduziam os humanos para levar a outros planetas para fazerem experiências. No entanto, desceu do OVNI um homem, e que homem! o calor até aumentou para Filó, era alto, negro, de olhos brilhantes. Filó ficou hipnotizada olhando para ele pela frestinha da janela da sala.

O homem bateu na porta e se apresentou a Filó. Geraldino era seu nome, queria fazer morada no Brasil. Fora atraído pelos cristais de quartzo, iria trabalhar como artesão para canalizar as energias das pedras.

Filó estava encantada, constituíram família e logo vieram as filhas, três, pra ser mais exato. Três Marias. Geraldino apesar de extraterrestre gostava muito da bebida popular, chamada cachaça. Geraldino bebia muito, cachaça de quaisquer espécies, cachaça com

casca de árvore, cachaça com murici, da cachaça com cagaita, ele não gostava muito, pois lhe dava “revestrés” na barriga.

Essa bebedeira de Geraldino estava abalando a estabilidade do casal, o casal mais feliz da cidade. Filó amava Geraldino, mas estava prestes a desistir, até que anunciaram na cidade a chegada de uma cartomante muito famosa. Ela curava tudo, simplesmente tudo... trazia o amado em três dias, era uma verdadeira milagrosa. Filó tinha que fazer mais uma tentativa.

Ela foi, esperou numa fila enorme, em dia de chuva intensa, por mais de quatro horas, até que chegou sua vez.

– Cura para bebedeira? Fácil essa, disse a cartomante, mas você precisa seguir todo esse passo- a-passo.

A prescrição era simples: “coletar um pouco de fezes do próprio, deixar secar ao sol , por três dias, não pode pegar sereno, e depois triturar em pilão feito de ipê rosa, até deixar como um pozinho fino, tipo chocolate em pó, e depois misturar com cachaça de murici. E o detalhe mais importante: “o bebum precisa beber tudo no mesmo dia, não pode deixar nem uma gota.”

“Meu Deus! E se Geraldino morrer?” Que ele bebe, ela sabia, mas nunca bebeu tanto de uma vez só, preocupou-se Filó. “E essa chuva, quando vai fazer sol?” Filó começou a ficar entristecida, a prescrição parecia difícil demais.

Mas ela era determinada. E não é que no dia seguinte amanheceu com sol?

Como fazer Geraldino fazer cocô num potinho?

– Geraldino querido, a escola das crianças está precisando de exame de verme de todos da casa, já colhi o meu, você pode fazer cocô nesse potinho?

Geraldino realmente era um extraterrestre, como acreditar que a escola pedisse exame de verme dos pais?

Geraldino nem desconfiou, fazia tudo pelas filhas, menos parar de beber. Filó estava feliz, o tempo estava bom, dia de sol quente e já

estava em posse da “merda” milagrosa. Mas tudo estava tão perfeito que estava até estranho! E de repente veio uma ventania, um redemoinho de poeira, parecia que o saci-pererê estava aprontando alguma coisa. E a merda sumiu...

Filó entrou em desespero! E agora? Maria Antôniaaaa, Maria Geraldaaaaa.... Maria da Glóriaaaaa, Filó saiu correndo e gritando as filhas.

– Meninas, preciso que me ajudem a encontrar um potinho branco de tampa vermelha. Chamem seus amigos agora!

– Mãe, o que tem nesse potinho? – Perguntaram as Marias ao mesmo tempo.

– Nada importante – respondeu Filó.

– Uai se não é importante, nem vou – disse Maria Antônia, a mais ousada.

– Não é importante. É só uma merda – disse Filó já nervosa.

– Vamos, meninas. Mamãe está confusa. Deve ser esse sol. Vamos achar logo esse potinho.

Todas saíram à procura do potinho. Depois de quase duas horas, Maria Geralda chega correndo esbaforida, gritando:

–Achei, mamãe, achei.

Filó concluiu o ritual, três dias ao sol, sem pegar sereno. Depois pilou em pilão feito de madeira de ipê rosa, o que deu um trabalhão para encontrar, pois o pilão da casa em que ela fazia paçoca de carne era de peroba. Agora era chegada a hora, precisava fazer Geraldino tomar toda a cachaça de murici com a merda.

Filó pediu que as meninas fossem para a casa da avó. Preparou uma galinhada com pequi e pegou a cachaça de murici com a merda e pôs num copo de fundo grosso. Os olhos de Geraldino chegavam a brilhar quando ele chegou em casa do trabalho. Dona Filó não falava nada, apenas observava de longe aquele serviço. Estava apreensiva, as coisas não poderiam dar errado. Tinha passado praticamente o dia inteiro preparando aquela pinga. Agora haveria de dar certo. Mas é

Deus quem olha, é Deus quem encaminha, haveria de dar certinho, pensava Dona Filó, que viu o esposo caminhar em sua direção, o qual, olhando bem nos olhos dela, diz:

– Mulher, vê se essa pinga está fedendo merda, estrume, bosta. Ou sou eu quem está ficando doido!

– Me respeite, Geraldino! Onde você já me viu bebendo cachaça? – retrucou Dona Filó com a cara fechada.

– Filó, eu posso jurar que essa pinga tem catinga de merda!

– Homem de Deus, esqueça isso! Essa cachaça está afetando seus miolos. Só pode! Isso, Geraldino, não é merda, é só o pó dela.

– Eu ainda acredito que é bosta mesmo, insistia Geraldino, já mais pra lá do que pra cá.

Talvez por isso não entendia a resposta da esposa, que falava com todas as letras:

– não é merda, é apenas o pó dela.

Até que ele se retou:

– Oxe, Filó, e que diacho é PODELA?

Se o cerrado falasse...

Dalviene Pereira de Souza

Mariana era uma garota que vivia no campo, ela adorava as paisagens naturais, principalmente o cerrado. Sua infância foi marcada pela visita ao campo em busca de flores e sementes para enfeitar suas casinhas de bonecas. Ela cresceu, mas nunca se esqueceu daquele amor incondicional pela natureza. Sempre encontrava tempo para apreciar e cuidar daquele lugar com atenção e carinho.

Um dia, Mariana estava na porta da frente de sua casa, numa espécie de namoradeira, a observar a natureza, quando, de repente, uma nuvem de fumaça avançou e cobriu os campos. Era uma fumaça escura, densa... O mundo escureceu à sua frente. Não havia lugar para outra coisa senão para a fumaça. O calor também intensificava a cada instante.

Mariana ficou preocupada. Em questão de minutos a fumaça parecia chegar mais perto, invadir o cerrado. A língua do fogo se levantava a metros de altura. O cerrado estava em chamas. A menina se assustava cada vez mais. Não sabia que iniciativa tomar.

– Meu Deus, o que fazer? Como estão as aves? O que elas farão com seus filhotes nos ninhos? É época de ninhadas de filhotes de diversas espécies se reproduzindo... Os filhotes ainda nem conseguem voar. As mães passarinhos devem estar em sufoco. Elas pouco podem fazer por seus filhos –dizia Mariana.

– E as árvores, como estão se sentindo? Elas devem estar aflitas, desesperadas, sem ar...

Questionava a menina com um sentimento de piedade e olhava para um lado e para o outro e não via ninguém que poderia ajudá-la. A tensão aumentava a cada minuto que passava. E não tinha como ser

diferente, sua paixão pelo cerrado era imensa. E vê-lo queimando era como se a sua própria vida estivesse em perigo. E de fato estava, porque para Mariana o cerrado era a sua existência.

A garota olhava para o infinito e via revoadas de andorinhas cobrindo o céu como se num pedido de socorro. Não encontravam lugar para pouso... Lá para o centro do incêndio, estavam os pequizeiros que gemiam, se retorcendo no meio do fogo sem muito o que fazer. O vento soprava forte e levava as chamas para cada vez mais longe. Tudo ardia em meio àquele fogaréu.

Não se sabe ao certo de onde veio, quem teve a maldade ou a infantilidade de passar por ali e atear fogo na vida, queimar o coração do oeste baiano. Seria um caçador que passou por ali a fumar o seu cigarro e jogou uma bituca no mato seco? Não se tem certeza. O que se sabe é que o fogo surgiu. “A origem é duvidosa”, pensou Mariana.

O que se sabe é que queimaram os pequizeiros, as umburanas, os angicos, as sucupiras, os cabeça de negro, os paus de óleo, as barrigudas, os jatobás e toda a vegetação rasteira.

No coração de Mariana já não cabia tanta aflição, porém pouco ou quase nada ela podia fazer para salvar o cerrado.

Na boca da noite, quando o vento se acalmou, a menina saiu pela vizinhança à procura de pessoas que pudessem ajudá-la. E reuniu homens e mulheres que saíram com suas foices e enxadas. Os homens fazendo aceiros para que no dia seguinte o fogo não avançasse para outras propriedades e as mulheres tentando, com galhos de folhas verdes, apagar os focos de incêndio que ameaçavam abrir em novas chamas. E Mariana, a noite toda, sem pestanejar, servia água para matar a sede dos homens e mulheres que, incessantemente trabalhavam madrugada adentro tentando salvar o que restara daquele incêndio brutal.

O dia amanheceu e outras equipes se revezaram dando suporte uns aos outros, até que tudo fosse controlado. E a menina ficava ali a rezar para que Nossa Senhora, o menino Jesus, o Deus Pai e Criador

mandassem uns pingos de chuva para resfriar os escaldos quentes que qualquer vento poderia fazer reacender as chamas e causar novos prejuízos ao cerrado e a outros proprietários de terras daquelas redondezas.

E o milagre aconteceu, a chuva veio, mansa, calma, tranquila como uma criança que traz esperanças de um novo amanhã. Os olhos de Mariana brilharam de tanta alegria.

Em pouco tempo os pequizeiros e as outras árvores desabrocharam em brotos novos reacendendo as chamas da vida. Os pequizeiros se abriram em flores e frutos, criando as mais diversas expectativas de mesa farta aos passarinhos e às pessoas. A sucupira floriu e ficou carregada de sementes. A umburana também tratou de florir e produzir sementes que foram coletadas pelos homens daquela região. Os arbustos cresceram e cobriram toda a terra, e o que era somente carvão deu lugar ao verde novamente.

E a vida recomeçava pelos campos... E os pássaros que restaram em alguns lugares se animaram a voltar, reconstruir suas vidas, a fazer novos ninhos e a repovoar o cerrado. E um novo colorido foi ganhando forma... Mariana se reanimava a cada dia e entendia que a mãe natureza é regida por uma força inexplicável. Gritou feliz como se ainda fosse aquela menina que colhia flores e sementes para enfeitar suas casinhas:

– Eita bioma forte! Como podes recuperar tão rápido? É a graça de Deus chegando e invadindo o nosso chão!

A jovem ficou feliz de novo ao observar o horizonte e perceber que o verde invadia novamente as fronteiras do seu olhar e a vida estava a recomeçar de uma maneira tão surpreendente que nem mesmo quem vive e convive com o cerrado seria capaz de entender os mistérios que residem ali.

Tudo se transformou na mais perfeita harmonia. As árvores a florescer e produzir, os pássaros a fazer seus ninhos e a cantarolar agradecendo a mãe natureza por tanta força e beleza.

Os voos das andorinhas, que inspiravam desespero, agora são apenas para anunciar dias de chuva. A fumaça dá lugar ao verde. O vento chega para trazer frescor, as pessoas se reúnem para curtir as sombras das árvores frondosas, bater papo, contar histórias engraçadas e se divertir lembrando da labuta e das aventuras que enfrentaram para sobreviver às intempéries no cerrado.

Mariana ri e volta à namoradeira para apreciar o verde novamente.

Setembro em Ibipetuba

Raimundo Corado

É sabido que na região Oeste da Bahia setembro é o mês da fartura do caju, fruta de árvore frondosa, nativa, da qual tudo é aproveitado, inclusive a castanha. De sabor adocicado, é muito utilizada na fabricação de licores e doces.

Cajueiro é planta nativa na maioria das cidades Oestinas.

Seu Zebim, grande frequentador da feira livre de Barreiras, numa dessas suas idas à feira, encontrou seu conterrâneo e amigo Neco, na Barraca do também conterrâneo e raizeiro, o falecido Zé do Pichuri. Em meados de setembro, calor intenso, os três, naturais de Ibipetuba, uma cidade vizinha, de onde há muito tempo tinham se mudado para Barreiras, em papo de conterrâneos, juntos a prostrar, começaram a falar sobre a cidade, da sua fama na produção de derivados do caju nativo, como os famosos doces, vinhos, licores, e sobre a repercussão dos produtos em outras cidades e até em outros estados. Conversa vai, conversa vem, seu Zebim, após acender seu cachimbo, dá uma baforada e indaga do seu amigo e conterrâneo Neco:

– Neco, tem ido à terrinha? Muito calor por lá? Me conta.

– Não. Deve ter mais de três meses que não vou lá, respondeu seu Neco.

E seu Zebim continua a instigar seu amigo Neco:

– Já caiu a chuva de setembro, a famosa e tão esperada chuva do caju? Será como está a safra de caju por lá, Neco?

De pronto, seu Neco responde:

– Rapaz, saber ao certo, não sei não, mas a chuva do caju, de quando eu me lembro, sempre na primeira quinzena de setembro, costuma cair por lá.

Nisto, o velho e experiente Zé do Pichuri pede licença, entra na prosa, e com sua voz rouca, diz:

- Que já choveu por lá, é fato. Já fui informado de que choveu e foi uma chuva boa, chuva forte! Agora, sobre a safra do caju, ainda não sei, mas se quiserem, posso ligar para um amigo, entre os tantos que deixei por lá, que é fazedor de licor de caju. Inclusive, fornece para toda a região e para os contrerrâneos que moram em Brasília, São Paulo e em outras cidades.

Seu Zebim, ansioso pela informação, arregalou os olhos e, em palavras apressadas, volta-se para Zé do Pichuri e diz:

- Liga, liga, liga logo, Zé.

Ato contínuo, com a prestatividade de sempre, Zé do Pichuri pega o celular (tijolão), coloca a bateria que estava carregando, pede silêncio e liga:

- Alô! Bom-dia, meu amigo Conrado! Aqui é o Pichuri! Como você está?

- Bom-dia, meu grande amigo Zé do Pichuri! A que devo a honra da ligação? Em que posso ser útil?

- Tem chovido muito por aí? E o calor? Muito quente? E a chuva do caju, já caiu, seu Conrado?

Ao que seu Conrado responde:

- Choveu pouco, mas foi uma chuva boa. Chuva mansa, daquelas que não incomodam ninguém. Molhou bem, espantou as muriçocas, baixou o calor, apagou o pó e molhou as roças para plantio.

- Rapaz, estou aqui com dois contrerrâneos nossos, dois grandes amigos: seu Zebim e o velho Neco. Eles estão querendo saber sobre a colheita dos cajuas neste ano, se vai dar safra boa.

Seu Conrado suspira ao telefone, e dando ares de mistério à pergunta, dá uma risada prolongada e diz em palavras rápidas e ríspidas, como quem busca convencimento imediato:

- Caju aqui na terrinha perdeu a vergonha, tá sem prestígio, Zé do Pichuri.

– Como assim, Conrado? Indaga, do lado de cá, o Zé do Pichuri, sem entender o que quis dizer seu amigo.

Sem titubear, seu Conrado responde:

– Rapaz, parece mentira, ou grande “milagre”, mas caju aqui em nossa terra tá dando até em pé de sambaíba, jatobá, monguba e pequi! Nunca foi tão fácil colher caju como neste ano! Vou fazer licor que não vou ter onde colocar! Vai faltar vasilhame! Será a safra das safras.

A ligação foi interrompida pelas risadas em alto volume.

Terminada a algazarra diante do que ouviram, os três, Seu Zebim, Seu Neco e Zé do Pichuri, continuaram a comentar sobre o que ouviram de Seu Conrado, cada um buscando uma explicação lógica para o grande mistério de um pequizeiro, uma mongubeira e até um jatobazeiro produzirem caju.

Seu Zebim, precavido, disse não duvidar, nem concordar, mesmo porque não entende de milagres e um caso desse só pode ser um milagre.

Seu Neco, arrojado como sempre, gritou em alto e bom som:

– Isso é mentira, não tá vendo que pé de jatobá nunca vai dar um caju? Mentira cabeluda.

Zé do Pichuri, amigo do informante, em tom amedrontador, disse: Então, se é assim, ligo de novo para Seu Conrado, e vou dizer o que está ocorrendo.

Eu o conheço e sei que ele não é homem de mentira. Se vocês pensarem bem, entenderão que faz um grande sentido a conversa de Seu Conrado. Isso nada mais é que uma força de expressão, um exagero de seu Conrado diante da grande quantidade de caju que a safra está produzindo.

Diante do ponto de vista de Zé do Pichuri, Seu Zebim e Seu Neco entenderam a posição de Seu Conrado e perceberam estar diante de uma situação que verdadeiramente representa um milagre, não o milagre em transformar os frutos de uma árvore, mas o milagre natural da farta produção de caju nativo, a ponto de ser descrito nessa forma.

Tendo chegado a um consenso, os três amigos trocam apertos de mãos, abraços e se despedem de Zé do Pichuri. Ao se despedirem, Zé Pichuri diz:

– Não acredito que vocês querem ir embora antes de tomar um golinho do vinho de caju que Seu Conrado sempre me manda de presente. E olhe que este que tenho aqui está curtido, tem dois anos. Vamos tomar um trago?

– Ora se vamos! – Responderam os amigos Zebim e Nego.

Zé Pichuri estira o braço, alcança uma caneca, dizendo:

– Você quem diz o tanto.

Colocou vinho até o meio da caneca e entregou para seu Zebim, que degustou e disse ter gostado. A seguir, fez o mesmo com seu Neco, que disse ser muito bem feito o vinho, e perguntou:

– Zé, você não tem deste vinho para encomenda?

Zé Pichuri, contente por ter convencido os amigos, se comprometeu em falar com seu Conrado para lhe mandar alguns litros. Mas, diante do interesse dos dois amigos, pegou duas garrafinhas de água mineral e encheu uma para cada um, como presente pela visita do dia.



Traíras de Serra Dourada

Dyego Jáder

Zezinho brincava na rua sem calçamento de sua comunidade cuja formação se deu no entorno de uma lagoa. Tal origem do estabelecimento social aconteceu pela passagem de muleiros, que iam em busca de sustento, em direção às margens do Rio de Sítio do Mato. No quintal das casas nesse , havia comumente pelo menos um reservatório de água fosse da chuva ou da torneira, a qual inevitavelmente cessava em algum momento.

Em uma de suas meninices, ele adentrara a casa do vizinho da esquina da rua das lamas cujo proprietário era casado com a prima da esposa do seu avô Sindulfo. Embora houvesse uma ligação entre as pessoas, isso não impediu que a rispidez humana acontecesse: bronca daquelas moldadas pela dureza e pela escassez.

O menino havia encontrado a área livre e seguiu atravessando toda a casa pelo seu interior até o tanque de cimento com água limpa e fresca. Zezinho ficou fascinado com a imagem formada no espelho d'água e então começou a tocá-la.

Nesse momento de deslumbre e traquinagem, veio o esporro forjado pela seca, rápido como num susto e truculento desses de formar inimigos. Nesta desproporção de forças, partindo de um ancião para uma criança. Tal fato mostra a traição de seus próprios iguais. Demonstrando as mazelas de um povo que resiste sobre um solo vermelho, onde os serviços do Estado são minguados, com poucas áreas de estrada vicinal pavimentadas por cascalho.

Zezinho, então, retirou-se rapidamente, atravessando a cozinha e salas que formavam o acesso central para o interior da casa cuja estrutura naquele lugar era meio padronizada, dessas casas em que os quartos ficam anexados à passagem.

Ele em prantos percebeu o xixi quente correr pelas pernas. Foi um golpe pedagógico duro da vida, assim, em instantes, notou a importância da preservação e a universalidade da água. Pois numa simples visita desprestigiada, de modo resumido, identificou no tanque de cimento, nas lágrimas, na urina e no céu, o líquido sagrado que faz a vida existir. Porém a chuva, não raro, caía de forma aleatória enchendo a lagoa cheia de traíras, as quais deram nome àquele povoado.

A água historicamente foi determinante do desenvolvimento humano e da formação dos povos, e naquele pedaço de chão onde sua lagoa tinha traíras, poderia existir também curimatá, mas os peixes mais resistentes foram os cascudos e as traíras.

O ferro é um elemento que também definiu o povo trairense, estando presente no saprolito que forma seu solo vermelho vivo e argiloso e no sangue que corre pelas veias dos corações apaixonados e sobreviventes. Além de estar nos resquícios de quinquilharias: das peixeiras, das armas, das panelas e cordas de violão facilmente encontradas no comércio módico local. Formando um grande encontro aos domingos onde pertinho da lagoa acontecem a feira e o açougue rodeados por botecos.

O pequeno perambulava pelas ruas e por diversas casas. Era conhecido de muitas pessoas, tal qual um menino de recado, pois os mais velhos pediam favores, que eram, com frequência, atendidos.

Usando o artifício de pedir um copo d'água, ele ganhava a amizade e, em troca, algum serviço pra fazer. Destarte, por consequência, a intimidade das casas. Zezinho era arteiro e brincava com qualquer lata, roda ou pedaço de pau. Ganhara uma bicicleta de seus tios farristas que com frequência encontrava nos botecos, tomando cerveja, cachaça e paquerando.

Já no início de sua adolescência, Zé foi desvirginado, bebera o fluido do amor juvenil e até das mais velhas. Quando numa festa, ele tinha talento para dançar forró ou ficar de sorriso pro ar. Não era

contador de causo, mas possuía brilho nos olhos, pureza no coração, mesclado com um desejo libidinoso camuflado.

A economia local de Traíras é baseada no gado de corte e na produção de leite, aí ele aprendeu o ofício de vaqueiro e a fazer seu ganha-pão na ordenha das vacas. Contudo, havia tentado alistamento no exército do Distrito Federal, cuja rejeição o deixou bastante frustrado. Tentara ainda uma experiência passageira como gari na cidade de Barreiras, mas o destino o chamou para a lida com a roça e para seu povoado.

As dinâmicas das famílias rurais da pequena localidade envolvem mais três lagoas: a do Lora, dos Marim e a da Onça. Todas essas são pequenas propriedades próximas de Traíras. A lagoa dos Marim pertencia a uma família de origem ibérica, tinha uma extensa lâmina de plâncton sobre a água cristalina, dando uma vista bucólica, esverdeada e delirante, com uma biodiversidade rica de vida subaquática e mata ciliar. Os Marim eram uma família mais abastada com relação às outras do povoado, pois detinham o privilégio da cor da pele e a moral cristã a seu favor, possibilitando certa dominação social e econômica no lugarejo.

A lagoa da Onça e a do Lora foram palco de assentamento de sem-terras, onde acontecia a labuta na lavoura, a criação rústica de galinhas e poucas cabeças de gado. Nesse lugar, as pessoas se envolvem mais com rezas do que com passeios e praticam mais a ajuda mútua, apesar da dificuldade de terem pouco dinheiro.

Assim, a população desse povoado foi formada a partir da pequena produção agrícola e do confronto trabalhista no entorno das quatro lagoas cuja mão de obra é barata e rudimentar, sendo reflexo de uma política pública educacional deficitária e insuficiente, dadas a própria dinâmica social de disputas por terras e a distância dos grandes centros.

Por consequências estruturais ruins, Zezinho não teve acesso ao ensino básico, inclinando, portanto, sua índole do tipo que troca as

bicicletas facilmente, dócil e amável à arte de ser vaqueiro. Ofício esse que ele cumpre com satisfação, apesar das intempéries, e com um talento nato de ser feliz.

Já era final de novembro e fazia tempo que não chovia na região, assim, ele pegou sua motocicleta em Traíras, na casa de seus pais, e se dirigiu para roça para tirar o leite das vacas, as quais provavelmente estariam com as tetas reduzidas. Todavia, nem mesmo a alegria do encontro com seus primos no povoado o tirou do seu caminho, e ele bateu a mão se despedindo e a sorrir tomado por uma emoção forte.

Quinze anos haviam se passado desde aquela bronca que Zezinho tomou por ter posto a mão na água do tanque do seu vizinho de rua. Desde então ele criara um sentimento de ódio, rancor e sempre fora tomado a encontrar algo que saciasse o desejo de vingança. Depois de ter sofrido esse trauma, ele tendeu para a vadiagem, ficava na beira de bar e se houvesse algum negócio de que pudesse tirar proveito em cima do outro negociante, ele o fazia.

Por obra desse afeto violento sofrido, ele hostilizava qualquer comunicação ou relação que viesse de seu vizinho ou de seus parentes. Então, este era o grande problema de Zezinho tentar se livrar dessas lembranças ruins para não perpetuar uma prática traíra na sua própria comunidade. Pois negar uma brincadeira a uma criança, sobretudo com água, um bem de consumo por direito de todos, compromete o bom envolvimento e o futuro do povoado.

Com relação à vida espiritual, Zé tinha fortes influências cristãs: evangélicas e católicas tão somente, um pouco de rezadeiras, mas quase nada de religiões de matriz africana. Talvez por isso sentia medo das histórias de terreiro e de macumba. Sua guia, portanto, nos caminhos da alma era baseada nas escrituras da bíblia sagrada onde encontrou no novo testamento a revelação, segundo seu próprio entendimento, do primeiro milagre da era cristã: o perdão.

Como se trata de um feito um tanto mágico e místico, às vezes, a depender da magnitude das ofensas e do envolvimento humano, o

perdão não acontece. Entretanto, Zezinho precisava dessa orientação divina para conseguir lidar com seu vizinho, que o havia rechaçado com tanta estupidez, seguir sua vida, construir sua família e encerrar com o ciclo da violência e mesquinhez no vilarejo em prol da paz e do bom convívio entre os moradores.

Zé conheceu em Lagoa da Onça sua esposa Beatriz com quem se casou e teve uma filha. Continuou assim sua labuta de vida de vaqueiro para sustento agora, então, não somente seu. Do local onde se casara recebeu uma faixa de terra bonita com algumas benfeitorias, tanques de cimento e uma cascalheira, que, em tempos de chuva, acumulava bastante água, pois se tratava de um solo com pouca permeabilidade.

No verão, chovia muito e sempre acumulava bastante água na Cascalheira, que formava uma espécie de piscinão. Como era período de férias estudantis, a garotada corria pra lá, brincando com aquela formação cristalina de corpo d'água, tornando-se um lugar de lazer público, rotineiro e certo para os trairenses. Mas, era dentro da propriedade de Zezinho.

Nesse primeiro tempo de posse e de cheia da Cascalheira, Zé conseguiu encerrar com o ciclo de violência e findou o seu desejo de vingança contra o antigo vizinho ao limar o ódio que o perseguia. Permitindo o acesso de todos, também convidava a família e os parentes do seu vizinho algoz. Foi uma demonstração de muita gentileza e inversão da lógica da dominação, ao abrir mão da injúria passada, além de liberar um bem privado para o bem público, contribuindo, assim, para um bom convívio no povoado.

O vizinho da rua das lamas continua com sua mesma morada, porém um pouco mais velho e com uma família maior também. Mandara alguns filhos pra cidade e alguns deles retornaram. Frequentam as Cascalheira e fazem negócios conforme a necessidade com Zé. Assim, Zé e seu vizinho de esquina passaram a cultivar uma vida amistosa, sempre se cumprimentando ao se avistarem. No dia da padroeira da comunidade, Zé estava com uma réplica da santa

embrulhada como presente a andar pela rua onde seu vizinho estava sentado à porta.

– Fala, Bidu!

– E aí Zé, como vai?

– Tudo bem! E o senhor? Trouxe essa imagem de Nossa Senhora Aparecida de presente.

Zumbis do Cerrado

Franco Porto

Eu adorava ouvir meu avô falando todo saudosos sobre a terra onde ele nasceu e viveu. Dizia que o Cerrado era um berço das águas de tantos rios, riachos, nascentes, veredas e cachoeiras, sem falar no mundo de água subterrânea existente naquele lugar. Também sentia sua tristeza ao contar das transformações lá sofridas desde a chegada dos tais zumbis, que depois ficaram conhecidos como os zumbis do Cerrado.

Meu avô falava que, naquele tempo, os zumbis eram um estereótipo de morto-vivo bastante representado em livros, filmes e séries de TV. Geralmente, essas criaturas tinham pele decomposta, roupas rasgadas, olhos esbugalhados, um cheiro apodrecido e andavam cambaleando. Ao morderem uma pessoa, os zumbis a transformavam também numa morta-viva como eles.

Acontece que os zumbis do Cerrado eram diferentes dos demais. Meu avô achava que eles haviam passado por algum processo evolutivo, pois haviam desenvolvido uma camuflagem ideal para não causar repulsa. Mais que isso, alguns passavam despercebidos entre os humanos, e outros chegavam a disfarçar-se tão bem que geravam grande admiração das pessoas pela sua boniteza, pelos bens luxuosos ou pela ostentação. Muitas pessoas queriam ser como eles, sem saber o que aquelas criaturas eram de verdade.

Era o famoso “lobo em pele de cordeiro”. O que não mudava muito entre esse e os demais tipos de zumbis era sua hostilidade a qualquer tipo de vida. Só que agora, estando disfarçados, os zumbis do Cerrado sugavam toda a energia do local onde se instalavam, sem se preocupar com ofensivas humanas. Assim sendo, segundo meu avô,

eles se tornavam dominantes, mostrando-se cada vez mais ágeis e ferozes.

Em questão de pouco tempo, um ou dois zumbis do Cerrado já eram capazes de gerar grandes ameaças para comunidades inteiras de pessoas, de animais e de vegetais, bem como sérios riscos ao ambiente natural. Não havia terra e nem água suficiente para matar a fome e a sede deles. O desejo era grande e só aumentava, e como suas verdadeiras essências nunca eram descobertas, a maioria dos humanos não os via como inimigos a combater, embora meu avô falasse que algumas pessoas mais atentas sempre alertavam para as condutas egoístas deles.

A situação ainda ficava pior quando esses zumbis do Cerrado migravam para áreas mais isoladas. O Cerrado, nas falas de voinho, era composto por vastas e variadas paisagens de um interior profundo, com povos e comunidades tradicionais, que se constituíam num patrimônio histórico e cultural. Eu achava lindo quando ele falava essas coisas. Longe dos grandes centros, em lugares pacatos, os humanos se tornavam ainda mais suscetíveis ao domínio dessas criaturas. Aí é que os zumbis do Cerrado se achavam os reis do pedaço, donos de tudo e de todos.

No entanto, meu avô contava também sobre todo o potencial, por vezes, esquecido, dos habitantes dessa terra, um povo forte e resistente. Falava ainda do poder natural e até sobrenatural presente ali. Uma vez, ele me contou do lendário Nego D'água, que se retou com os tais zumbis do Cerrado e botou uma porção deles para correr. Tudo começou quando esses zumbis fizeram sérias incursões sobre um dos recursos mais importantes e primordiais da vida em si. Eles simplesmente tomaram quase que por completo o controle da água. Rios, riachos e nascentes serviam somente para o consumo deles. Os humanos ficavam apenas com as sobras da água que, muitas vezes, já estava com a qualidade comprometida pelo uso irresponsável e pelo excesso de esgoto e de veneno.

O Cerrado sempre foi místico, um lugar de segredos e mistérios. Nego D'água era uma lenda na região, famosa especialmente entre os ribeirinhos. Ele habitava os rios e aparecia para pescadores com frequência. Era negro, careca, atlético e muito alto. Havia também muita fantasia a seu respeito, algumas fantasias diziam que ele tinha pele escamosa, mãos e pés de pato com garras afiadas e orelhas pontudas.

Meu avô e também meu pai chegaram a conhecê-lo. Falavam que muita coisa era inventada sobre o Nego D'água, mas que ele tinha um temperamento forte, tanto para o bem quanto para o mal. Era bem-humorado, alegre e bondoso com aqueles que cuidavam do seu lar. Era considerado um protetor das águas, que adorava a calmaria das nascentes e a turbulência das cachoeiras. No entanto, Nego D'água também podia ser perverso com aqueles que prejudicassem seu ambiente, tornando-se um tormento para eles.

Certo dia, vendo tanta destruição, Nego D'água resolveu estudar bem de perto os tais zumbis do Cerrado. Subia e descia os rios da região só observando as criaturas. Percebeu que, apesar de parecerem fortes, as criaturas tinham fraquezas a serem exploradas. Eles tinham muito medo, por isso, eram tão ferozes. Nego D'água não podia aparecer num rio inesperadamente quando os zumbis do Cerrado estavam se banhando ou bebendo água, e só eram vistas a correria cambaleante e gritaria estridente deles. Os zumbis do Cerrado eram aversos ao que era diferente.

Além disso, os zumbis do Cerrado tinham pouca capacidade de raciocínio, tendo em vista que, ao sugarem os recursos naturais de forma descontrolada, também estavam fadados à sua própria destruição. Nego D'água percebeu ainda que, com o tempo, os corpos dos zumbis tendiam a se decompor, condição inerente aos mortos-vivos. Bastava olhar no fundo dos olhos deles que logo se percebia a falta de vivacidade. Então para aqueles que prestavam um pouco mais

de atenção, acabava se tornando fácil identificar os zumbis do Cerrado por mais disfarces que esses seres pudessem ter.

Para Nego D'água, a melhor maneira de fortalecer as defesas contra um possível apocalipse zumbi, que poderia se iniciar a partir do Cerrado, era unir e fortalecer as comunidades locais para resistir aos ataques, ensinando técnicas de sobrevivência e de combate. A causa da zumbificação no Cerrado era conhecida. Meu avô brincava dizendo que o responsável era o vírus ganancius, que era disseminado com rapidez, fazendo com que os zumbis do Cerrado se multiplicassem de maneira acelerada, fazendo com que, em poucas décadas, a matemática já estivesse a favor deles.

O estopim para uma ação mais energética de Nego D'água foi quando os zumbis do Cerrado secaram dois dos grandes rios de uma região conhecida como Além São Francisco, a Terra do Urucuia. O Rio de Ondas ficou somente em pedras e o Rio Grande se afogava em lama. Uma grande mortandade de peixes e outros animais veio em sequência. A população humana do local entrou em colapso. As batalhas por dinheiro deram lugar às brigas pela água, pela sobrevivência.

Nego D'água, que tinha sua moradia bem no encontro dos dois rios, numa caverna submersa lá no fundo da água, se viu desalojado. Resolveu fazer uma expedição e descobriu que uma gigantesca represa, que pegava de um rio ao outro, tinha sido construída. Era algo megalomaniaco, nunca visto antes, que tinha o objetivo de utilizar a água para a finalidade própria dos Zumbis do Cerrado e, também, de fragilizar as populações humanas, tendo em vista que a água é essencial à manutenção da vida. Como consequência, os dois rios na jusante secaram, causando um rastro de destruição, num efeito cascata, por onde os rios antes passavam. Até a sobrevivência do Nego D'água estava em risco.

Foi nesse instante que o inevitável aconteceu. Nego D'água acessou todo o seu poder e acionou os portais interdimensionais presentes no Cerrado, que são muitos. Portais capazes de levar a outras

dimensões de lugar e de tempo. Acontece que os zumbis do Cerrado não eram os únicos seres “diferentões” do local disfarçados de humanos. A região estava cercada de seres de outro planeta e também de seres do interior da nossa Terra. Isso mesmo, os intraterrestres e os extraterrestres já estavam por todos os cantos do Cerrado desde muito antes de os tais zumbis chegarem por lá.

Nego D’água, que por toda sua existência lutava pela preservação das águas, precisava de ajuda, e essa colaboração veio. O Cerrado era cheio de cavernas e túneis conectando diferentes lugares. Uma cachoeira sempre estava ligada a outra cachoeira. Seres que habitavam as cavernas, no fundo da terra, remanescentes da civilização de Atlântida, com seus poderes sobrenaturais, emergiram e inundaram novamente os rios da região. Não à toa, no Cerrado, temos os aquíferos Urucuaia, Bambuí e Guarani, que escondem não só uma, mas várias cidades perdidas, se é que você me entende.

A água voltou a aparecer em abundância e com toda a sua força purificadora. A represa foi destruída pelas próprias mãos de Nego D’água e seus amigos intraterrestres, que botaram muitos zumbis do Cerrado pra correr em fuga da região. Com a ajuda de meia dúzia de Pleiadianos, os zumbis do Cerrado, que ainda permaneciam em contra-ataques quase suicidas, foram colocados em Ovnis e levados para outros planetas. Era preciso buscar a cura para esses seres que estavam sob influência das trevas.

Os humanos então puderam voltar às suas atividades normais por muitas décadas, mas sabendo que agora precisavam ficar atentos, pois a qualquer momento os zumbis do Cerrado poderiam retornar e todo aquele drama se repetir. Afinal, o vírus presente nos zumbis dos Cerrados continuava por ali, e não era sempre que os humanos poderiam contar com a ajuda de seres elevados. Na verdade, essa história aconteceu há muito tempo no Cerrado, mas parece que algo parecido volta a acontecer por lá neste exato momento.

No entanto, pelo que já ouvi falar, desta vez são os próprios humanos que devem fazer a resistência aos zumbis do Cerrado. Nego D'água não pode ficar protegendo quem não se ajuda, quem sucumbe ao mal. No entanto, segundo informações, ainda são poucas as pessoas que se dão conta da necessidade de lutar contra essas criaturas e de defender a preservação da água do Cerrado. Então, você, que me lê agora mesmo, olhe bem no fundo dos olhos de quem está a seu lado e das pessoas que convive, e será capaz de identificar quem são os zumbis do Cerrado, pode confiar. E a partir disso, lute pela água, lute pelo Cerrado!

Autores

Adilma Vilela

Alagoana, professora, professora concursada da rede pública municipal de Barreiras – Bahia, mestranda do PPGE/UFOB. Tem graduação em Pedagogia - (UNEB-1992), Pós Graduação em Supervisão Educacional e psicologia Educacional, além de graduação em Direito (UNIDOM- 2016). Tem ampla experiência na área de Educação, com ênfase em Gestão de Unidades Escolares e Coordenação Pedagógica. É escritora, membro da Academia Barreirense de Letras, onde ocupa a cadeira de nº 6. Publicou o livro "Crônicas de Mima"(Mondrongo, 2021) e Novas Crônicas de Mima, no prelo, além da participação em outras obras literárias, a convite dos autores locais e regionais.

Alyssa Yasmin

Nascida na cidade de Barreiras, no Nordeste do Brasil. Ainda quando criança, já mostrava interesse nas áreas de humanas, e principalmente na escrita. Atualmente participa ativamente de concursos literários e busca se aprofundar em temas relacionados a psique humana.

Américo Paes Landin Neto

Homem negro, e ribeirinho, nascido e criado no encontro do Rio Grande com o São Francisco em Barra, Bahia. É poeta e escritor, licenciado em Letras-língua portuguesa e Literaturas (UNEB), mestrando em Ciências Humanas e Sociais-PPGCHS(UFOB). Atua como professor no município de Luís Eduardo Magalhães. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso de

ódio, homossexuais negres, análise de discurso e corporeidades de sujeitos negros e indígenas.

Ananda Lima

Professora e coordenadora pedagógica da Educação Básica em Barreiras e Riachão das Neves - BA. Atualmente cursa o mestrando em Ensino pela UFOB, graduada em Pedagogia pela UNEB. Membro da Academia Barreirense de Letras - ABL, desde 2016. Tem dois livros de literatura infantil publicados: “Fred, uma aventura na floresta” e “Julia e Letícia, vivendo com as diferenças”. É autora do livro de mensagens ‘Bálsamos para a existência’ e do livro de memórias, ‘Partindo para alto mar: um câncer e uma pandemia na rota’. Foi uma das organizadoras de duas obras coletivas: “Fraternidade em Movimento – 365 dias” e “Contos dos Cerrados”.

Antônia Maria Prado de Araújo

Licenciada em Letras Vernáculas com Literatura e Especialista em Técnicas de Leitura e Produção textual, pela Universidade do Estado da Bahia, *Campus IX* – Barreiras – Bahia. Professora emérita da Secretaria Estadual de Educação do Estado da Bahia. Participou de coletâneas “Parem as Máquinas, Um Ecoar de Almas”, “Bardos Baianos, 50 Tons de Rosa”; autora do livro “À Tona: Páginas de Areia”. Participa de projetos escolares, com poesias, faz revisão de artigos científicos e de livros de um modo geral. Confreira da Academia Barreirense Letras e representante da cadeira de Literatura no Conselho da Cultura e Turismo de Barreiras, Bahia.

Antonio Nonato Santos Oliveira

Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia/UFBA . É graduado em História pela UFBA e em Ciências Contábeis pelo Centro Universitário do Distrito Federal. É Perito Criminal Federal desde 2004, atuando em perícias contábeis relacionadas a processos

criminais de interesse da União. É barrense e pesquisador com interesse na História de Barra/BA e região.

Ariadne Godinho

Médica Pediatra, Hematologista pediátrica. Natural de Goiânia Goiás, Tocantinense de formação e Barreirense de coração. Docente no curso de medicina na UNINASSAU em Barreiras-BA. Coordenadora médica do Programa de Doença Falciforme- BA. Mãe interessada na saúde e na educação de crianças por isso autora de livros infantis, como O Bloco de Notas que Virou livro, O Cebolôquio e O Caracol Colorido.

Berenice Lima Peres

Mestranda em História Ambiental pela UFOB. Coordenou recentemente o Projeto “Vozes”, o qual vem criando uma política de Educação Ambiental para a Bacia do rio Grande, causa em que a autora vem se empenhando desde que chegou a Barreiras pelos idos de 1986. Fez televisão, rádio, jornal, teatro, cinema, música, dança e poesia vezes com a caneta na mão vezes com o corpo e a voz. Adora menino.

Brígida Neta de Freitas

Licenciada em Pedagogia, Terapeuta Integrativa, com especialização em Avaliação, Gestão Escolar e Informática Educativa. Atua como terapeuta, tendo como eixos estruturantes a Literatura Infanto Juvenil, as mandalas terapêuticas e artísticas, a escrita expressiva criativa, autêntica e poética.

Daniella Taveira dos Prazeres

É poeta, contista, professora da Educação Básica, natural de Barreiras, Bahia. Apaixonada pela família e pela arte da palavra. Licenciada em Pedagogia e Letras, com especialização em Literatura Contemporânea. Tem publicações em livros: “Memória de vida: poesia e prosa” (Paco Editorial, 2021). “Fraternidade em movimento: 365 dias” (ABL, 2022).

“Poiesis: antologia poética” vol. 4” e “Mulher e Poesia” (Cogito Editora, 2023 e 2024). “A margem do rio que sonhei” foi o conto selecionado no Concurso literário Osório Alves de Castro (UFOB, 2023). Começou a escrever na adolescência como forma de refletir sobre a sociedade e para superar as inquietações da vida.

Dalviene Pereira de Souza

Licenciada em Letras vernáculas e pós-graduada em Estudos linguísticos: leitura e produções de texto pela Universidade Estadual da Bahia. Professora de Língua Portuguesa e Arte no Ensino Fundamental II da rede municipal de Ensino de Baianópolis. Nascida no dia 18 de agosto de 1969, filha de Pedro Salustriano de Souza primo e Geneliza Pereira de Souza, ambos lavradores. Mãe de dois filhos, Ana Paula e João Victor. Sua escolarização começou aos sete anos de idade, numa escolinha da zona rural, que funcionava na casa da professora, apesar de trabalhar na zona urbana, tendo uma vida ligada ao campo. Gosta de escrever crônicas, memórias literárias e poemas. Encontra na escrita uma maneira de se comunicar com o mundo, de estar e de se sentir nele.

Dyego Jáder Neves Pinheiro

Bombeiro militar da Bahia, bacharel interdisciplinar em ciência e tecnologia e graduando do curso de medicina. Passou a escrever poemas e contos como forma de expressão política e para cura da alma.

Eromar Bomfim

Nasceu em Formosa do Rio Preto, Bahia. Filho de comerciantes, aos 13 anos mudou-se com a família para São Paulo. Estudou Letras na USP, onde fez uma pós-graduação em Literatura Brasileira. É autor dos romances *O Olho da Rua*, publicado pela Nankin Editorial, *Coisas do Diabo Contra* e *O Língua*, ambos pela Ateliê Editorial. Em 2021, saiu em Lisboa a edição Portuguesa de *O Língua* pela Vasco Santos Editor.

Evanilda Miranda da Silva

Natural de Crateús no estado do Ceará, tem formação nas áreas de Pedagogia e Teologia. Especialista em Neurociências e psicopedagogia. Mãe de quatro filhos. Autora de vários textos, contos e poemas. Atua como coordenadora pedagógica da Escola Municipal Antônia Matos de Oliveira, na cidade de Barreiras estado da Bahia.

Eva da Silva Pais

Natural de Brejolândia-BA, filha de Edite Fernandes da Silva e Lafaete Francisco da Silva, tem duas filhas. Profissional que atua na Rede municipal de ensino há mais de 25 anos, com experiência em docência nas classes do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, gestão escolar e coordenação pedagógica. É licenciada em Letras Vernáculas e Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Especialista Gestão Escolar (Faculdade São Salvador); Especialista em Educação Profissional integrada à modalidade de Jovens e Adultos (IFBA) e Especialista em Psicopedagogia (UNYAHNA). Tem publicação no livro 'Contos dos Cerrados' - ABL/2023'.

Franco Porto dos Santos

Bacharel e licenciado em Biologia, com especializações em PROEJA e em Gestão Sustentável de Recursos Naturais. Coursou Mestrado em Ciências do Ambiente e Doutorado em Ecologia. Atua como consultor ambiental e gestor de projetos de sustentabilidade. Passou a criar poemas, músicas e contos infantis como forma de suavizar a vida. É membro da Academia Barreirense de Letras (ABL).

Inácio Cordeiro

Natural de São Desidério - BA, morou por sete anos, década de 80, na capital goiana, onde aprimorou a arte da "Pintura Publicitária",

tornando-se empresário no ramo de Comunicação Visual em Barreiras - BA. É artista visual, também, escritor, poeta, autor dos livros “Textos & Telas” e “O Preto e Branco e a Poesia Colorida”, ambos ilustrados com obras de sua autoria, compreendendo desenhos, pinturas e esculturas. Ocupa a cadeira número sete da Academia Barreirense de Letras.

Jair Sardeiro Grinaldo

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGE/UFOB). Especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atua como Coordenador pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Cotegipe, Bahia e como professor da Educação Básica. Com uma infância rica em aventuras, revive cada uma delas e viaja em pensamentos ao tempo em que as escreve.

Kauê Porto Santarém Pinto

Kauê Porto Santarém Pinto, estudante de Medicina Veterinária, descobriu nas palavras um canal para explorar seu mundo interior. Entre a anatomia e os versos, ele utiliza a poesia para mergulhar nesse universo mágico e imaginativo.

Lancaster Diniz

Nascido em João Monlevade MG. Na infância morou em vários locais do Brasil de Manaus a Foz do Iguaçu. Formou em medicina na UFJF em 1996. E fez pediatria no Hospital materno infantil de Brasília. Veio para Barreiras em 2009. Local onde exerce a profissão até os dias atuais.

Marilde Queiroz Guedes

Marilde Queiroz Guedes pós-doutora em Educação/Universidade de Lisboa/PT. Doutora em Educação: Currículo pela PUC São

Paulo/Brasil. Professora da Universidade do Estado da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Pesquisa: Currículo, Formação de Professores e Políticas Educacionais. ORCID: 0000.0002-9722-7505. Atual Presidente da Academia Barreirense de Letras.

Miriam Hermes

Jornalista e escritora, nasceu em Sobradinho (RS), cresceu em Medianeira (PR) e mora desde 1984 em Barreiras, Bahia. Com passagem por diversos veículos de comunicação da cidade, desde 1997 é repórter do jornal A Tarde. Em 2009 lançou com Eduardo Lena o livro-reportagem biográfico “O Homem Geraldo Rocha”. No mesmo ano, se tornou membro da Academia Barreirense de Letras (ABL).

Rafael de Figueiredo Lopes

Comunicador e arte-educador. Atua como docente e produtor cultural, na interface entre artes visuais e artes cênicas. No âmbito da comunicação social, trabalha nas áreas de produção audiovisual e jornalismo cultural. Na área acadêmica, desenvolve pesquisas com ênfase em linguagens artísticas, ecossistemas comunicacionais e tecnologias digitais na educação.

Raimundo Augusto Corado

Natural de Santa Rita de Cássia, Bahia, fruto de escolas públicas. Em 1988, foi aprovado em concurso público para Oficial de Justiça em Barreiras, hoje aposentado. É Bacharel em Direito, escritor sonetista e cordelista autor da obra Versos & Rimas com duas edições e de alguns cordéis, como Queima Raparigal, Se o braço do rio falasse e Calos de um roceiro. Recentemente, decidiu compor contos, como **O OLHO QUE CHORA E FALA**, na obra Contos dos Cerrados, pela ABL. É membro fundador da Academia Santa-Ritense de Letras e membro efetivo da Academia Barreirense de Letras.

Robson José Batista

Natural da cidade do Gama em Brasília, Distrito Federal. Aos 12 anos veio para Barreiras, onde atua na área de Saúde Integrativa, Educação e Cultura. Atualmente, trabalha como Terapeuta Holístico nas áreas da psicanálise sistêmica e Quiropraxia. Professor de Teologia hebraísta. Graduando de Letras na UNEB.. Idealizador do Instituto Alef Beit, e autor de três obras em e-book, *Almas Gêmeas*, *Os 22 passos para o Saber* e *a Letra Beit e do alfabeto hebraico*. Autor de vários trabalhos em literatura de cordel, incluindo o título “ABC de um adolescente”, foi o autor de maior projeção nacional com aproximadamente 30 mil exemplares físicos vendidos. Membro da Academia Barreirense de Letras (ABL).

Théo de Araújo Santos

Pai, cientista, escritor, cantautor e professor universitário. No campo literário escreve em diferentes estilos, sendo os principais a literatura infantil e a poesia. Como destaques de sua produção, temos o conto “O Casamento do Nego D’Água com a Noiva da Mata”, premiado no 2º Concurso literário Osório Alves de Castro (UFOB), e a interpretação da música “Ponta Grossa”, finalista do 20º festival de música da Rádio Educadora FM Bahia. Em 2022, o escritor se tornou membro da Academia Barreirense de Letras (ABL), ocupando a cadeira de número 02.

Valney Dias Rigonato

Licenciado, mestre e doutor em Geografia. Professor do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação de Ensino (PPGE) da Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB. É escritor de livros didáticos e paradidáticos. Também escreve poemas, contos e artigos científicos e jornalísticos. É membro da Academia Barreirense de Letras (ABL)

Valdélia Bomfim Ramaccotte Miranda

Casada, mãe de dois filhos, educadora, professora, pedagoga, psicopedagoga, especialista em planejamento e gestão educacional e escritora. Participou de concursos literários de poesias e poemas tendo publicado seus textos literários nos livros Poetize 2021; Antologia Poética dos Bardos Baianos: Bacia do Rio Grande; Contos dos Cerrados; e Poiesis Vol.04. Participou da Bienal do livro em Salvador – Bahia no ano de 2022 com o lançamento do livro Rima Cor, Rima Flor no auditório da APLB - Sindicato e na FLIB/ Barreiras, Bahia. Atualmente é funcionária pública e atua como Orientadora Educacional na cidade de Formosa do Rio Preto, Bahia.

Wallas Gabriel Calazans

Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), atualmente, cursa mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza (PPGETNO) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Tem interesse por estudos que buscam compreender a relação dos seres humanos com a natureza, assim como os processos cognitivos que medeiam essa interação. Tem uma enorme paixão pelo bioma Cerrado

Outras Obras

ABL Selo Editorial



O livro *Fraternidade em Movimento – 365 dias*, é a concretização do projeto literário que se propôs a escrever uma mensagem para cada dia do ano. O livro reúne mensagens de 20 escritoras, entre estreantes e literatas experientes. O PDF do livre está disponível por meio do QRcode.



Trinta e um contos escritos pela ótica de diferentes experiências vividas e matizes socioculturais. Aqui você navegará pela literatura local e regional, ilustrada por histórias que transitam entre o cômico e o reflexivo. O livro pode ser adquirido para compra em seu formato físico ou digital por meio do QRcode:

